

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

Aquifer Open Bible Dictionary

This work is an adaptation of Tyndale Open Bible Dictionary © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Bible Dictionary, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عَرَبِيٌّ), French (Français), Hindi (हिन्दी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Dicionário Bíblico (Tyndale)

O

O Apocalipse de João, O Caminho, O destruidor, O dia do Senhor, O Egípcio, O livro das batalhas do Senhor Deus, O livro de Elcasai, O Mar Grande, O novo mandamento, O Paltita, O Perverso, Oade, Obadias (Pessoa), Obadias, Livro de, Obal, Obede, Obede-Edom, Obediência, Obelisco Negro, Obil, Oblação, Obote, Obra de lírios, Obstáculo, Ocrã, Ódio, Odres, Oel, Ofel, Ofender, Ofensa, Ofensa, Oferta de bebida, Oferta de cereais, Oferta de consagração, Oferta de gratidão, Oferta movida, Oferta movida, Oferta pacífica, Oferta pela culpa, Oferta pela culpa, Oferta pelo Pecado, Oferta queimada, Holocausto, Oferta voluntária, Ofertas e sacrifícios, Oficiais da Igreja, Ofir (Lugar), Ofir (Pessoa), Ofni, Ofra (Lugar), Ofra (Pessoa), Ogue, Olaria, Oleandro, Oleiro, Óleo, Óleo de unção, Olimpas, Oliveira, Oliveira do Paraíso, Oleastro, Oliveiras, Monte das, Om (Pessoa), Omar, Ômega, Onã, Onã, Onesíforo, Onésimo, Onias, Ônica, Onipotência, Onipresença, Onisciência, Ônix, Ono, Onri, Onze, os, Oolá e Oolibá, Oolibama, Oquina, Oração, Oração de Azarias, Oração de Azarias, Oração de Manassés, Oração do Senhor, A, Oráculo, Ordem, Mandamento, Ordenar, Ordenação, Orebe, Orebe, Pedra de, Orém, Orfa, Órfão, Órgão, Orgulho, Oriente, Filhos do, Órion, Ornã, Orontes, Ortosia, Orvalho, Os Césares, Oseias, Oseias (Pessoa), Oseias, Livro de, Osíris, Osnapar, Osnapar, Osso, Ossuário, Ostraca, Otni, Otniel, Ouriço, Ourives, Ourives, Ouro, Ovelha, Ovelha, Ox (Pessoa), Ozém, Oziel, Ozni, Oznita

O destruidor

O Apocalipse de João

Outro nome para o livro de Apocalipse.

Veja Apocalipse, Livro de.

O Caminho

"O Caminho" é um dos nomes aplicados à comunidade cristã primitiva ([At 9.2](#)). Tanto os judeus quanto as pessoas não religiosas usavam esse nome ao se referirem aos cristãos. O nome apareceu em discussões tanto positivas quanto negativas sobre a igreja ([19.9.23; 22.4; 24.14.22](#)).

O apóstolo Paulo usou o termo em sua defesa perante o governador romano Félix. Isso sugere que o nome tinha algum tipo de aceitação oficial ([24.14.22](#)). Muito provavelmente, esse nome veio da própria declaração de Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" ([Jo 14.6](#)).

1. Um agente divino enviado para executar uma sentença de destruição. O destruidor matou o primogênito do Egito, encerrando as pragas e libertando os hebreus da escravidão ([Êx 12.23](#); compare [Hb 11.28](#)). O apóstolo Paulo usou o termo para o julgamento de Deus sobre os israelitas rebeldes no deserto ([1Co 10.10](#); compare [Nm 16.44-50](#));
2. No plural, "destruidores" implica um grupo que causa destruição, sejam anjos ou humanos ([Jó 33.22; Jr 22.7](#));
3. De forma mais ampla, o "destruidor" é qualquer agente que causa destruição ([Jó 15.21; Jr 4.7](#));
4. Sansão foi chamado de destruidor pelos filisteus que o mantinham cativo ([Jz 16.24](#)).

O dia do Senhor

A frase "dia do Senhor" aparece uma vez no Novo Testamento. João a usa em [Apocalipse 1.10](#). Ele escreve: "No dia do Senhor fui dominado pelo

Espírito de Deus". A maioria dos cristãos hoje entende o dia do Senhor como sendo domingo.

A primeira menção de cristãos fazendo algo especial no domingo está na carta de Paulo à igreja em Corinto. Ele lhes diz para separar algum dinheiro no "primeiro dia de cada semana" para ajudar os crentes pobres em Jerusalém ([1Co 16.2](#)).

Por que o domingo era um dia importante?

O domingo já havia se tornado um dia importante para os cristãos quando Paulo escreveu à igreja em Corinto (por volta de 55–56 d.C.). Paulo lhes diz para separar dinheiro no primeiro dia da semana ([1Co 16.1](#)). Isso mostra que se reunir no domingo já era uma prática comum.

Paulo também menciona outras reuniões da igreja em 1 Coríntios (veja [5.4; 11.18–20](#)). Essas reuniões provavelmente aconteciam aos domingos. Durante esses encontros, a igreja também coletava dinheiro para ajudar nas necessidades locais (compare [1Co 9.7–14](#)).

Então, Paulo estava dizendo: "Quando vocês se reunirem no domingo e fizerem uma coleta, lembrem-se também dos crentes pobres em Jerusalém. Separem algo para eles também." Isso era um ato pessoal, mas conectado à reunião semanal da igreja.

Uma reunião de domingo em Trôade

Uma história mais detalhada sobre uma reunião de domingo vem de [At 20.6–12](#). Aconteceu na cidade de Trôade cerca de três anos depois que Paulo escreveu 1 Coríntios. A reunião durou a noite toda. Lucas, o escritor de Atos, foca na história de um jovem chamado Éutico. Ele adormeceu durante a reunião e morreu após cair de uma janela. Mas Paulo o trouxe de volta à vida. Embora Lucas não descreva tudo o que aconteceu na reunião, ele fornece detalhes suficientes para mostrar o que os primeiros cristãos faziam quando se reuniam aos domingos.

É importante que Lucas nos diga que a reunião em Trôade aconteceu em um domingo ([At 20.7](#)). No livro de Atos, ele geralmente menciona o dia apenas se for um sábado ou uma festa especial. Portanto, esse detalhe é significativo.

Lucas também usa uma palavra especial para "reunidos". O Novo Testamento frequentemente usa essa palavra quando os cristãos se juntam para adoração ([1Co 5.4](#)). Isso mostra que a reunião em Trôade não foi apenas um evento especial para

ouvir Paulo. Paulo já estava lá há seis dias. A reunião de domingo provavelmente era o horário regular de adoração semanal deles. A igreja em Trôade pode ter se reunido todos os dias, como a igreja em Jerusalém ([At 2.42, 46](#)). Mas eles tratavam a reunião de domingo como uma ocasião especial.

Conexões com o culto judaico

Lucas usa esta mesma palavra para descrever a pregação de Paulo ([At 20.7](#)). Ele a havia usado anteriormente para descrever a pregação de Paulo nas sinagogas judaicas em Éfeso e Corinto ([18.4; 19.8](#)). Isso mostra uma conexão entre o culto do sábado judaico e o culto cristão primitivo no domingo.

Quando os cristãos deixaram de se reunir nas sinagogas, provavelmente mantiveram um padrão semelhante para seus encontros. O culto na sinagoga geralmente incluía três partes principais: leitura das Escrituras, ensino e oração. O Novo Testamento não mostra as três acontecendo simultaneamente em uma reunião cristã, mas cada parte é mencionada em diferentes passagens.

Compartilhando o pão juntos

A principal razão pela qual a igreja em Troas se reunia no domingo era "para partilhar o pão" ([At 20.7](#)). Esta era uma expressão comum no Novo Testamento para compartilhar a Ceia do Senhor. Pode ter incluído também uma refeição compartilhada conhecida como festa do amor (compare [1Co 11.17–34](#)). A Ceia do Senhor logo se tornou a parte mais importante do culto de domingo para a igreja primitiva. Ajudava os crentes a lembrar que Jesus ressuscitou dos mortos. Também os lembrava de que Jesus estava presente com eles quando se reuniam. Para os cristãos, isso fazia do domingo o dia ideal para adorar e compartilhar a Ceia do Senhor juntos.

O dia do Senhor em Apocalipse

A terceira menção clara de domingo no Novo Testamento está em [Apocalipse 1.10](#). Este é o único versículo que o chama de "o dia do Senhor". Isso aconteceu cerca de 40 anos após a visita de Paulo a Trôade. João estava na ilha de Patmos, na costa do que hoje é a Turquia. Ele diz que estava adorando no dia do Senhor quando recebeu uma visão de Deus ([Ap 1.10](#)). Algumas pessoas acham que "dia do Senhor" aqui pode significar Páscoa, ou até mesmo o dia do juízo final que os profetas do Antigo Testamento mencionaram. Mas a maioria dos estudiosos da Bíblia concorda que

simplesmente significa “domingo”, com base em como os primeiros cristãos usaram a frase posteriormente.

O contexto imediato de [Apocalipse 1.10](#) deixa claro que João via o domingo como o dia do Senhor. Neste dia, os cristãos se reuniam para demonstrar seu total compromisso com Jesus como Senhor e Mestre ([Ap 1.8](#)). Jesus ressuscitou dos mortos no primeiro dia da semana, mostrando que ele é verdadeiramente Senhor (veja [Ap 1.18](#) e [Jo 20.25-28](#)).

Um dia, o mundo inteiro reconhecerá Jesus como “Rei dos reis e Senhor dos senhores” ([Ap 19.16](#); compare [Fp 2.11](#)). Mas até lá, a igreja demonstra essa verdade toda vez que os cristãos se reúnem para adorá-lo.

O Egípcio

Um homem não identificado do Egito liderou uma revolta violenta contra o domínio romano. Ele reuniu um grande grupo de seguidores, incluindo um grupo violento chamado *Sicarii* — rebeldes judeus conhecidos por usarem pequenas facas para assassinar seus inimigos. O Egípcio levou seus seguidores para o deserto.

Após uma perturbação no Templo, o comandante romano Cláudio Lísias perguntou ao apóstolo Paulo se ele era o rebelde egípcio mencionado em [At 21.38](#). O antigo historiador judeu Josefo também escreveu sobre esse homem. Ele relatou que o egípcio liderou uma rebelião fracassada que foi interrompida pelo governador romano Félix. O número de rebeldes na revolta difere entre as fontes, mas todos concordam que o egípcio escapou e nunca foi capturado.

O livro das batalhas do Senhor Deus

Um documento mencionado uma vez no Antigo Testamento. [Números 21.14](#) menciona-o em uma descrição da fronteira de Moabe no Rio Arnom. Embora não tenhamos mais este livro hoje, escritores antigos o usaram como fonte de informação. O livro provavelmente continha registros de como Israel conquistou a terra a leste do Rio Jordão (chamada Transjordânia).

Pode ser o mesmo que o “Livro do Justo” ([Is 10.13](#); [2Sm 1.18](#)). A passagem em [Números 21](#) é escrita como poesia e fala sobre as batalhas e vitórias de

Israel. Os estudiosos discordam sobre quais versículos vêm do Livro das batalhas do Senhor Deus. Alguns acham que é apenas o versículo [14](#), enquanto outros incluem o versículo [15](#), e ainda outros incluem os versículos [27-30](#).

O livro de Elcasai

Uma obra judaica perdida, escrita em aramaico, foi composta por Elchasai durante o reinado do Imperador Trajano. Trajano foi Imperador de Roma de 98 a 117 d.C. O livro de Elcasai foi destinado a seus seguidores, os Elcasaitas (ou Sabai), mas foi lido tanto por judeus quanto por grupos judeu-cristãos. Trechos do livro são citados pelos primeiros pais da igreja: Hipólito, Epifânio e Orígenes (citado em Eusébio).

O livro mistura ideias judaicas, cristãs, gnósticas e pagãs. O batismo está associado ao perdão dos pecados e é uma maneira de a pessoa ser curada. Exige uma forma de legalismo judaico, mas rejeita a necessidade de sacrifícios e de um sacerdócio.

O Mar Grande

O mar Grande é outro nome para o Mar Mediterrâneo. Os povos do antigo Oriente Próximo o chamavam de Grande Mar devido ao seu grande tamanho em comparação com os outros mares que conheciam ([Nm 34.6; Js 1.4](#) ARC).

Veja o Mar Mediterrâneo.

O novo mandamento

O novo mandamento é a instrução de Cristo para que os cristãos amem uns aos outros. O termo “novo mandamento” aparece quatro vezes no Novo Testamento, sempre nos escritos de João ([Jo 13.34; 1Jo 2.7,8; 2Jo 1.5](#)). Jesus deu este mandamento pela primeira vez aos seus discípulos na noite em que foi preso: “Eu lhes dou este novo mandamento: amem uns aos outros. Assim como eu os amei, amem também uns aos outros” ([Jo 13.34](#)). Este mandamento aparece em outros lugares na Bíblia ([Jo 15.12,17; Rm 13.8; 1Pe 1.22; 1Jo 3.11,23; 4.7,11-12](#)), mas não é chamado de “novo” nessas passagens.

Amar como um mandamento

Jesus já havia dito aos seus discípulos para amarem seus inimigos ([Mt 5.43-45](#)) e para amarem seus próximos como a si mesmos ([Lc 10.25-37](#)). O “novo mandamento” focava nos cristãos amando uns aos outros. Ele não substituía os outros dois mandamentos de amor. Jesus pretendia que este mandamento criasse um testemunho forte e convincente para aqueles fora da igreja. Isso mostraria que:

1. Seus seguidores amavam uns aos outros de uma maneira semelhante à de Cristo.
2. A verdadeira comunidade pode ser encontrada “em Cristo”.
3. O que Jesus disse sobre si mesmo e sua missão era verdade ([Jo 13.35; 17.21-23](#)).

Jesus usou a mesma palavra para “mandamento” que descrevia a lei do Antigo Testamento, conferindo ao seu novo mandamento a mesma autoridade. A lei do Antigo Testamento também incluía mandamentos para amar ([Lv 19.18,34; Dt 10.19](#)). O apóstolo Paulo referiu-se ao amor como a “lei de Cristo” ([Gl 6.2](#)), e Tiago chamou o mandamento do amor de “lei do Reino” ([Tg 2.8](#)) e “a lei perfeita que dá liberdade às pessoas” ([1.25; 2.12](#)).

A palavra “mandamento” também tinha outro significado. Muitos judeus no tempo de Jesus pensavam erroneamente que obedecer aos mandamentos os tornaria dignos da bênção de Deus ([Rm 8.3; Gl 3.2](#)). No entanto, Jesus deixou claro que o amor é uma consequência da bênção de Deus, não um requisito para merecê-la. Para Jesus, o mandamento mostrava como os abençoados deveriam se comportar. Os discípulos foram ordenados a amar da mesma forma que os ramos são “ordenados” a dar frutos: permanecendo conectados à videira (Jesus), os cristãos podem amar ([Jo 15.4](#)).

O que tornou algo novo?

O novo mandamento adquire seu caráter especial da “nova aliança” ([Jr 31.31-34; Lc 22.20; 1Co 11.25](#)), que Jesus estabeleceu na santa ceia. Sob a nova aliança, Deus “escreve” sua lei nos corações dos crentes ([Hb 10.16](#)). Isso significa que ele trabalha ativamente neles através do Espírito Santo ([Ez 36.27; 2Co 3.3](#)), dando-lhes um novo

desejo de obedecê-lo ([Rm 8.4; Gl 5.16](#)). O novo mandamento de amar é a parte principal da nova aliança ([Rm 13.8,10; Gl 5.14](#)). A obediência é, portanto, um presente, porque “porque o amor vem de Deus. Quem ama é filho de Deus e conhece a Deus” ([1Jo 4.7](#)). O amor é o resultado da fé ([1Jo 3.23](#)) e faz parte do próprio evangelho ([1Jo 3.11](#)).

A estreita conexão entre a nova aliança e o novo mandamento pode explicar por que o mandamento de amar foi chamado de “novo”. A vinda de Cristo marcou o início de uma nova era. João escreveu, “Pois a escuridão está passando, e já está brilhando a verdadeira luz” ([1Jo 2.8](#)). Quando Jesus se preparava para retornar ao céu ([Jo 13.33-35](#)), ele deu um único mandamento. Esse mandamento deveria guiar seus discípulos até o Dia do Juízo ([Jo 5.28-29; 1Jo 4.17](#)). Obedecer ao novo mandamento os identificaria como discípulos de Jesus durante sua ausência ([Jo 13.35; 17.21-23](#)). O mandamento era novo porque tinha um propósito especial nesta nova era.

O que tornou a era nova foi que a vinda de Jesus Cristo revelou Deus o Pai de uma forma nunca antes vista ([Jo 1.18; 10.30; 17.6-8](#)). Nenhum profeta jamais foi capaz de dizer: “Quem me vê, vê também o Pai” ([Jo 14.9](#)). Portanto, o comando de Jesus para que seus discípulos se amassem “como eu os amei” ([Jo 13.34](#)) era novo e chocante por qualquer padrão humano. Ninguém jamais amou perfeitamente como Jesus amou ([Jo 13.1](#)). Seguir seu exemplo de amor era um novo mandamento. A grandeza do amor de Jesus o levou a “dar a sua vida por eles” ([Jo 15.13](#)). Da mesma forma, João concluiu que “devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos” ([1Jo 3.16](#)). Amor significa nunca fechar o coração para um cristão necessitado ([1Jo 3.17](#)). Em vez disso, significa sacrificar alegremente o próprio bem em benefício de outro.

Veja também Mandamentos, Os Dez; Lei, Conceito bíblico.

O Paltita

Um nome para Heles, um dos valentes do rei Davi. Ele pode ter sido um descendente de Palti ([2Sm 23.26](#), leitura marginal da NVT). Ele pode ter vivido em Bete-Palete. Em [1 Crônicas 11.27](#), ele é chamado de “pelonita”.

Veja Bete-Palete.

O Perverso

Nome que Paulo usou para o Anticristo ([2 Ts 2.8-9](#)). Veja Anticristo.

Oade

Filho de Simeão ([Gn 46.10](#); [Êx 6.15](#)). Seu nome não aparece na lista de [Números 26.12-14](#).

Obadias (Pessoa)

1. Casa do governador de Acabe ([1Rs 18.3-16](#)). Obadias era um oficial importante que gerenciava a casa do rei Acabe. Elias o encontrou após uma longa seca e pediu-lhe que trouxesse Acabe até ele. Tanto Acabe quanto Obadias estavam procurando por água e pasto (versículo 5). Mesmo trabalhando para Acabe, Obadias permaneceu leal ao Senhor. Ele escondeu 100 profetas em cavernas e lhes forneceu comida e água.
2. Um descendente do rei Davi ([1Cr 3.21](#)).
3. Um descendente de Izraías da tribo de Issacar ([1Cr 7.3](#)).
4. Filho de Azel e descendente do rei Saul da tribo de Benjamim ([1Cr 8.38; 9.44](#)).
5. Filho de Semaías, que estava entre os primeiros levitas a retornar do exílio para Jerusalém. Ele morava em uma das aldeias dos netofatitas ([1Cr 9.16](#)). Ele é chamado de Abda em [Neemias 11.17](#). Veja Abda #2.
6. Um gadita que se juntou a Davi em seu refúgio no deserto. Ele era um guerreiro forte, habilidoso tanto com escudo quanto com lança. Ele também era muito rápido ([1Cr 12.8-9](#)).
7. O pai de Ismaías, comandante do exército de Zebulom ([1Cr 27.19](#)).

8. Príncipe de Judá durante o reinado do rei Josafá ([2Cr 17.7](#)). Ele se juntou a quatro outros oficiais e aos levitas para ensinar a lei em todas as cidades de Judá.

9. Um supervisor levita durante o reinado do rei Josias ([2Cr 34.12](#)). Ele estava encarregado da reparação do templo.
10. Filho de Jeiel ([Ed 8.9](#)). Ele se juntou a Esdras em sua jornada de Babilônia a Jerusalém, liderando 218 homens.
11. Um sacerdote que assinou a aliança de Esdras ([Ne 10.5](#)).
12. Um porteiro e levita que supervisionava os armazéns junto aos portões durante o tempo de Joaquim, filho de Jesua ([Ne 12.25-26](#)).
13. Um profeta que transmitiu uma mensagem de Deus contra Edom. Os edomitas celebraram quando Babilônia derrotou Jerusalém em 597 a.C. Obadias descreveu o comportamento dos edomitas em sua profecia ([Ob 1.11-14](#)). A profecia de Obadias é o livro mais curto do Antigo Testamento. Ela previu o julgamento de Deus sobre Edom (versículos [2-10, 15](#)).

Veja também Obadias, Livro de; Profeta, Profetisa.

Obadias, Livro de

O quarto livro dos profetas menores é o mais curto do Antigo Testamento.

Resumo

- Autor
- Contexto
- Conteúdo
- Significado teológico

Autor

Não sabemos muita coisa sobre Obadias, o profeta. A introdução no livro ([Ob 1.1](#)) não menciona o nome de seu pai ou de onde ele é.

Contexto

Obadias provavelmente era de Judá, pois demonstra profunda preocupação com os edomitas invadindo sua terra durante a destruição de Judá ([Ob 1.12](#)). Ele provavelmente teve sua visão sobre Edom ([Ob 1.1](#)) pouco antes de Jerusalém cair e Nabucodonosor devastar Judá em 586 a.C. Embora não haja evidências certas, Nabucodonosor pode ter invadido Edom em 582 a.C. O rei babilônico Nabonido permaneceu em Teima por vários anos, e a cidade de Tell el Kheleifeh, perto do Golfo de Acaba, prosperou no início do século. No entanto, Edom declinou no século VI a.C. devido à interferência de parceiros comerciais na Arábia e no sul, como Teima e Dedã.

Conteúdo

O profeta anuncia a queda de Edom ([Ob 1.1-4](#)). Um grupo de tribos árabes próximas planejou atacar Edom, o que fortaleceu sua mensagem ([Ob 1.1](#)). Essas tribos não perceberam que seu ataque a Edom fazia parte de um plano divino.

A destruição de Edom é anunciada ([Ob 1.2-9](#)) e sua queda é descrita ([Ob 1.2-4](#)). Edom, que parecia forte e segura em sua fortaleza rochosa na montanha ([Ob 1.3](#)), seria humilhada ([1.4](#)). A derrota de Edom seria total ([Ob 1.5-6](#)). Assim como ladrões e saqueadores atacam à noite, Edom seria despojada, com suas casas e vinhedos saqueados. Edom não receberia misericórdia, ao contrário de quando ladrões às vezes pouparam uma casa. Até mesmo aliados trairiam Edom ([Ob 1.7](#)), parceiros enganariam, e convidados armariam ciladas. Pegas de surpresa, Edom se tornaria uma presa fácil. No dia da ruína de Edom, os sábios pereceriam ([Ob 1.8](#)) e os soldados seriam desmoralizados e mortos ([Ob 1.9](#)).

Os erros de Edom são detalhados em [Obadias 1.10-15](#). Edom mostrou hostilidade em relação a Judá quando os babilônios atacaram. Em vez de ajudar, Edom manteve-se distante e agiu como um inimigo. Pior, Edom celebrou a desgraça de Judá, zombou do povo e tomou suas propriedades. Edom colaborou com a Babilônia, bloqueando os refugiados de Judá de escaparem e entregando-os aos inimigos. Essas ações trariam consequências para Edom.

No Dia do Senhor ([Ob 1.15-21](#)), o culpado Edom enfrentaria o julgamento de Deus junto com todas as nações. Após o desastre que Jerusalém enfrentou em 586 a.C., outro dia viria. Esse dia traria justiça e julgamento a favor de Israel.

Em uma nota positiva, o remanescente de Judá ([Ob 1.17,21](#)) sobreviveria. O local sagrado, Monte Sião, seria restaurado. Os edomitas cairiam sob o controle do remanescente de Israel. Como um fogo, Israel consumiria os restos de Edom ([Ob 1.18](#)) e recuperaria territórios perdidos ([Ob 1.19-20](#)).

Significado teológico

A profecia destaca o controle de Deus durante a perda de poder de Judá. Deus molda eventos no passado e no presente. No futuro, ele julgará os inimigos de Israel. Sião se tornará a orgulhosa capital de uma nação gloriosa, livre da influência pagã para sempre.

Veja também Israel, História de; Profecia; Profeta, Profetisa.

Obal

Ortografia alternativa de Ebal, descendente de Jocatá, em [Gênesis 10.28](#). Veja Ebal #2.

Obede

1. O primeiro filho de Rute e Boaz, listado entre os membros da família de Jesus ([Rt 4.17,21-22](#); [1Cr 2.12](#); [Mt 1.5](#); [Lc 3.32](#)).
Veja Genealogia de Jesus Cristo.
2. Filho de Jerameelita e Eflal ([1Cr 2.37-38](#)).
3. Um dos valentes de Davi ([1Cr 11.47](#)).
4. Filho de Semaías e um líder capaz que governou a casa de seu pai ([1Cr 26.6-7](#)).
5. Pai de Azarias, um capitão de Joiada ([2Cr 23.1](#)).

Obede-Edom

1. Homem sob cuja responsabilidade Davi colocou a arca da aliança ao transferi-la de Gibeá para Jerusalém ([2Sm 6.10-12](#); [1Cr 13.5-14](#)). Ele é chamado de gitita, indicando que nasceu em Gate. Esta não era a cidade filisteia de Gate, mas a cidade levítica no território de Dã conhecida como Gate-Rimom ([Js 19.45](#)). É provável que Obede-Edom

fosse um levita e, portanto, qualificado para cuidar da arca da aliança. A ação precipitada de Uzá ao tocar a arca quando os bois tropeçaram resultou em sua morte imediata. A consternação e o medo de Davi diante desse evento o levaram a reconsiderar sua intenção de levar a arca para Jerusalém. Aparentemente, a casa de Obede-Edom estava próxima, tornando conveniente deixar a arca sob seus cuidados. Quando Davi foi informado, após três meses, de que o Senhor havia abençoado grandemente Obede-Edom, ele percebeu que o julgamento sobre Uzá ocorreu porque a arca foi carregada de maneira contrária ao método prescrito na Lei ([Nm 4.15; 7.9](#)) e não porque o Senhor estava irado com Uzá. Ele ordenou que a arca fosse retirada da casa de Obede-Edom e levada para Jerusalém da maneira correta ([1Cr 15.25-28](#)). Aparentemente, Obede-Edom foi recompensado por seu serviço fiel ao ser nomeado guarda da arca em Jerusalém ([15.24; 26.4.8.15](#)). No entanto, alguns estudiosos acreditam que Obede-Edom, o guarda, era uma pessoa diferente da mencionada anteriormente.

2. Músico levita que ministrou diante da arca ([1Cr 15.21; 16.5.38](#)). Ele era filho de Jedutum, um dos principais cantores de Davi. Alguns estudiosos acreditam que o músico e o cantor eram homens diferentes.

3. Guardião levita dos vasos sagrados do templo, feito refém por Joás ([2Cr 25.24](#)).

Obediência

Ato ou instância de se submeter à restrição ou comando de uma autoridade; conformidade com as demandas ou pedidos de alguém sobre nós. As palavras mais comuns para obediência em hebraico e grego se referem a ouvir ou ouvir uma autoridade superior. Outra grande palavra grega inclui a ideia de submissão à autoridade no sentido de organizar ou ordenar-se sob alguém em posição de controle, comando. Uma terceira palavra grega sugere obediência que é um resultado mais de persuasão, do que de submissão.

Obediência a Deus e às autoridades humanas é uma obrigação enfatizada tanto no AT quanto no NT. Abraão foi adicionalmente abençoado em uma ocasião porque ele obedeceu a Deus ao oferecer Isaque, seu filho, no altar do Senhor ([Gn 22.18](#); cf. [26.5](#)). A bênção contínua de Deus sobre Israel em virtude da aliança do Sinai estava condicionada em obedecer à sua voz e manter sua aliança ([Êx 19.5](#)).

À beira de entrar em Canaã, Moisés colocou diante de Israel uma bênção e uma maldição — a primeira se eles ouvissem e obedecessem aos mandamentos do Senhor, e a última caso não o fizessem ([Dt 11.22-28](#)).

Deuteronômio adverte que a pena para filhos teimosos e rebeldes é, em primeiro lugar, castigo, e depois a morte por apedrejamento se elas persistentemente se negarem a ouvir ([Dt 21.18-21](#)).

Uma evidência de que uma pessoa é um filho de Deus é a obediência contínua aos mandamentos divinos ([1Jo 2.3-5](#)). Jesus disse que aqueles que o amam guardariam seus mandamentos ([Jo 14.15](#)). E Pedro, falando de cristãos, os chama de “filhos obedientes” ([1Pe 1.14](#); ver também [Hb 5.9; 11.8](#)).

Os cristãos devem prestar obediência a uma variedade de pessoas: crentes ao Senhor ([Jo 14.21-24; 15.10](#)), esposas aos seus maridos ([Ef 5.22-24; Cl 3.18; Tt 2.5; 1Pe 3.1, 5](#)), filhos aos seus pais ([Ef 6.1; Cl 3.20](#)), cidadãos aos seus oficiais governamentais ([Rm 13.1-7; Tt 3.1; 1Pe 2.13-14](#)), e servos aos seus mestres ([Ef 6.5; Cl 3.22; Tt 2.9; 1Pe 2.18](#)).

No entanto, apesar da forte ênfase sobre a obediência na Bíblia, tal obediência nunca é tomada como a base para a justificação pessoal diante de Deus. Paulo declara que a salvação é um presente de Deus que produzirá boas obras em nós ([Ef 2.8-10](#)). Assim também, Tiago fala de obras de obediência como fluindo da fé ([Tg 2.14-26](#)).

O próprio Jesus, na noite de sua traição, enfatizou pela repetição de que o amor por ele é medido pela obediência aos seus mandamentos ([Jo 14.15, 21, 23-24; 15.10](#)). Ele ressaltou isso afirmando que seu próprio amor pelo Pai era evidenciado pela obediência aos seus mandamentos ([14.31](#)). A Bíblia menciona muitas pessoas em que a obediência a Deus vem de sua fé e amor por ele ([Hb 11](#)). Por exemplo, Abel acreditava em Deus e ofereceu um sacrifício mais excelente (v. 4); Noé colocou sua fé na palavra de Deus e preparou uma arca (v. 7); pela fé Abraão deixou Ur por orientação de Deus, sem saber seu destino (v. 8); Moisés colocou sua fé em Deus e se negou aos privilégios de ser chamado filho do Faraó, preferindo se identificar com Israel, o povo de Deus (vv. 24-25). O maior exemplo de obediência baseado na confiança em Deus é o próprio Jesus Cristo. Ele se esvaziou, tomando a forma de um servo; ele se humilhou e se tornou obediente até a morte, até a morte em uma cruz ([Fp 2.7-8](#)).

Obelisco Negro

Um eixo de calcário negro que descreve os sucessos militares de Salmanaser III da Assíria durante os primeiros 31 anos de seu reinado. Salmanaser III governou de 858 a 824 a.C.

O obelisco tem dois metros de altura e é alisado em todos os quatro lados. Possui cinco fileiras de relevos baixos com inscrições em cuneiforme entre elas. As imagens mostram tributos sendo pagos por cinco partes do Império de Salmaneser.

De especial interesse para os estudantes da Bíblia é a segunda fileira de relevos, que mostra o rei Jeú do reino do norte de Israel ([2Rs 9-10](#)) curvando-se diante de Salmanaser. Treze israelitas estão com ele, trazendo tributo. A inscrição identifica Jeú e lista o tributo como incluindo tigelas e vasos de prata e ouro, estanho e um cetro real. Este relevo é a única imagem contemporânea de um rei israelita. Jeú é mostrado vestindo um manto longo com franjas, um gorro macio pontudo e uma barba curta arredondada. Seu pagamento de tributo data de 841 a.C., mas não há menção disso na Bíblia.

Obil

Ismaelita que servia como administrador dos camelos do Rei Davi ([1Cr 27.30](#)).

Oblação

Veja Ofertas e Sacrifícios.

Obote

Obote foi um local temporário de acampamento dos israelitas durante suas peregrinações no deserto. Estava localizado entre Punom e Abarim ([Nm 21.10-11; 33.43-44](#)). Sua localização exata é incerta. Alguns estudiosos tentaram identificar Obote com 'Ain el-Weiba, que fica a 53 quilômetros ao sul do Mar Morto no Vale do Arabá.

Veja Peregrinações no deserto.

Obra de lírios

Desenho de um lírio ou lótus usado em pilares antigos, inspirado pela grande vitória-régia encontrada ao longo do Nilo. Apareceu no vestíbulo do templo de Salomão ([1Rs 7.19-22](#)), ao redor da borda de um cálice (v [26](#)), e em inúmeras criações artísticas dos assírios, persas e outros povos do Oriente Próximo.

Veja também Mar de bronze; Bacia.

Obstáculo

Termo usado tanto literal quanto figurativamente para se referir a qualquer coisa que possa fazer alguém tropeçar.

A frase é usada literalmente em [Levítico 19.14](#), onde o povo de Israel é advertido a não "colocar na frente de um cego alguma coisa que o faça tropeçar", mas a "ter respeito para comigo, o seu Deus". Um uso figurado isolado ocorre em [Jeremias 6.21](#), onde Deus promete colocar uma pedra de tropeço diante do povo de Israel se eles não atenderem aos seus avisos.

O uso mais comum no Antigo Testamento, no entanto, é encontrado em Ezequiel, onde a frase é usada para se referir a ídolos e idolatria: "Filho do homem, estes homens levantaram os seus ídolos no seu coração e o tropeço da sua maldade puseram diante da sua face; devo eu de alguma maneira ser interrogado por eles?" ([Ez 14.3 ARC](#); também [7.19; 44.12](#)).

No NT, o termo essencialmente mantém seu significado hebraico. Mesmo assim, a expressão é usada figurativamente para falar das dificuldades encontradas por muitos judeus em acreditar que Jesus é o Filho de Deus. Em [1 Coríntios 1.23](#) Paulo afirma que anunciar o Cristo crucificado é uma "pedra de tropeço" ou um "obstáculo" para os judeus (veja também [Rm 9.31.32](#)). Em [Romanos 11.11.12](#), Paulo diz que essa resistência é, na verdade, parte do plano de Deus para espalhar suas riquezas pelo mundo. Finalmente, [1 Coríntios 8.9](#) usa "pedra de tropeço", em uma versão mais literal, para falar de algumas práticas que podem ser apropriadas em si mesmas, mas que também podem ter o efeito não intencional de ofender um irmão mais fraco (veja também [Rm 14.13](#)).

Ocrã

O pai de Pagiel. Pagiel foi o líder da tribo de Aser durante o tempo em que os israelitas viajaram pelo deserto ([Nm 1.13; 2.27; 7.72,77](#); [10.26](#)).

Ódio

O ódio é um sentimento intenso de aversão ou sentimentos semelhantes aos de um inimigo em relação a alguém ou algo. Ele pode levar uma pessoa a:

- Ter uma forte aversão por alguém ou algo
- Quer se vingar por ter sido prejudicado.

As Escrituras proíbem as pessoas de odiarem os outros ([Lv 19.17-18](#)) porque isso leva ao pecado. De fato, o ódio em si é considerado assassinato ([1Jo 3.15](#)). Somos chamados a deixar que Deus, o santo, vingue todas as injustiças ([Pv 20.22](#)), e somos ordenados por Jesus a amar nossos inimigos ([Mt 5.43-44](#)).

Nem todo ódio é ruim. A Bíblia nos diz:

- Deus odeia coisas más ([Pv 6.16-19](#))
- Deus odeia as pessoas más ([Sl 5.5](#))

A Escritura também contém expressões como "Todavia, Jacó eu amei, mas Esaú eu odiei" ([Mq 1.2-3](#)). Isso significa que Deus escolheu Jacó e não Esaú para ser o fundador do povo judeu. Da mesma forma, Jesus desafiou as pessoas a odiarem suas vidas e relacionamentos terrenos se quisessem segui-lo ([Lc 14.26](#)). Isso significa que elas devem escolher Jesus acima de tudo.

Odres

Recipientes feitos de pele de animal para guardar vinho. O termo é destacado na máxima de Jesus de que vinho novo não pode ser colocado em odres velhos, mas deve ser colocado em odres novos, porque o vinho novo, ao fermentar e se expandir, romperá os odres velhos e se derramará. O vinho novo deve ser colocado em odres novos, para que ambos possam ser preservados. Esta imagem indica que os novos ensinamentos de Jesus e o novo tipo de vida espiritual não poderiam ser colocados

no antigo Judaísmo. Eles exigiam um novo recipiente — ou seja, a igreja viva.

Oel

Descendente de Jeoaquim e Rei Davi ([1Cr 3.20](#)).

Ofel

1. Colina ou monte em Samaria onde ficava a casa de Eliseu ([2Rs 5.24](#)).
2. Fortificação na porção sudeste da antiga Jerusalém, bem acima das encostas do Vale do Cedrom, fortalecida por Jotão ([2Cr 27.3](#)) e Manassés ([33.14](#)). Isaías descreveu a destruição dessa fortaleza ao profetizar o julgamento de Deus sobre Jerusalém ([Is 32.14](#)). Após o exílio, os servos do templo viveram lá e repararam suas muralhas ([Ne 3.26-27; 11.21](#)). Josefo afirma que era perto do templo. Escavações arqueológicas no local tradicional em Jerusalém revelam fortificações que datam desde os tempos pré-israelitas até o período dos Macabeus.

Offender, Ofensa

As palavras "offender" e "ofensa" são usadas de duas maneiras principais na Bíblia:

1. Fazer algo errado por iniciativa própria
2. Levar outra pessoa a cometer um erro ou se enganar em sua fé

Fazendo de forma errada

Tanto no Antigo Testamento Hebraico quanto no Novo Testamento Grego, existem muitas palavras para pecado ou transgressão. Quando usamos as palavras "offender" ou "ofensa", focamos no pecado contra uma pessoa ou a lei, o que significa uma ofensa contra Deus ou contra as pessoas.

Pecado é principalmente uma ofensa contra Deus. Por exemplo, o povo de Edom ofendeu a Deus ao se vingar de Judá, então Deus os julgou ([Ez 25.12-13](#)). Israel ofendeu a Deus ao adorar Baal ([Os 13.1](#)). Quebrar a lei de Deus é chamado de ofensa cometida ([Dt 19.15](#); cp. [22.26](#); [25.2](#)). No Novo Testamento, Tiago fala sobre ofensas contra Deus e a lei de Deus ([Tg 2.10; 3.2](#)).

A Bíblia também aborda ofensas entre pessoas. Por exemplo, Abraão ofendeu Abimeleque ([Gn 20.9](#)). O chefe dos copeiros e o padeiro de Faraó ofenderam seu senhor ([Gn 40.1](#)). Às vezes, a ofensa é apenas alegada, e nenhum erro real foi cometido (e.g. [Gn 31.36](#); [2Rs 18.14](#); [Jr 37.18](#)). Paulo, defendendo-se perante o governador romano Festo, disse: “Eu não fiz nada contra a lei dos judeus, nem contra o Templo, nem contra o Imperador” ([At 25.8](#)).

A Bíblia também ensina como lidar com ofensas reais contra Deus e as pessoas. As ofensas devem ser reconhecidas e confessadas ([Os 5.15](#)). Uma resolução adequada diante de Deus é: “não vai pecar mais” ([Jó 34.31](#)). Precisamos fazer reparações pelas ofensas e perdoar as ofensas dos outros ([Ec 10.4](#); [Pv 17.9](#); [19.11](#)). Jesus Cristo morreu por nossas ofensas ([Rm 4.25](#); [5.15-21](#)). Ao nos voltarmos para Jesus, há perdão para todos os pecados.

Fazer o outro pecar

As palavras “ofensa” e “ofender” também significam fazer com que alguém tropece ou cometa um erro. Existem três maneiras de isso ocorrer:

- 1. Causa pessoal:** Algo dentro de uma pessoa pode levá-la a tropeçar. Jesus enfatizou a seriedade disso e sugeriu tomar medidas extremas para evitá-lo ([Mt 5.29-30](#); [18.8-9](#)).

- 2. Fazer outros tropeçarem:** Algo nas ações de uma pessoa pode levar outros a tropeçar. Jesus advertiu: “Ai do mundo por causa das coisas que fazem com que as pessoas me abandonem! Essas coisas têm de acontecer, mas ai do culpado!” ([Mt 18.7](#)). O Novo Testamento ensina que devemos viver de uma maneira que não faça os outros tropeçarem ([Rm 14.13](#)). O apóstolo Paulo diz: “Por uma questão de comida, não destrua o que Deus fez. Todos os alimentos podem ser comidos, mas é errado comer alguma coisa quando isso faz com que outra pessoa caia em pecado. O que está certo é não comer carne, não beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa que leve um irmão a cair em pecado” ([Rm 14.20-21](#); cp. [1Co 10.32](#); [2Co 6.3](#)).

3. **Ofensa à verdade:** As pessoas podem se ofender com a verdade, mesmo que quem a apresente não tenha culpa. Isaías descreve Deus como “uma pedra e uma rocha que fará com que os povos de Judá e de Israel tropeçem e caiam” ([Is 8.14](#)) porque as pessoas nem sempre aceitariam Suas exigências e o caminho da fé nEle. O Novo Testamento aplica essas palavras à ofensa do evangelho de Cristo ([Rm 9.32–33](#); [1Pe 2.8](#)). Durante Seu ministério, as pessoas se ofenderam com Jesus — por Seu nascimento humilde ([Mt 13.57](#)), pelo que Ele disse e fez ([Mt 15.12](#)), ou por causa do custo de segui-lo ([Mt 13.21](#)). Até mesmo alguns discípulos se ofenderam e se afastaram ([Jo 6.61](#)). Eventualmente, todos se ofenderam e fugiram dEle ([Mt 26.31–56](#)). Paulo falou da ofensa em pregar a cruz de Cristo. Ele poderia ter evitado a perseguição pregando uma mensagem que não ofendesse ninguém ([Gl 5.11](#)). Ele escolheu pregar a cruz, mesmo que fosse uma pedra de tropeço para os judeus e loucura para os não judeus ([1Co 1.23](#)).

Veja também Pecado.

Ofensa

Cometer algo errado contra a lei de Deus ou contra outra pessoa. Na Bíblia, ofensa é frequentemente outra palavra para pecado ([Mt 6.14–15](#)).

Veja Pecado.

Oferta de bebida

Veja Ofertas e Sacrifícios.

Oferta de cereais

A oferta de cereais é o termo usado na NTLH para o que muitas vezes é chamado de oferta de grãos. Era uma das ofertas dadas a Deus no Antigo

Testamento. A oferta de cereais demonstrava a dedicação e o compromisso de uma pessoa com Deus.

Veja Ofertas e Sacrifícios.

Oferta de consagração

Veja Ofertas e sacrificícios.

Oferta de gratidão

Veja Ofertas e sacrificícios.

Oferta movida

Partes dos sacrifícios e ofertas são destinadas ao Senhor e aos sacerdotes. *Veja Ofertas e Sacrifícios* (ofertas de comunhão).

Oferta movida

Uma oferta movida fazia parte do culto judaico antigo. Quando alguém trazia comida como uma oferta para Deus (chamado de oferta pacífica), o sacerdote levantava a primeira porção e a movia para frente e para trás diante do altar. Esta ação mostrava que a comida estava sendo apresentada a Deus. O sacerdote então comia esta porção da comida como representante de Deus.

Veja Ofertas e sacrificícios.

Oferta pacífica

Veja Ofertas e Sacrifícios.

Oferta pela culpa

Veja Ofertas e sacrificícios.

Oferta pela culpa

Veja Ofertas e sacrificícios.

Oferta pelo Pecado

Veja: Ofertas e sacrifícios.

Oferta queimada, Holocausto

Uma oferta queimada era um tipo de sacrifício no antigo Israel. Nesse sacrifício, um animal sem defeitos era completamente queimado no altar. Nenhuma parte do animal era comida, pois era totalmente consumido pelo fogo. Os israelitas ofereciam ofertas queimadas para buscar o perdão pelos pecados e restaurar seu relacionamento com Deus ([Lv 1](#)).

Veja Ofertas e sacrifícios.

Oferta voluntária

Uma oferta de paz voluntária a Deus ([Lv 7.16](#); [Dt 12.6](#)).

Veja Ofertas e sacrifícios.

Ofertas e sacrifícios

Principais expressões rituais da vida religiosa com ritos como libações, efusões e refeições sagradas. A ideologia expressa no complexo ritual de Israel tornou sua religião única no antigo Oriente Próximo. Os conceitos do ritual do Antigo Testamento também fundamentam a teologia do Novo Testamento em relação ao pecado e à reconciliação com Deus por meio da morte expiatória de Jesus Cristo.

Desempenho e ordem dos sacrifícios

A principal fonte para uma descrição do desempenho correto do ritual sacrificial é a seção de abertura de Levítico ([Lv 1-7](#)). Consiste em duas partes separadas. A primeira ([1.1-6.7](#)) é didática, tratando de duas categorias de sacrifício: aqueles de um “odor agradável”, a saber, o holocausto ([1.1-17](#)), a oferta de cereais ([2.1-16](#)) e as ofertas pacíficas ([3.1-17](#)); e os sacrifícios expiatórios, a saber, o pecado ([4.1-5.13](#)) e as ofertas de culpa ou transgressão ([5.14-6.7](#)). Atenção é dada aos detalhes minuciosos de cada ritual, e eles são agrupados de acordo com suas associações lógicas ou conceituais.

A oferta de cereal (ou de grãos) segue a oferta queimada porque sempre a acompanhava na prática real ([Nm 15.1-21](#); caps. [28-29](#)); também acompanhava a oferta de paz ([Lv 7.12-14](#); [Nm 15.3-4](#)). É dada ênfase especial à queima das partes internas de um sacrifício no altar para criar um “aroma agradável ao Senhor” ([Lv 1.9.17](#); [2.2.9.12](#); [3.5.11.16](#)). Quando o Senhor sentia o aroma agradável ([Gn 8.21](#)), era um sinal de favor divino; a recusa indicava o desagrado de Deus ([Lv 26.31](#)). O sacerdote oficiante evidentemente sabia como interpretar os sinais e informava ao ofertante se seu sacrifício havia sido aceito ([1Sm 26.19](#); cf. [Am 5.21-23](#)).

As ofertas pelo pecado e pela culpa eram expiatórias ([Lv 4.1-6.7.20](#)). As situações que exigem tais ofertas são listadas, e uma ênfase especial é dada ao manuseio do sangue no ritual.

A segunda seção principal nesta passagem ([Lv 6.8-7.38](#)) enfatiza os detalhes administrativos para as várias ofertas. Esta seção consiste em uma série de “instruções” para cada tipo de oferta referente à distribuição dos materiais sacrificiais. Alguns iam para o(s) sacerdote(s), alguns iam para o ofertante, e outros eram queimados no altar ou descartados fora do acampamento. Aqueles sacrificios designados como “santíssimos” deviam ser consumidos apenas por membros qualificados do sacerdócio ([Lv 2.3.10](#); [10.12-17](#); [14.13](#); [Nm 18.9](#)).

A oferta queimada é tratada primeiro porque era totalmente consumida no altar (e, portanto, não era comida por ninguém). Depois dela, seguem-se os sacrifícios distribuídos aos oficiais ([Lv 6.17.26.29](#); [7.1.6](#)), e no final vêm as ofertas pacíficas, uma parte significativa das quais era devolvida ao ofertante.

A ordem em que os sacrifícios são tratados nesta passagem também corresponde à sua frequência relativa nos rituais do calendário sagrado ([Nm 28.19](#); [2Cr 31.3](#); [Ez 45.17](#)). Isso seria particularmente importante para os sacerdotes e levitas de plantão no templo, pois eram responsáveis pela logística do ritual sacrificial diário, especialmente nos dias sagrados importantes; a gestão do armazém do templo era uma tarefa formidável ([1Cr 23.28-32](#); [26.15.20-22](#); [2Cr 13.10-11](#); [30.3-19](#); [34.9-11](#)).

Cada seção referente a uma oferta específica conclui com os detalhes logísticos ou administrativos peculiares a ela. Em seguida, há um resumo dos assuntos tratados até então ([Lv 7.7-10](#)), e a seção conclui com um tratamento das ofertas de paz (vv. [11-36](#)). Estas últimas não

desempenhavam um papel no calendário sagrado, exceto durante a Festa das Semanas ([23.19–20](#)); em todas as outras ocasiões, com as duas exceções do voto de nazireu e a instalação do sacerdócio, as ofertas de paz eram sacrifícios puramente voluntários e, portanto, não estavam sujeitas a qualquer contabilidade fixa.

Em outros contextos bíblicos, os sacrifícios são listados de acordo com a mesma ordem de “contabilidade” ou “administrativa”: holocausto, cereal e libação; pecado (ou culpa); e, às vezes, ofertas de paz. Um exemplo é a lista de doações feitas pelos líderes tribais para a dedicação do altar ([Nm 7](#)). A informação é organizada como um livro-caixa cotidiano do armazém do templo; o resumo classifica os animais como ofertas de holocausto, cereal, pecado e paz (vv. [87–88](#)) de acordo com as respectivas entradas de cada doador (vv. [15–17](#)). O escriba levítico tinha dois propósitos para tal registro: creditar os ofertantes e registrar os tesouros e suprimentos alimentares que chegavam. Muitos dos alimentos dados como ofertas eram, na verdade, destinados aos sacerdotes oficiantes ([Nm 18.8–11](#); [2Cr 31.4–19](#)).

Quando eram feitas prescrições sobre o tipo e número de ofertas a serem trazidas (e.g., [Nm 15.24](#)), a ordem de “contabilidade” geralmente era seguida. Isso era verdade para os sacrifícios calendários; ofertas queimadas, de cereais e libações eram listadas, seguidas por uma oferta pelo pecado para cada um dos seguintes: Lua Nova ([Nm 28.11–15](#)), cada dia da Páscoa (vv. [19–22](#)), o Festival das Semanas ([Lv 23.18–19](#); [Nm 28.27–30](#)), Trombetas ([29.2–5](#)), Dia da Exiação (vv. [8–11](#)), e cada dia da Festa dos Tabernáculos (vv. [12–16](#)).

Para sacrifícios exigidos em casos específicos, as instruções sobre quais ofertas trazer seguem esta sequência (por exemplo, a purificação de uma mulher após o parto, [Lv 12.6–8](#)). Note também as ofertas dadas na conclusão bem-sucedida de um voto de nazireu; o nazireu trazia ofertas queimadas, de pecado e de paz (com algumas ofertas de cereais especiais, [Nm 6.14–15](#)). No entanto, o sacerdote realizava o ritual real de acordo com uma ordem diferente; a oferta pelo pecado era feita primeiro, seguida pela oferta queimada e, finalmente, a oferta de paz (vv. [16–17](#)). No caso de um voto incompleto, o primeiro passo era oferecer uma oferta pelo pecado e depois uma oferta queimada para renovar o voto (v. [11](#)). A reconsagração do nazireu exigia uma oferta de culpa separada — um ato ritual distinto (v. [12](#)).

A descrição das ofertas feitas pelo príncipe de Israel nos últimos dias apresenta o mesmo contraste entre as duas ordens de sacrifícios. Nos feriados festivos, o príncipe trazia ofertas queimadas, de cereais e de bebida, mas ele as oferecia como ofertas pelo pecado, de cereais, queimadas e de paz ([Ez 45.17](#)). Esta segunda ordem de sacrifícios, na qual a oferta pelo pecado precede a oferta queimada, também foi seguida na rededicação do altar ([43.18–27](#)).

A mesma sequência “procedimental” de sacrifícios aparece em outras situações: a purificação do leproso — ofertas de culpa e pecado ([Lv 14.19](#)), seguida por uma oferta queimada (vv [12–20](#)); o homem com uma secreção — ofertas de pecado e queimadas ([15.15](#)); da mesma forma, a mulher com uma secreção (v [30](#)). A mesma ordem é seguida para os sacrifícios no Dia da Exiação ([16.3–6,11,15,24](#)).

O livro de Levítico fornece dois exemplos da ordem correta em que os sacrifícios eram oferecidos. Um é a ordenação de Arão e seus filhos. A oferta pelo pecado veio primeiro e depois a oferta queimada ([Ex 29.10–18](#); [Lv 8.14–21](#)). O ponto focal neste ritual foi o sacrifício de ordenação, ou literalmente “instalação”, uma forma especial de oferta de paz ([Ex 29.19–34](#); [Lv 8.22–29](#)). O segundo exemplo é a inauguração formal do sistema sacrificial no tabernáculo ([Lv 9](#)). Os sacrifícios para Arão foram ofertas pelo pecado e queimadas, seguidos pelos do povo: ofertas pelo pecado, queimadas, de cereais e de paz ([9.7–22](#)).

A mesma sequência foi seguida na purificação e restauração do templo em Jerusalém conduzida pelo Rei Ezequias ([2Cr 29.20–36](#)). Primeiro, foi feita uma grande oferta pelo pecado, seguida pelas ofertas queimadas acompanhadas por música e canto. Então, o rei proclamou que o povo havia se comprometido com o Senhor; neste novo estado de pureza, eles agora poderiam participar dos sacrifícios de devoção (ofertas queimadas) e ação de graças (ofertas pacíficas).

A ordem processual dos sacrifícios incorpora a ideologia do AT sobre como Deus pode ser abordado. Primeiro, a expiação pelo pecado precisava ser feita e, em seguida, a consagração total de si mesmo; estes são simbolizados pelas ofertas pelo pecado e/ou culpa e pelas ofertas queimadas e de cereais, respectivamente. Quando essas condições eram atendidas, o ofertante podia expressar sua devoção contínua por mais ofertas queimadas e também participar dos sacrifícios de comunhão (ofertas de paz) nos quais ele próprio

recebia uma grande porção do animal abatido (para compartilhar com seus amigos e os pobres em sua comunidade; [Dt 12.17-19](#)).

Descrição dos sacrifícios

A descrição a seguir dos diferentes tipos de sacrifício os abordará de acordo com a ordem "procedimental", ou seja, como etapas simbólicas na aproximação a Deus.

Exiação

Essas duas ofertas eram necessárias para expiar os pecados e transgressões:

1. Oferta pelo pecado ([Lv 4.1-5.13](#); [6.24-30](#)). Animais diferentes eram especificados de acordo com o status do ofertante. Um sumo sacerdote tinha que trazer um novilho jovem ([4.3](#)), assim como a congregação como um todo (v. [14](#)), exceto quando a questão era uma infração ritual ([Nm 15.24](#)). Um governante traria um bode macho ([Lv 4.23](#)), mas um plebeu poderia oferecer uma cabra fêmea (v. [28](#); [Nm 15.27](#)) ou um cordeiro ([Lv 4.32](#)). Se ele fosse indigente, poderia oferecer duas rolas ou dois pombos jovens (um dos quais seria uma oferta queimada; [5.7](#)), ou se fosse extremamente pobre, poderia até substituir por um décimo de um Efá de farinha fina ([Lv 5.11-13](#); cf. [Hb 9.22](#)).

O ofertante trazia o animal até a entrada do pátio do templo e colocava sua mão sobre ele ([Lv 4.4](#)). Ele não confessava seu pecado nesse ato porque o animal não estava sendo enviado embora (cf. o bode para Azazel, [16.21](#)); ao invés disso, ele estava se identificando com o sacrifício. O ofertante tinha que matar o animal no lado norte do altar ([4.24,29](#)). Os animais nunca eram abatidos no próprio altar. O sacerdote oficiante coletava o sangue; quando era um touro para si mesmo ou para a congregação, ele aspergia um pouco do sangue diante do véu dentro da tenda da congregação e colocava um pouco nos chifres do altar de incenso (vv. [5-7,16-18](#)). No Dia da Exiação, ele trazia o sangue sacrificial para si mesmo e para o povo no Santo dos Santos ([16.14-15](#)). De todos os outros animais, o sangue era aplicado nos chifres do altar do holocausto ([4.25,30,34](#)); o sangue das aves era aspergido no lado do altar ([5.9](#)). Finalmente, o sangue restante de qualquer oferta era derramado ou escoado na base do altar ([4.7](#)).

Os órgãos internos mais escolhidos, ou seja, o tecido adiposo sobre e nos intestinos, os dois rins e sua gordura, e o apêndice do fígado, eram todos oferecidos ao Senhor no altar ([Lv 4.8-10](#)). A

carcaça e os outras entradas eram queimados fora do acampamento quando se tratava de um touro para o sacerdote ou para o povo. Isso também era verdade para o touro usado na ordenação dos sacerdotes ([Êx 29.10-14](#); [Lv 8.14-17](#)). Caso contrário, o sacerdote que conduzia os ritos recebia a carne comestível como sua porção. Ele tinha que comê-la dentro da área do templo, e sua preparação era regida por regras estritas de pureza ritual ([Lv 6.25-30](#); cf. [10.16-20](#)). Uma oferta pelo pecado de um bode macho era apresentada em cada um dos feriados sagrados: a Lua Nova ([Nm 28.15](#)), cada dia da Páscoa (vv. [22-24](#)), o Festival das Semanas (v. [30](#)), o Festival das Trombetas ([29.5](#)), o Dia da Exiação (v. [11](#)), e cada dia da Festa dos Tabernáculos (vv. [16,19](#)). O sumo sacerdote também oferecia um touro por si mesmo e depois sacrificava um dos dois bodes no Dia da Exiação. Certos ritos de purificação exigiam ofertas pelo pecado menores, a saber, cordeiros ou aves: parte ([Lv 12.6-8](#)), limpeza da lepra ([14.12-14,19-22](#)), e abscessos e hemorragias ([15.14-15,29-30](#)) ou após contaminação enquanto sob um voto ([Nm 6.10-11](#)).

2. Oferta de culpa ([Lv 5.14-6.7](#); [7.1-7](#)). A oferta de culpa ou transgressão era um tipo especial de oferta pelo pecado (cf. [5.7](#)) exigida sempre que alguém tivesse sido privado de seu devido direito. Era necessário fazer a reparação do valor que havia sido fraudado, além de uma multa de um quinto ([5.16](#); [6.5](#)). O animal era geralmente um carneiro ([5.15,18](#); [6.6](#)). O leproso purificado e o nazireu contaminado tinham que trazer um cordeiro macho ([Lv 14.12,21](#); [Nm 6.12](#)). O ofertante aparentemente lidava com o sacrifício como faria com uma oferta pelo pecado, mas o sacerdote tinha que aspergir o sangue ao redor do altar ([Lv 7.2](#)). As vísceras eram queimadas no altar como de costume (vv. [3-5](#)). Parte do sangue era então aplicada na ponta da orelha direita do leproso purificado e no polegar e dedão do pé direito ([14.14](#)). Novamente, o sacerdote recebia a maior parte da carne do animal para alimento ([7.6-7](#); [14.13](#)). Uma oferta de culpa era exigida sempre que outra parte tivesse sofrido alguma perda. Infrações rituais, como comer as "coisas sagradas" sem a devida autorização ([5.14-19](#); [22.14](#)), exigiam o pagamento da quantia que deveria ter sido destinada ao Senhor, além da multa de um quinto que ia para o sacerdote ([Lv 5.16](#); [2 Reis 12.16](#)). O leproso pertence a esta categoria, pois durante o tempo de sua infecção ele não podia prestar serviço a Deus ([Lv 14.12-18](#)). O mesmo se aplica ao nazireu que havia sofrido contaminação enquanto

estava separado para Deus pelo voto; assim, uma oferta de culpa era necessária ([Nm 6.12](#)). A violação dos direitos de propriedade de outra pessoa só poderia ser expiada pela oferta de culpa e seu adicional de um quinto. Tais questões incluíam fraude em depósitos ou segurança, roubo ou opressão, não relatar o achado de alguma propriedade perdida, ou falso juramento ou não testemunhar ([Lv 6.1-5](#)). Relações sexuais com uma escrava prometida também eram uma violação dos direitos de propriedade ([19.20-22](#)). Se a parte ofendida não estivesse mais viva e não tivesse parentes sobreviventes, o pagamento ia para o sacerdote ([Nm 5.5-10](#)).

Ofertas de consagração

Esses rituais geralmente vêm à mente quando se ouve a palavra "oferta". Eles representam atos de compromisso pessoal que devem acompanhar o arrependimento expresso nas ofertas pelo pecado e pela culpa. Além disso, eram um pré-requisito para os sacrifícios de comunhão ou comunitários que poderiam seguir.

1. Holocausto ([Lv 1.3-17](#); [6.8-13](#)). O holocausto poderia ser um touro, uma ovelha ou uma ave. O ofertante apresentava o animal, colocava sua mão sobre ele e o matava no lado norte do altar. A ave era simplesmente entregue ao sacerdote. Este último coletava o sangue, apresentava-o diante de Deus e depois o aspergia ao redor do altar. Quando a oferta era uma ave, ele torcia sua cabeça e drenava o sangue ao lado do altar. Embora o abate e a aspersão do sangue relacionem o holocausto aos sacrifícios expiatórios da seção anterior, a principal ênfase aqui é matar o animal, lavar suas partes impuras e depois arranjar cuidadosamente todas as peças no altar. Tudo isso era então consumido no altar como um aroma agradável ao Senhor. Como os holocaustos eram oferecidos de manhã e à noite, era necessário um bom suprimento de madeira junto ao altar. O sacerdote oficiante, vestido com roupas adequadas, tinha que manter o fogo continuamente aceso ([6.8-13](#)).

As ofertas queimadas desempenhavam um papel proeminente nos sacrifícios do calendário ritual. A oferta queimada contínua era feita duas vezes ao dia, um cordeiro macho de manhã e à noite ([Ex 29.38-42](#); [Nm 28.1-8](#)). Dois cordeiros adicionais eram sacrificados a cada sábado ([Nm 28.9-10](#)).

Exceto por estas ofertas diárias, uma oferta pelo pecado de um bode geralmente era feita junto com as ofertas queimadas nos seguintes feriados: Para a Lua Nova no início de cada mês, dois novilhos, um

carneiro e sete cordeiros machos eram oferecidos ([Nm 28.11-14](#)). Os mesmos eram exigidos para cada dia do festival da Páscoa (vv. [19-24](#)) e novamente na Festa das Semanas (vv. [6-29](#)). No Festival das Trombetas e no Dia da Expiação, a exigência era um novilho, um carneiro e sete cordeiros ([29.2-4](#)).

A Grande Festa dos Tabernáculos era marcada por uma série de holocaustos elaborados, além de um bode por dia como oferta pelo pecado. No primeiro dia, eram oferecidos 13 novilhos, 2 carneiros e 14 cordeiros machos ([Nm 29.12-16](#)). A cada dia sucessivo, o número de novilhos era reduzido em um até que, no sétimo dia, havia apenas sete (os carneiros e cordeiros permaneciam os mesmos; [29.17-25](#)). No oitavo dia, os animais exigidos para as Trombetas e a Expiação eram oferecidos, a saber, um novilho, um carneiro e sete cordeiros.

Certos rituais de purificação também exigiam holocaustos além das ofertas pelo pecado: após o parto ([Lv 12.6-8](#)), abscessos ([15.14-15](#)) e fluxos (vv. [29-30](#)); ou após a contaminação durante um voto de nazireu ([Nm 6.10-11](#)). Embora não seja declarado que ofertas de cereais fossem exigidas nesses casos, elas certamente eram para a purificação da lepra ([Lv 14.10,19-22,31](#)) e a conclusão do voto de nazireu ([Nm 6.14-16](#)).

2. Oferta de grãos (cereal) ([Lv 2; 6.14-23](#)). O termo hebraico que se refere a esta oferta específica significa "presente" ou "oferta", incluindo animais ([Gn 4.3-5](#); [Iz 6.18](#); [1Sm 2.17](#)). No contexto sacrificial específico, significa uma combinação de farinha fina, azeite de oliva e incenso que poderia ser feita na forma de pães assados, bolachas ou pedaços. A oferta das primícias deveria ser de espigas esmagadas de grãos novos ([Lv 2.14](#)). Nenhum fermento ou mel era permitido nos bolos, embora essas mesmas mercadorias pudesse ser aceitas como oferta de primícias. Elas não iam para o altar, mas eram dadas ao sacerdote. O ofertante tinha que levar os pães ou bolachas preparados ao templo. O sacerdote queimaria um punhado no altar como sua "porção memorial" (v [2](#)), mantendo o restante para seu próprio alimento ([6.16](#); [7.9](#)). Mas quando o sacerdote fazia uma oferta de cereais em seu próprio nome, ele queimava tudo no altar ([6.22-23](#)).

Uma oferta de cereais era geralmente apresentada com cada oferta queimada, especialmente aquelas relacionadas ao calendário sagrado ([Nm 28-29](#)). As quantidades de farinha e óleo eram determinadas de acordo com o animal sacrificado: três quilos de farinha e metade de um litro e três quartos de

óleo para um touro, dois quilos de farinha e um litro de azeite para um carneiro, e um quilo de farinha mais um litro e um quarto de azeite para um cordeiro ([15.2-10](#)). Outras ocasiões propícias para uma oferta de cereais incluíam a purificação de um leproso ([Lv 14.10,20-21,31](#); quantidade não especificada de grãos com um pássaro) e a conclusão bem-sucedida de um voto de Nazireu ([Nm 6.13-15](#)).

As ofertas pacíficas eram invariavelmente seguidas por ofertas de cereais ([Lv 7.12-14](#); [Nm 15.4](#)). O sacerdote recebia um de cada par de bolos ou bolachas. O restante era devolvido ao ofertante para ser consumido com a carne do animal sacrificial em um local de sua escolha.

Um caso especial em que tal oferta foi usada foi o quilo de farinha de cevada exigido no ritual de ciúmes. Não deveria ter óleo ou incenso ([Nm 5.15,18,25-26](#)). Um indivíduo muito pobre tinha permissão para trazer um quilo de farinha fina sem óleo ou incenso como oferta pelo pecado ([Lv 5.11-13](#)).

3. Oferta de bebida ([Nm 15.1-10](#)). A libação padrão era de um litro e três quartos de vinho para um cordeiro, um terço para um carneiro e metade para um touro. O vinho ([Êx 29.40](#)), também chamado de "bebida forte" ([Nm 28.7](#)), é provavelmente um substituto intencional para o sangue usado por outras nações ([Sl 16.4](#)). A libação era classificada como uma oferta de "aroma agradável" ([Nm 15.7](#)). Assim como na oferta queimada, toda a oferta de bebida era consumida; nada era dado ao sacerdote ([28.7](#)).

As ofertas de bebida acompanhavam a oferta diária ([Êx 29.40-41](#); [Nm 28.7](#)) e a oferta do sábado ([Nm 28.9](#)), assim como o festival da Lua Nova. Também são mencionadas em conexão com o segundo e os dias seguintes da Festa dos Tabernáculos ([29.18,21](#)); para o primeiro dia, sua ausência é provavelmente não intencional. O mesmo pode ser verdade para a Páscoa, Primícias e Festa das Trombetas ([Nm 28.16-29.11](#); cf. [Ez 45.11](#)). Uma libação era exigida para os ritos que concluíam um voto de nazireu ([Nm 6.17](#)), mas não para a purificação de um leproso ([Lv 14.10-20](#)).

Ofertas de comunhão

Esses sacrifícios eram voluntários por parte do ofertante e geralmente não eram impostos por regulamentos, exceto para o nazireu ([Nm 6.17](#)) e a Festa das Semanas ([Lv 23.19-20](#)). Um ofertante que já havia cumprido os requisitos rituais para

exiação e consagração pessoal estava autorizado a fazer uma oferta de comunhão. Ofertas queimadas frequentemente acompanhavam os sacrifícios de comunhão como uma expressão adicional de devoção.

1. Oferta de paz ([Lv 3; 7.11-36](#); [Am 5.22](#)). Esta é a categoria básica de todas as ofertas de comunhão ou comunitárias; as outras são simplesmente subclasse da oferta de paz. Em termos de santidade ou restrição, elas não eram tão rigidamente limitadas como as outras ofertas. Animais do rebanho ou do gado, macho ou fêmea ([Lv 3.1,6,12](#)), eram permitidos. A exigência usual de ausência de defeitos estava em vigor, exceto no caso da oferta voluntária, na qual o animal poderia ter um membro mais longo que o outro ([22.23](#)). Bolos sem fermento também eram necessários, pelo menos para as ofertas de gratidão ([7.12-13](#)) e nazireu ([Nm 6.15-19](#)). Cada um desses três tipos de ofertas de paz será discutido abaixo, com suas características especiais.

As primeiras partes do ritual — a apresentação e a imposição das mãos — eram idênticas às dos outros sacrifícios. No entanto, o animal era abatido na porta do pátio do santuário e não no lado norte do altar ([Lv 3.1-2,7-8,12-13](#); [7.29-30](#)). O sacerdote recolhia o sangue e o lançava contra o altar, como fazia com a oferta queimada ([3.2,8,13](#)). As vísceras escolhidas eram oferecidas como um "aroma agradável" ([3.3-5,6-11,14-16](#)).

O sacerdote também recebia uma certa porção da oferta. Ele podia comê-la em qualquer lugar ritualmente limpo e compartilhá-la com sua família ([Lv 7.14,30-36](#); [Nm 6.20](#)), em contraste com sua porção de outros sacrifícios, que ele tinha que comer em algum lugar no recinto do templo ([Nm 18.10-11](#)). Ele recebia um dos bolos e o peito como oferta de movimento e a coxa direita como uma contribuição para o ofertante. Esta última é a chamada "oferta alçada"; o termo técnico se desenvolveu a partir de uma raiz que significa "ser alto" e significa "aquel que é levantado". A oferta alçada não representava realmente um tipo especial de cerimônia ritual.

O ato ritual da oferta de paz culminava com uma refeição de comunhão. Exceto pelas partes no altar ou dadas ao sacerdote, o corpo do animal era devolvido ao homem que o ofereceu. Ele precisava prepará-lo como uma refeição comunitária para si, para sua família e para o levita em sua comunidade ([Dt 12.12,18-19](#)). Isso deveria ocorrer no santuário oficial ([Dt 12.6-7,11-12,15-19](#); cf. [1Sm 1.3-4](#)) e os participantes tinham que observar

regras estritas de pureza ([Lv 7.19–21; 19.5–8](#)). Isso pode ser contrastado com o abate ritual de animais para um banquete, que era permitido em qualquer altar local ([Dt 12.16,20–22](#)). A carne da oferta de gratidão precisava ser consumida no mesmo dia do sacrifício ([Lv 7.15](#)), enquanto a das ofertas votivas ou voluntárias poderia ser consumida no dia seguinte (vv [16–18](#)). O que restasse então precisava ser queimado antes que o prazo expirasse.

Somente três vezes há uma demanda específica por uma oferta de paz: na Festa das Semanas ([Lv 23.19–20](#)), ao completar um voto de nazireu ([Nm 6.17–20](#)) e na instalação do sacerdócio ([Ex 29.19–22.28](#)). Outras ocasiões rituais públicas incluíam a inauguração do templo ([1Rs 8.63; 2Cr 7.5](#)). Eventos em nível nacional que evocavam a oferta de paz eram a conclusão bem-sucedida de uma campanha militar ([1Sm 11.15](#)), o fim de uma fome ou pestilência ([2Sm 24.25](#)), a confirmação de um candidato ao trono ([1Rs 1.9,19](#)) ou um tempo de avivamento religioso ([2Cr 29.31–36](#)). No nível local, elas eram oferecidas na reunião anual da família ([1Sm 20.6](#)) ou em outras ocasiões festivas, como a colheita dos primeiros frutos ([Ex 22.29–31; 1Sm 9.11–14,22–24; 16.4–5](#)).

2. Oferta movida. A primeira porção da oferta de paz era "movida" perante o Senhor para significar que o sacerdote a estava comendo como representante de Deus (o movimento real evidentemente se assemelhava ao manejo de uma serra ou de um bastão, [Is 10.15](#)). O mesmo termo técnico, "oferta movida", também era usado para outros tipos de oferta: metais preciosos doados para a confecção dos artefatos cultuais ([Ex 35.22; 38.29](#)) e a oferta pela culpa do leproso purificado ([Lv 14.12](#)).

3. Oferta voluntária. Esses presentes, trazidos para as santas convocações que ocorriam três vezes por ano ([Ex 23.16; 34.20; Dt 16.10,16–17; 2Cr 35.8; Ed 3.5](#)), eram voluntários ([Lv 7.16; 22.18,21–23; 23.28; Nm 15.3; 29.39; Dt 12.6,17](#)). Assim como a oferta voluntária, a oferta voluntária poderia ser um holocausto em vez de uma oferta pacífica ([Lv 22.17–24; Ez 46.12](#)). Se fosse a última, a carne poderia ser comida no segundo dia, mas deveria ser queimada antes do terceiro ([Lv 7.16–17](#)). Ao contrário de algumas outras ofertas pacíficas, o animal sacrificado poderia ter um membro mais longo que o outro ([22.23](#)).

4. Oferta de instalação. Este termo hebraico refere-se ao estabelecimento de pedras preciosas ([Ex 25.7; 35.9,27; 1Cr 29.2](#)), então "instalação" parece

uma tradução apropriada. Estava relacionado com "encher a mão", um ato ritual que consagrava alguém ao serviço divino ([Êx 28.41](#); cf. [32.29](#)) e exigia pureza ritual e devoção espiritual ([2Cr 29.31](#)). Os detalhes da cerimônia original na instalação do primeiro sacerdote são descritos em duas passagens ([Êx 29.19–34; Lv 8.22–32](#)).

Veja também Expiação; Pureza e impureza, Regulamentos relacionados; Festas e festivais de Israel; Tabernáculo; Templo.

Oficiais da Igreja

Os oficiais da igreja são líderes que servem em posições oficiais dentro de uma igreja, ajudando a guiar a congregação e a fornecer liderança em áreas como ensino, administração e cuidado pastoral. Os papéis e títulos específicos variam entre as tradições cristãs, mas a maioria das igrejas possui uma estrutura de liderança reconhecida, baseada em papéis mencionados no Novo Testamento.

Veja Bispo; Diácono, Diaconisa; Ancião; Supervisor; Pastor; Presbítero; Sacerdócio; Dons Espirituais.

Ofir (Lugar)

Lugar para o qual Salomão enviou uma frota de navios mercantes para trazer ouro e todo tipo de produtos preciosos e exóticos. A localização de Ofir não é certa; a maioria dos estudiosos a coloca no sudoeste da Arábia. Pode haver uma relação entre o lugar e o homem chamado Ofir que aparece na tabela das nações como um filho de Jocatã ([Gn 10.29](#); cf. [1Cr 1.23](#)), um descendente de Sem. Os nomes de Jocatã e seus filhos estão ligados às partes sul e oeste da Arábia.

[Primeiro Reis 9.26–28](#) relata que Salomão construiu uma frota de navios mercantes em Eziom-Geber, que ficava perto de Elate, no Golfo de Ácaba. Hirão, rei de Tiro, forneceu marinheiros para acompanhar os de Salomão. Esta expedição retornou com 14 mil quilos de ouro para Salomão. [Primeiro Reis 10.11](#) acrescenta que a frota de Hirão trouxe de Ofir uma grande quantidade de madeira de almugue (ou sândalo) e pedras preciosas.

Mais tarde, Josafá construiu "navios de Társis" para ir a Ofir buscar ouro, mas os navios naufragaram em Eziom-Geber. Então Acazias, filho de Acabe de Israel, ofereceu-se para enviar seus homens com os

marinheiros de Judá, mas Josafá recusou (veja [1Rs 22.48-49](#)).

O principal produto de Ofir era o ouro fino. Elifaz, o temanita, comenta que o Todo-Poderoso deve ser o ouro de alguém em vez do ouro de Ofir ([Jl 22.24](#)). O próprio Jó declara que a sabedoria é muito mais valiosa do que todo o ouro de Ofir ([28.16](#)). Em sua descrição das glórias do rei, o salmista descreve sua rainha à sua direita como usando joias do mais fino ouro de Ofir ([Sl 45.9](#)).

Alguns sugerem que os navios de Társis mencionados ([1Rs 10.22](#)) eram aqueles que iam a Ofir e retornavam a cada três anos com ouro, prata, marfim, macacos e pavões. Comerciantes traziam os produtos, alguns de lugares tão distantes quanto a Índia, para os portos de Ofir, onde os representantes de Salomão os compravam.

Ofir (Pessoa)

Filho de Jocatã e descendente de Sem através da linhagem de Arfaxade ([Gn 10.29](#); [1Cr 1.23](#)).

Ofni

A aldeia foi atribuída a Benjamim após Israel tomar posse da Palestina ([Is 18.24](#)). Sua localização exata é desconhecida, mas alguns escritores antigos sugerem que seja a cidade de Gofna (atual Jifna) na estrada de Samaria a Jerusalém, a um dia de marcha ao norte de Gibeá. Esta identificação assume que a fronteira de Benjamim se voltava para o norte perto de Betel, na fronteira norte. A moderna Jifna está localizada a 4,8 quilômetros a noroeste de Betel.

Ofra (Lugar)

- Uma cidade na terra de Benjamim. Esta cidade provavelmente era o mesmo lugar que Efraim ([2Sm 13.23](#); [2Cr 13.19](#), onde é chamada de "Efrom"; [Jo 11.54](#)). A maioria dos estudiosos acredita que esta cidade é agora a cidade chamada *Et-Taiyibeh*, que fica a oito quilômetros ao norte de Micmás e seis quilômetros e meio a nordeste de Betel.

- Uma cidade em Manassés que pertencia a Joás, o abiezrita. Ele era o pai do juiz Gideão. Gideão morava nesta cidade ([Jz 6.11](#)). Um anjo do Senhor apareceu a Gideão em Ofra. O anjo disse a Gideão para resgatar Israel dos midianitas (versículos [12-24](#)).

Após Gideão vencer a batalha, o povo quis que ele fosse rei, mas ele recusou. Em vez disso, ele fez um éfode (uma vestimenta especial usada por sacerdotes) com o ouro que havia tomado na batalha ([Jz 8.22-28](#)). Infelizmente, o povo começou a adorar esse objeto como um ídolo, o que se tornou um problema para Gideão e sua família.

Gideão morreu em Ofra como um homem idoso (versículos [29-32](#)). Mais tarde, o filho de Gideão, Abimeleque, desejou se tornar rei. Ele matou seus 70 irmãos em Ofra para poder governar. Apenas um irmão, Jotão, conseguiu escapar ([9.1-6](#)).

Ofra (Pessoa)

Filho de Meonotai da tribo de Judá ([1Cr 4.14](#)).

Ogue

Rei de Basã. Este rei era famoso em parte porque era um gigante. "Pois apenas Ogue, rei de Basã, havia restado do remanescente dos refaíns. Sua cama de ferro, com nove côvados de comprimento e quatro côvados de largura, ainda está em Rabá dos amonitas" ([Dt 3.11](#)). Isso significa que a cama tinha mais de 4,1 metros de comprimento e 1,8 metros de largura!

Moisés derrotou Ogue logo após a derrota do rei Seom, o amorita ([Nm 21.33-35](#)). Basã ficava ao longo da parte norte da Transjordânia (a região a leste do Rio Jordão). A terra de Ogue se estendia para o nordeste a partir do curso inferior do Rio Jarmuk (Yarmuk). Cadeias altas de montanhas a leste o protegiam dos ventos escaldantes do deserto.

Ogue e seu povo tinham vários assentamentos. Os assentamentos mais importantes eram Astarote e Edrei ([Js 13.12](#)). Ogue havia fortificado sua terra com 60 cidades muradas. Ele provavelmente estava excessivamente confiante ao lutar contra o exército de Moisés. Moisés destruiu todos que viviam nessas cidades, poupando apenas o gado e os despojos de guerra ([Dt 3.5–6](#)).

Três tribos de Israel achararam a Transjordânia mais adequada para pastorear seus rebanhos. Assim, após a derrota de Seom e Ogue, Moisés designou essas terras capturadas para as tribos de Gade, Rúben e metade de Manassés ([Nm 32.33](#); [Js 12.4–6](#)).

Olaria

A fabricação de louça de barro e cerâmica.

História e desenvolvimento

A primeira cerâmica foi feita à mão, moldada na forma desejada e seca ao sol. Não há registros descrevendo o trabalho do antigo oleiro e seu lugar na sociedade, embora as paredes de tumbas e palácios no Egito estejam repletas de imagens de oleiros trabalhando e muito pode ser aprendido observando as atividades retratadas. Acredita-se que os primeiros oleiros tenham sido mulheres que, por necessidade, produziam recipientes para a preparação de alimentos, enquanto os homens estavam fora tentando trazer comida. Isso ainda parece ser o padrão em lugares como África, Anatólia, Curdistão e o sudoeste dos Estados Unidos. Eventualmente, a fabricação de cerâmica tornou-se uma profissão, aparentemente praticada por certas pessoas em uma grande aldeia e muitas vezes por artesãos itinerantes que se deslocavam de aldeia em aldeia fazendo cerâmica para atender à demanda e depois seguiam em frente.

A descoberta que transformou a fabricação de cerâmica de uma atividade ocasional de uma dona de casa para uma profissão foi a invenção da roda de oleiro. A velocidade com que os vasos podiam então ser feitos industrializou o ofício, e eventualmente tornou-se principalmente uma ocupação masculina, embora haja evidências de que pessoas (presumivelmente mulheres) continuaram a fazer alguns vasos em casa. Até a descoberta da roda de oleiro, as técnicas de fazer potes colocando espirais de argila, uma sobre a outra, eram o método predominante usado, especialmente para grandes vasos. A primeira roda

de oleiro encontrada em escavações nas terras da Bíblia vem de Ur em Sumer por volta de 3500 a 3000 a.C. Pode ter sido desenvolvida em assentamentos urbanos emergentes devido a um mercado maior para a olaria. Jeremias fala de uma oficina de oleiro no século sexto a.C.: “Então eu fui e encontrei o oleiro trabalhando com o barro sobre a roda de madeira. Quando o pote que o oleiro estava fazendo não ficava bom, ele pegava o barro e fazia outro, conforme queria” ([Jr 18.3–4](#), NTLH). Há evidências na Grécia de grandes oficinas no período clássico empregando mais de 50 trabalhadores.

O barro deve ser girado pelo menos 100 rotações por minuto para criar a força centrífuga necessária para “lançar” o vaso. As rodas mais antigas eram feitas de duas pedras, uma inferior com um buraco no centro e uma superior com uma saliência que se encaixa no buraco inferior, permitindo que a pedra superior fosse girada. A pedra superior, com uma tábua maior anexada a ela sobre a qual o vaso repousava, era sem dúvida girada por um aprendiz. No período helenístico, após 300 a.C., a roda de pé foi inventada.

Outra técnica usada na fabricação de cerâmica antiga era o molde. Os moldes eram esculpidos em pedra macia ou feitos de argila para uso na produção em massa do mesmo tipo de vaso. Moldes de lâmpadas são bastante comuns em museus do Oriente Médio dos períodos helenístico e romano. Pequenas lâmpadas a óleo eram feitas em duas partes nos moldes, uma metade superior e uma metade inferior, e depois fundidas antes da queima. As lâmpadas herodianas também tinham bicos espatulados que eram formados independentemente das outras duas partes.

A quantidade de diversidade tanto no tamanho quanto na forma da cerâmica antiga é notável. Uma casa antiga de porte médio teria dentro dela grandes vasos (ânforas e pito) para conter líquidos como vinho ou água. Estes eram pontiagudos na parte inferior e projetados originalmente para se deitar contra a inclinação do casco de um navio durante o transporte. Nas casas do povo comum, eles eram parcialmente enterrados no chão e inclinados contra a parede. Nas tabernas de Pompeia e Herculano, eram armazenados em prateleiras de madeira. Grandes jarros de boca aberta eram parcialmente enterrados no chão para manter o líquido contido neles fresco. Além disso, grãos de vários tipos podiam ser mantidos nesses recipientes, alguns dos quais tinham 1,2 metros de altura e 0,9 metro de largura. Decantadores de água

menores, com capacidade para um litro ou mais, eram comumente usados. Jarras globulares eram usadas para servir vinho, com bicos que evitavam derramar o precioso líquido. Cantis redondos, com alças em cada ombro, eram usados para transportar água em uma viagem. Tigelas e pratos eram comuns em vários tamanhos e profundidades nas casas antigas. Pratos de boca larga conhecidos como crateras eram usados para beber. O cozimento era feito em panelas de tamanho médio (cerca de 3,8 litros) com fundos arredondados que se acomodavam facilmente no fogo ou em um lugar escavado no chão após serem retirados do fogo. Elas também tinham duas alças em loop, o que permitia que fossem penduradas sobre o fogo.

Os vasos eram pintados na Grécia clássica com descrições vívidas de religião, sexo, guerra e vida comunitária. Vasos anteriores das culturas minoica e micênica contêm belas obras de arte na forma de plantas, animais e vida marinha, bem como designs geométricos. Desde os primeiros tempos no Oriente Médio, variações no design foram criadas pelo uso de tons escuros e claros de engobe pintado ou derramado aleatoriamente sobre os vasos.

Cerâmica nas Escrituras

Há muitas referências ao oleiro e seu trabalho na Bíblia. As mais conhecidas são as seguintes: "Será que eu não posso fazer com o povo de Israel o mesmo que o oleiro faz com o barro? Vocês estão nas minhas mãos assim como o barro está nas mãos do oleiro. Sou eu, o SENHOR, quem está falando" ([Jr 18.6](#), NTLH); "Mas tu, ó SENHOR Deus, és o nosso Pai; nós somos o barro, tu és o oleiro, todos nós fomos feitos por ti" ([Is 64.8](#), NTLH). Na história da Criação, Deus é retratado como um oleiro fazendo o homem do solo ([Gn 2.7](#)). Sua soberania absoluta na eleição de Israel é argumentada por Paulo ([Rm 9.20-21](#)) a partir de uma ilustração usada por Isaías ([Is 45.9](#)) sobre um pote discutindo com seu oleiro: "Um vaso de barro não briga com quem o fez. O barro não pergunta ao oleiro: 'O que é que você está fazendo?', nem diz: 'Você não sabe trabalhar.'" (NTLH).

Jeremias profetizou graficamente a destruição de Jerusalém ao quebrar um vaso de oleiro em tantos pedaços que não poderia ser restaurado ([Jr 19.11](#)). Os judeus, na época da destruição, embora preciosos aos olhos de Deus, foram "tratados como potes de barro" ([Lm 4.2](#)) — uma expressão de sua fragilidade humana; eles poderiam ser facilmente quebrados e destruídos.

Um vaso de cerâmica quebrado no mundo antigo era considerado tão sem valor que os pedaços eram varridos ou jogados pela janela e um novo era feito. A arte do oleiro era amplamente conhecida e os vasos estavam prontamente disponíveis a um preço baixo. As pessoas normalmente não transportavam seus vasos quando se mudavam. Era mais fácil fazer ou comprar novos do que tentar carregá-los, especialmente os maiores. No entanto, pedaços quebrados não eram totalmente inúteis. Jó raspou a secreção de suas feridas com um caco de cerâmica, que é um pedaço quebrado de cerâmica ([Jó 2.8](#)). Muito tempo depois, cacos de cerâmica eram usados para escrever notas e eram chamados de ostraca. O salmista falou de sua força como tendo secado como um caco de cerâmica ([Sl 22.15](#)) — uma referência à falta de umidade em um vaso de cerâmica seco e queimado. A eventual derrota de nações pagãs politeístas e idólatras é descrita como vasos de cerâmica sendo lançados ao chão e quebrados em pedaços pelos justos ([Sl 2.9](#); [Ap 2.27](#)).

Veja também Arqueologia e a Bíblia; Tijolo, Forno de tijolos; Inscrições.

Oleandro

Um arbusto venenoso e perene que cresce em climas quentes. Uma sugestão para as plantas chamadas de "rosas" em várias traduções da Bíblia é o oleandro ([Si 24.14](#)). Esta planta originalmente veio das Índias Orientais, mas tem sido cultivada em regiões quentes do mundo por centenas de anos.

O oleandro (*Nerium oleander*) cresce bem em Israel e nas áreas circundantes. Forma aglomerados densos em algumas partes do Vale do Jordão. Geralmente, é um arbusto que cresce de 0,9 a 3,7 metros de altura. Todas as partes da planta de oleandro são perigosamente venenosas.

Oleiro

Um oleiro é uma pessoa que fabrica potes ou outros itens de argila.

Veja Cerâmica.

Óleo

Substância mais comumente produzida da azeitona, embora a palavra também possa se aplicar ao óleo de mirra ([Et 2.12](#)). O óleo era usado principalmente na cozinha, mas também como um cosmético para ungir o corpo, para fins medicinais, como uma fonte de luz, para ungir reis e sacerdotes e em ofertas religiosas.

O crescimento de oliveiras era generalizado, e os israelitas aproveitavam esta importante colheita para estabelecer um comércio próspero de óleo com Tiro e o Egito. Como metais preciosos e animais, o óleo se tornou um meio estabelecido de troca. Salomão o usou como parte do pagamento a Hirão para despesas de construção relacionadas com o templo ([1Rs 5.11](#); [Ez 27.17](#)).

Porque o óleo era essencial para a vida cotidiana, era um meio eficaz e aceitável de troca. O óleo era usado na preparação da maioria dos alimentos ([1Rs 17.12-16](#)). O bolo comum ou bolo de grãos, que formava a base da refeição do meio-dia, seria cozido em uma chapa com um pouco de óleo.

Como um cosmético, o óleo era usado para ungir o corpo após um banho ([Rt 3.3](#); [2Sm 12.20](#)). Era frequentemente usado em ocasiões festivas, e nos banquetes egípcios, as cabeças dos convidados e das artistas eram ungidas. No NT, a unção dos doentes é mencionada ([Tg 5.14](#)). O azeite também poderia ser tomado internamente como um medicamento para o alívio dos distúrbios gástricos. Tinha um efeito calmante e também era usado como um laxante leve. Era aplicado externamente como um unguento para contusões, queimaduras, cortes e escoriações ([Is 1.6](#); [Mc 6.13](#); [Lc 10.34](#)).

Assim que o sol se punha, a única fonte de luz era a lâmpada a óleo. Muitas vezes a pequena e portátil poderia ser colocada facilmente em uma prateleira, mas em grandes casas, palácios, sinagogas ou templos, a lâmpada poderia ficar em uma base de metal alta como uma lâmpada padrão. O pavio de linho ([Is 42.3](#)) ou corda de linho era colocada no óleo que emitia uma chama até que era extinta ou o fornecimento de combustível se esgotava. As tochas eram usadas nas ruas tanto para iluminar o caminho quanto para segurança adicional. Eles aumentaram imensuravelmente à atmosfera festiva das procissões à noite. As tochas eram uma parte essencial da procissão do casamento, e normalmente aqueles que carregavam as tochas traziam uma quantidade de óleo em um recipiente no caso de haver um atraso e seu fornecimento estar esgotado. Esta cena é vividamente retratada

na parábola de Jesus das virgens sábias e tolas ([Mt 25.1-13](#)).

Em outros eventos cerimoniais, o óleo tinha um significado especial quando usado para a unção de reis ([1Sm 10.1](#); [1Rs 1.39](#)) e sacerdotes ([Ex 29.7](#)). Era símbolo do ofício e do reconhecimento da bênção de Deus sobre o titular do ofício.

Quantidades de óleo eram usadas no templo. Era doado como parte da oferta de primícias ([Ex 22.29](#)) e também estava sujeito a dízimo ([Dt 12.17](#)). O óleo era frequentemente usado para o aspecto ceremonial da vida do templo ou como parte da oferta. A oferta de grãos era misturada com óleo ([Lv 8.26](#); [Nm 7.19](#)), e o óleo na lâmpada que queimava no santuário precisava constantemente de reabastecimento ([Lv 24.2](#)). O sacrifício diário exigia o uso de óleo ([Ex 29.40](#)), embora a oferta pelo pecado ([Lv 5.11](#)) e a oferta de ciúme ([Nm 5.15](#)) especificamente não usassem óleo.

Um pilão e socador, ou uma prensa de pedra, exprimia o óleo das azeitonas ([Ex 27.20](#)). Onde este último foi usado, a polpa inicialmente produzida pela prensa era muitas vezes pisada ou submetida a uma prensagem mais extensa. As prensas de pedra foram criadas para processar as quantidades de azeitonas disponíveis no Monte das Oliveiras. A palavra para “prensa de óleo” era *gatt-semen*, daí o nome Getsêmani.

O óleo estava simbolicamente associado com alegria, festividade, cerimônia, honra, luz e saúde (tanto espiritual quanto física), enquanto sua ausência soletrava tristeza ([Il 1.10](#)) e a retirada de tudo o que é bom na vida.

Veja também Ungir; Alimentos e Preparação de Alimentos; Medicamento e Prática Médica; Unguento; Plantas (Oliva, Oliveira).

Óleo de unção

Veja Ungir.

Olimpas

Membro da igreja em Roma a quem Paulo enviou saudações pessoais ([Rm 16.15](#)).

Oliveira

A oliveira é uma árvore perene de regiões semi-tropicais na Europa, Ásia e África. Ela produz frutos comestíveis. A oliveira (*Olea europaea*) era certamente uma das árvores mais valiosas conhecidas pelo povo judeu. A Bíblia contém inúmeras referências a ela e ao azeite, que as pessoas usavam para unção (a prática de derramar óleo na cabeça de uma pessoa como parte de uma cerimônia religiosa para marcá-la para um papel especial ou bênção).

A oliveira é bastante comum em Israel e nas áreas circundantes. Em muitos lugares, é a única árvore de tamanho considerável. Os ramos da oliveira selvagem são bastante rígidos e têm espinhos. A árvore cultivada típica tem muitos ramos, é perene e cresce até 6,1 metros de altura ou mais. Possui um tronco retorcido e casca lisa de cor cinza. As folhas são coriáceas, e as flores são pequenas e amarelas ou brancas.

Os frutos são grandes e de cor preta ou violeta. Eles amadurecem em setembro. As partes externas "carnudas" do fruto produzem o valioso azeite de oliva vendido comercialmente. Quase um terço (31 por cento) do fruto maduro é composto por óleo. As pessoas consomem tanto o fruto maduro cru quanto o fruto verde, não maduro.

A madeira do tronco e dos galhos é dura, de cor amarela rica ou âmbar, e possui um grão fino, frequentemente com padrões belíssimos. As pessoas ainda a utilizam hoje para os melhores trabalhos de marcenaria e torneamento de madeira. A oliveira cresce muito lentamente, mas vive por um período muito longo.

É difícil matar uma oliveira apenas cortando-a. Isso ocorre porque novos brotos crescem a partir da raiz e ao redor das bordas do antigo toco. Esses brotos frequentemente formam um bosque de dois a cinco troncos, todos originados de uma única raiz que originalmente sustentava apenas uma árvore.

Veja Agricultura; Alimentos e preparação de alimentos.

Oliveira do Paraíso, Oleastro

O oleastro é uma pequena árvore eurasiática com folhas prateadas oblongas, flores esverdeadas e frutos semelhantes a azeitonas. Há alguma dúvida sobre qual árvore é mencionada em [1 Reis 6.23,31-33](#) e [1 Crônicas 27.28](#) quando se referem a

"madeira de oliveira" e "oliveiras". A mesma palavra hebraica aparece em [Isaías 41.19](#) e [Miquéias 6.7](#). A planta em questão é provavelmente o oleastro (*Elaeagnus angustifolia*). Ela cresce de 4,6 a 6 metros de altura. É comum em todas as partes de Israel e áreas circundantes, exceto no Vale do Jordão.

Em tempos passados, o oleastro era especialmente comum no Monte Tabor e nas áreas de Hebron e Samaria. A madeira é dura e de grão fino, tornando-a bem adequada para esculpir imagens e figuras. O óleo que vem desta árvore é de qualidade bastante baixa. As pessoas o usam para medicina, mas não para alimentação. Este pode ser o óleo mencionado em [Miquéias 6.7](#).

Oliveiras, Monte das

O Monte das Oliveiras é uma grande cordilheira que se estende de norte a sul nas montanhas da Judeia. Está localizado diretamente a leste de Jerusalém e do Vale do Cedrom. A montanha possui três picos, com dois vales entre eles. O pico norte é o Monte Scopus. Ao sul do Monte Scopus, há uma pequena crista onde passava a antiga estrada romana para Jericó. O pico central é o tradicional Monte das Oliveiras, com 818,1 metros de altura, em frente à plataforma do Templo (o *Haram esh-Sherif*).

Lugares e características notáveis

No ponto mais alto, o Imperador Constantino construiu uma grande igreja por volta de 325 d.C. Esta igreja foi chamada de Igreja da Ascensão, e ele a dedicou à sua mãe Helena. Ao sul desta igreja, há uma área baixa onde hoje passa a estrada para Betânia.

O pico sul olha para a parte mais antiga de Jerusalém, que já foi chamada de Cidade de Davi. Este pico tem um nome especial: o "Monte da Ofensa". Recebeu esse nome porque o Rei Salomão construiu templos para os deuses de suas esposas estrangeiras lá, o que era contra os mandamentos de Deus. No sopé deste pico sul, há uma vila árabe chamada Silwan. É onde dois vales, o Vale do Cedrom e o Vale do Hinom, se encontram.

O Monte das Oliveiras recebeu seu nome das muitas oliveiras que cresciam lá. Nos tempos antigos, esses olivais eram bem conhecidos e importantes ([Zc 14.4](#); [Mc 11.1](#)). O lado oeste da montanha recebe chuva do Mar Mediterrâneo. Essa

chuva, combinada com o solo rico feito de rochas desintegradas, ajuda muitas árvores frutíferas a crescerem bem aqui.

O lado leste da montanha marca o início do deserto da Judeia. Duas aldeias mencionadas no Novo Testamento, Betânia e Betfagé, foram construídas nas encostas orientais da montanha.

O Monte das Oliveiras no Antigo Testamento

A primeira vez que o Monte das Oliveiras aparece no Antigo Testamento é em uma história sobre o Rei Davi. Davi teve que fugir de Jerusalém porque seu filho Absalão estava tentando tomar seu trono. Davi foi para o leste, subindo o Monte das Oliveiras enquanto escapava em direção ao Vale do Jordão ([2Sm 15.30](#)).

Mais tarde, o rei Salomão (filho de Davi) construiu "lugares altos" de adoração na montanha para deuses estrangeiros. Estes incluíam deuses adorados por pessoas de Sidom, Moabe e Amom ([1Rs 11.7](#)). Muitos anos depois, outro rei chamado Josias destruiu esses locais de adoração porque eram contra a lei de Deus ([2Rs 23.13](#)).

O profeta Ezequiel escreveu sobre a presença de Deus deixando o Templo em Jerusalém e movendo-se para o Monte das Oliveiras ([Ez 11.23](#)). Outro profeta, Zacarias, forneceu uma das descrições mais conhecidas do Monte das Oliveiras. Em sua visão sobre eventos futuros, ele escreveu:

"Naquele dia, ele ficará de pé no Monte das Oliveiras, a leste de Jerusalém. Então um grande vale, que correrá do leste para o oeste, dividirá o Monte das Oliveiras em dois. Metade do monte se afastará para o norte, e a outra metade, para o sul" ([Zc 14.1-5](#), v. 4).

O Monte das Oliveiras no Novo Testamento

No Novo Testamento, a maioria das histórias sobre Jesus no Monte das Oliveiras ocorre durante a última semana de sua vida, que os cristãos chamam de Semana Santa. Existem duas histórias anteriores que aconteceram em Betânia, uma aldeia na montanha:

- Jesus visitou suas amigas Maria e Marta ([Lc 10.38-42](#)).
- Jesus trouxe seu amigo Lázaro de volta à vida depois que Lázaro havia morrido ([Jo 11.17-44](#)).

Quando Jesus veio a Jerusalém pela última vez, ele viajou da cidade de Jericó. Ele passou pelo Monte das Oliveiras pelo lado leste e desceu para o Vale do Cedrom ([Mc 11.1-10](#)). Este foi o dia em que as pessoas o saudaram como um rei, espalhando ramos de palmeira na estrada.

Quando Jesus desceu a montanha e viu Jerusalém, ele parou e chorou porque sabia o que aconteceria com a cidade no futuro ([Lc 19.41-44](#)).

Durante a última semana da vida de Jesus, ele passou muito do seu tempo no Monte das Oliveiras. Ele ensinava as pessoas lá durante o dia ([Mc 13](#)). À noite, ele provavelmente ficava no monte ou na vila próxima de Betânia ([Lc 21.37](#), embora isso possa se referir a Betânia).

Após a Santa Ceia, Jesus foi ao Monte das Oliveiras para orar ([Mc 14.26](#)). No jardim do Getsêmani, perto de um lagar de azeite, ele foi preso (v. [32](#)). Mais tarde, depois que Jesus ressuscitou dos mortos, ele se encontrou com seus seguidores uma última vez no Monte das Oliveiras. Enquanto eles observavam, Jesus foi elevado ao céu. Os cristãos chamam esse evento de ascensão ([At 1.12](#)).

Om (Pessoa)

O filho de Pelete. Ele era da tribo de Rúben. Om juntou-se à rebelião de Corá contra Moisés e Arão no deserto ([Nm 16.1](#)). Esta rebelião desafiou a liderança de Moisés e Arão.

Omar

Segundo filho de Elifaz, neto de Esaú e bisneto de Abraão ([Gn 36.11,15](#); [1Cr 1.36](#)); um chefe de clã edomita.

Ômega

Ortografia em português do nome da última letra do alfabeto grego. Veja Alfa e Ômega.

Onã

1. Neto de Seir e quinto filho de Sobal ([Gn 36.23](#); [1Cr 1.40](#)).
2. Filho de Jerameel e Atara, o pai de um clã em Judá ([1Cr 2.26-28](#)).

Onã

Segundo filho de Judá e uma cananeia chamada Sua ([Gn 38.4-10](#); [46.12](#); [Nm 26.19](#); [1Cr 2.3](#)). Judá o obrigou a entrar em um casamento de levirato com Tamar, a esposa de seu falecido irmão, Er. Er e Tamar não tinham filhos. Onã recusou-se a ter filhos com Tamar, sabendo que eles seriam herdeiros da propriedade de seu irmão. Como resultado da recusa de Onã em gerar descendentes para seu irmão, o Senhor o puniu com a morte ([Gn 38.8-10](#)).

Onesíforo

Um cristão que cuidou de Paulo enquanto ele estava preso em Éfeso. Depois, Paulo foi transferido para Roma. Onesíforo o procurou e o "reanimou" lá ([2Tm 1.16](#)). Paulo menciona Onesíforo nas saudações de sua segunda carta a Timóteo. Paulo saudou Onesíforo e sua família ([4.19](#)).

Onésimo

Escravo em favor de quem Paulo escreveu a carta a Filemom. Um escravo de Filemom, ele havia roubado seu mestre e fugido. Ele também é mencionado junto com Tíquico como portador da carta aos colossenses ([Cl 4.9](#)), indicando que ele veio daquela região. Paulo o conheceu, converteu-o e desenvolveu uma amizade próxima com ele ([Fm 1.10](#)). Paulo queria manter Onésimo com ele durante seu encarceramento porque ele havia sido útil para ele (em grego, Onésimo significa "útil"). No entanto, Paulo devolveu o escravo ao seu mestre, confiante de que o escravo fugitivo seria recebido por seu antigo dono como um irmão cristão e que Filemom cobraria qualquer erro que Onésimo tivesse cometido na conta de Paulo.

Veja também Filemom, Carta para.

Onias

Onias é o nome de família de quatro sumos sacerdotes no período intertestamentário. Eles eram descendentes de Zadoque, o sumo sacerdote no reinado de Salomão. Suas vidas abrangiam um período desde o final do quarto século a.C. até o segundo. Naquela época, o sumo sacerdócio não era apenas um cargo religioso, mas também incluía grande poder político.

Pouco se sabe sobre Onias I, exceto que ele era filho e sucessor de Jadua, que foi sumo sacerdote na época de Alexandre, o Grande (336–323 a.C.). Onias II era seu neto. Ele eventualmente sucedeu seu pai, Simão I, depois que dois parentes ocuparam o cargo até que ele tivesse idade suficiente para assumir. Segundo Josefo, Onias II era um homem idoso durante o reinado de Ptolemeu III do Egito (246–221 a.C.). Provavelmente foi a Onias II que o Rei Arius de Esparta enviou a famosa carta preservada em [1 Macabeus 12.20-23](#), alegando que os judeus e os espartanos eram ambos descendentes de Abraão. Josefo afirma que Onias III foi o destinatário, mas não há conhecimento de um rei espartano Arius em seu período. Durante esse tempo, a Judeia estava sob o controle do Egito. Onias II tentou se separar ao se recusar a pagar impostos. Durante o período de mandato de seu sucessor, Simão II, a Palestina mudou de mãos e passou a estar sujeita aos reis selêucidas da Síria.

A poderosa família dos Tobíadas tornou-se rival política dos Oníadas, especialmente do filho e herdeiro de Simão, Onias III, que o sucedeu por volta de 180 a.C. Sua rivalidade incluía tensões religiosas, já que Onias defendia o judaísmo ortodoxo, enquanto os Tobíadas representavam concessões liberais ao helenismo. Na luta pelo poder, Onias III foi denunciado como pró-egípcio, após uma tentativa síria de saquear o templo ter falhado ([2Mc 3.4-40](#)). Em 175 a.C., quando o rei selêucida Antíoco IV subiu ao trono, ele foi removido do cargo e exilado para Antioquia. Seu irmão Jasão foi nomeado sumo sacerdote em seu lugar. Eventualmente, Jasão, por sua vez, foi sucedido por Menelau, que havia subornado os sírios para substituir Jasão. Temendo oposição de Onias exilado, Menelau arranjou para que ele fosse assassinado ([4.33-38](#)). Eventualmente, os sírios depuseram Menelau.

O legítimo sucessor, Onias IV, filho de Onias III, foi impedido de assumir e fugiu para o Egito. No Egito, ele construiu um templo em Leontópolis, provavelmente como um santuário para a colônia militar judaica local, em vez de um centro religioso

para os judeus egípcios em geral, que continuaram a apoiar o templo de Jerusalém. De acordo com a Mishná judaica, as autoridades religiosas em Jerusalém aparentemente consideravam seus sacrifícios legítimos, mas se recusavam a permitir que seu sacerdócio (autenticamente zadoquita) servisse no templo de Jerusalém. O templo permaneceu em uso até que o imperador romano Vespasiano o fechou em 73 d.C.

Ônica

Uma das especiarias cheirosas usadas no incenso sagrado do tabernáculo ([Êxodo 30.34](#)). Não está claro a qual especiaria exata isso se refere. Alguns sugerem que a ônica vinha da concha de um certo mexilhão encontrado na Índia, que cheirava a almíscar quando queimado.

Onipotência

A autoridade ilimitada de Deus para trazer à existência ou causar o que Ele desejar. *Veja Deus, Ser e Atributos de.*

Onipresença

Aspetto da infinitade de Deus em que ele transcende as limitações do espaço e está presente em todos os lugares em todos os momentos. *Veja Deus, Ser e Atributos de.*

Onisciência

O conhecimento e a compreensão infinitos de Deus sobre as coisas passadas, presentes e futuras são sem fim, limite ou fronteira.

Veja Deus, Ser e Atributos de.

Ônix

Uma pedra semipreciosa usada no peitoral do sumo sacerdote ([Êxodo 28.9](#)).

Veja Pedras preciosas nº 18.

Ono

Cidade benjaminita construída por Semede ([1Cr 8.12](#)). Alguns de seus habitantes retornaram à Palestina com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.33](#); [Ne 7.37](#)). Sua localização era conhecida como a planície de Ono ([Ne 6.2](#)) ou como o vale dos artesãos ([11.35](#)). Ono é identificada com Kefr 'Ana, 11,3 quilômetros a sudeste de Jope.

Onri

1. Rei de Israel que aparece pela primeira vez nas Escrituras como general do exército durante o reinado de Elá, rei de Israel. Em 885 a.C., Elá enviou Onri para sitiaria a fortaleza filisteia de Gibetom. Durante o cerco, Zinri, outro líder militar, lançou um golpe contra Elá, matou-o e imediatamente exterminou todos os parentes masculinos de Elá. Quando Onri soube do assassinato, fez o exército declará-lo rei e marchou para a capital em Tirza para lidar com Zinri. Quando Zinri viu que o cerco de Tirza seria bem-sucedido, incendiou o palácio do rei e morreu nas chamas após apenas sete dias no trono.

Mas o domínio de Onri sobre Israel ainda não estava estabelecido. Tibni tomou o controle de parte do estado e o manteve por cerca de quatro anos. Finalmente, Onri conseguiu derrotar Tibni e expandir seu poder sobre todo Israel. Ele estabeleceu a quarta dinastia governante de Israel, que continuaria por mais três gerações após a sua. Seu reinado durou um total de 12 anos (885–874 a.C.), incluindo os anos de soberania disputados com Tibni.

Desenvolvimentos internacionais

Ao nordeste de Israel, os arameus da Síria estavam formando um estado forte com sua capital em Damasco. Alguns anos antes de Onri assumir o trono, Asa de Judá havia buscado a ajuda da Síria contra Baasa de Israel. Em breve, a Síria se tornaria uma ameaça para ambos os reinos hebreus.

Mais a leste, a Assíria estava crescendo em força sob a liderança de Assurnasirpal II (883–859 a.C.), o fundador do império. Ele marchou para a Fenícia, mas Israel foi pouparado do ataque assírio até os dias de Acabe, filho de Onri.

O reino de Onri

Como o propósito das Escrituras não é fornecer uma história política, militar ou mesmo social de Israel ou dos países ao seu redor, as administrações

dos reis de Israel e Judá são frequentemente tratadas de forma muito breve. Para uma visão mais completa, é necessário recorrer a fontes não bíblicas. A partir dos registros assírios, fica evidente que Onri deve ter sido um governante impressionante. Gerações depois, os assírios ainda se referiam a Israel como a “terra de Onri”.

Sendo um líder perspicaz, Onri reconheceu que as nações precisavam de uma capital centralmente localizada e militarmente defensável. Ele escolheu o local de Samaria, a terceira e mais significativa capital do reino (Siquém e Tirza haviam servido anteriormente como capitais). Localizada a 11 quilômetros a noroeste de Siquém, na estrada principal que leva à Galileia e Fenícia, ela se erguia em uma colina isolada que subia cerca de 91–120 metros acima da planície circundante. Assim, poderia ser facilmente defendida; tinha um interior próspero para abastecê-la com alimentos e impostos; e estava convenientemente localizada em uma estrada principal. Onri comprou a colina de Semer e nomeou a cidade em homenagem ao seu proprietário. Em seguida, ele nivelou o topo da colina e construiu o complexo do palácio. Ele também construiu uma muralha de 10 metros de espessura ao redor do cume da colina.

As atividades expansionistas de Onri não são mencionadas em 1 Reis, mas as Escrituras são complementadas pela descoberta da Pedra Moabita em 1868 em Dibom, a leste do rio Jordão. Nesta estela, Messa, rei de Moabe, relata que Onri conquistou Moabe. Israel continuou a subjugar a terra nos dias de Acabe, mas durante seus dias, Messa rebelou-se com sucesso contra Israel ([2Rs 3.4](#)). O fato de Onri ter conseguido montar uma guerra bem-sucedida contra Moabe logo após se tornar rei mostra que ele era um governante capaz, pois anteriormente o reino de Israel havia sido grandemente enfraquecido por insurreições e instabilidade política.

Onri também restabeleceu as relações amigáveis com a Fenícia, que haviam sido iniciadas nos dias de Davi e Salomão. Presumivelmente, ele fez uma aliança completa com o Rei Etbaal de Tiro e a selou com o casamento de seu filho Acabe com a princesa fenícia Jezabel. Tal aliança teria sido mutuamente benéfica, pois teria trazido cedro, bens belamente trabalhados e expertise arquitetônica e técnica fenícia para Israel, além de fornecer grãos e azeite israelitas para a Fenícia. Além disso, teria unido suas forças contra a ameaça do crescente poder da Assíria.

Este pacto estava destinado a corromper Israel, pois trouxe o culto a Baal para a terra. Provavelmente é isso que o escritor de Reis tinha em mente quando disse que Onri “fez pior” do que os outros reis de Israel antes dele ([1Rs 16.25](#)), porque ele praticou os caminhos idólatras de Jeroboão. O culto a Baal era considerado mais degradante do que o culto ao bezerro que Jeroboão havia introduzido. Onri, e seu filho Acabe depois dele, aderiram a ambos.

Onri foi um dos reis mais poderosos de Israel, construindo sua nova capital, ganhando para o estado uma reputação de proeza e estabelecendo um caminho para futuros reis seguirem. No entanto, infelizmente, esse caminho era moralmente corrupto; a introdução do culto a Baal foi um dos terríveis resultados da aliança de Onri com Tiro.

2. Um dos filhos de Bequer da tribo de Benjamim ([1Cr 7.8](#)).
3. Descendente de Perez, filho de Judá ([1Cr 9.4](#)).
4. Filho de Micael, príncipe da tribo de Issacar durante o reinado de Davi ([1Cr 27.18](#)).

Onze, os

Um nome usado para os discípulos de Jesus após sua ressurreição dos mortos ([Mc 16.14](#); [Lc 24.9,33](#)) e no festival judaico de Pentecostes ([At 2.14](#)). Este nome foi utilizado depois que Judas Iscariotes se suicidou.

Veja Apóstolo, Apostolado.

Oolá e Oolibá

Nomes dados ao reino do norte (ACF “Aolá”), com sua capital em Samaria, e ao reino do sul (ACF “Oolibá”), com sua capital em Jerusalém, respectivamente, por Ezequiel em sua alegoria que retrata a infidelidade do povo de Deus ([Ez 23](#)). Os nomes caracterizavam a atitude básica de cada um dos reinos gêmeos em relação a Deus e seu culto. Samaria (Oolá) tinha “sua própria tenda” (o significado literal do nome) e havia criado seus próprios centros de adoração; Jerusalém (Oolibá, literalmente “minha tenda está nela”) orgulhava-se de ser a guardiã do templo.

Em vez de ser fiel ao Senhor, Samaria cometeu adultério espiritual. Não se contentando com sua

infidelidade espiritual ao cortejar os deuses do Egito, ela cobiçou os ídolos da Assíria e as atrações mundanas que a cultura Neo-Assíria oferecia. Ambos os cursos de ação estão bem documentados por descobertas arqueológicas do antigo Oriente Próximo, como o ato de homenagem de Jeú retratado no Obelisco Negro do Rei Salmaneser III da Assíria (859–824 a.C.). A conduta de Samaria foi julgada por Deus; seu novo desejo provou ser sua destruição, com Deus a entregando nas mãos do conquistador assírio.

Longe de aprender com o exemplo de Israel, Judá não apenas cortejou a Assíria e sua idolatria (e.g., [2Rs 16.10-18](#)), mas também acrescentou às suas afeições o Império Neo-Babilônico (e.g., [20.14-18](#)) e depois voltou-se novamente para o Egito (e.g., [Ir 37; 46](#)), seu amante anterior ([Ez 23.11-21](#)). Portanto, Deus a puniria severamente nas mãos dos babilônios, e ela conheceria o justo julgamento de Deus.

Ezequiel conclui sua alegoria recapitulando as acusações de Deus contra os dois reinos. O povo de Deus era duplamente culpado. Além de sua apostasia, eles profanaram o santuário de Deus e seu sábado, entrando no templo com as mãos manchadas pelo sacrifício de seus próprios filhos em rituais pagãos.

Oolibama

1. A esposa de Esaú, a filha de Aná, o heveu ([Gn 36.2,5,14,18,25](#)), que lhe deu Jeús, Jalâ e Corá antes de Esaú deixar Canaã para Seir.

A ausência do nome dela nas outras listas das esposas de Esaú (veja [Gn 26.34; 28.9](#)) gerou uma grande discussão. A considerável variação nessas listas pode indicar uma confusão na transmissão dos escribas ou pode apontar para o uso de nomes alternativos, adquiridos no casamento ou como resultado de algum evento memorável na vida das mulheres. Independentemente de ela ser identificada ou não com Judite, como alguns sugeriram, a observação bíblica de que ela "amargurou a vida de Isaque e de Rebeca" é verdadeira ([26.35](#)).

2. Chefe de clã edomita descendente de Esaú ([Gn 36.41; 1Cr 1.52](#)).

Oquina

Uma cidade na costa ao sul de Tiro ([It 2.28](#)). Sua localização é incerta e foi identificada tanto com Sandaliam quanto com Acco.

Oração

O endereçamento e a petição a Deus. A oração a um deus ou deuses é uma característica de muitas, se não todas, as religiões, mas aqui a atenção será restrita ao ensino bíblico e algumas de suas implicações. Uma definição clássica de oração cristã é "uma oferta de nossos desejos a Deus, por coisas que são de acordo com a sua vontade, em nome de Cristo, com confissão de nossos pecados e reconhecimento agradecido de suas misericórdias" (Catecismo Menor de Westminster). A oração cristã é o produto final de um longo processo de mudança e desenvolvimento na relação de Deus com as pessoas, como uma análise dos dados bíblicos mostra.

Oração no Antigo Testamento

Os humanos recém-criados, feitos para comunhão com Deus, viviam em íntima comunhão com Ele. O pecado rompeu esse relacionamento íntimo e direto. No entanto, quando o Senhor formou sua aliança com Abraão ([Gn 15](#)), o relacionamento entre os parceiros da aliança foi reaberto. A oração de Abraão por Sodoma e Gomorra (cap. [18](#)) é uma combinação marcante de ousadia e persistência e é um reconhecimento de sua própria pequenez e inferioridade em comparação com Deus. O mesmo pode ser dito sobre a luta de Jacó com o anjo em Peniel (cap. [32](#)). Mas ousadia e franqueza não devem ser confundidas com familiaridade. A oração bíblica é caracterizada pela realidade de que há uma distância entre o Criador e a criatura devido ao pecado humano, que é superada apenas pela graça de Deus. A base da abordagem de uma pessoa a Deus em oração nunca é simplesmente "a busca do homem por Deus", mas a iniciativa graciosa de Deus, o estabelecimento da aliança e a promessa de ajuda e libertação com base nessa aliança. É esse relacionamento de aliança que dá a garantia para a oração. Assim, nos tempos patriarcais, a oração era conjugada com sacrifício e obediência.

O restabelecimento da consciência nacional de Israel na época de sua libertação do Egito marca outra fase no desenvolvimento bíblico. Moisés não foi apenas o líder político de Israel, mas também

seu mediador e intercessor divinamente designado diante do Senhor. Repetidamente, ele “invoca o nome do Senhor” diante das incertezas humanas da jornada pelo deserto e da incredulidade e desobediência de seu próprio povo. Invocar o nome do Senhor não deve ser considerado um encantamento, mas sim um lembrete a Deus de quem Ele revelou ser. (A revelação de Deus a Moisés na sarça ardente é fundamental para a compreensão disso). Nesta revelação de si mesmo, Deus fez promessas ao seu povo, e em oração Moisés cobrou de Deus essas promessas. Moisés não foi de forma alguma o único intercessor. Arão, Samuel, Salomão e Ezequias estavam entre aqueles que intercederam pelo povo.

Com a formação do sacerdócio e o estabelecimento do culto ritual do tabernáculo e, posteriormente, do templo, a adoração a Deus parece ser caracterizada pela distância. Há pouca indicação de que o povo orava pessoalmente a Deus e — com exceção de [Deuteronômio 26.1-15](#) — não há nada sobre oração em todas as instruções de adoração dadas ao povo. No entanto, há indicação nos salmos de que sacrifício e oração seriam combinados ([Sl 50.7-15; 55.14](#)). Muitos dos salmos são notáveis pela maneira como perplexidades pessoais são reconhecidas, levando a “discussões com Deus” e a uma resolução final do conflito (e.g., [Sl 73](#)).

Os profetas eram homens que oravam, e parece que a Palavra de Deus lhes chegava em oração ([Is 6.5-13; 37.1-4; Jr 11.20-23](#)). O ministério de Jeremias foi caracterizado por momentos de conflito em oração ([Jr 18.19-23; 20.7-18](#)) assim como por tempos mais tranquilos de comunhão com Deus ([10.23-25; 12.1-4; 14.7-9; 15.15-18](#)). No exílio, com o estabelecimento da sinagoga, a oração coletiva tornou-se um elemento no culto judaico. Após o exílio, houve uma ênfase na espontaneidade na oração e na necessidade de a devoção ser mais do que mecânica e rotineira ([Ne 2.4; 4.4.9](#)).

Oração no Novo Testamento

O ensino do NT sobre a oração é dominado pelo próprio exemplo e ensino de Cristo. Sua dependência do Pai em seu trabalho mediador se expressa em oração repetida, culminando em sua oração sacerdotal ([Jo 17](#)) e na agonia do Getsêmani com a oração da cruz. Seu ensino sobre a oração, particularmente no Sermão da Montanha, deve ser entendido como um contraste com as práticas judaicas daquela época, não com os ideais do AT. A oração é uma expressão de desejo sincero. Não é para informar a Deus sobre assuntos dos quais Ele

de outra forma seria ignorante, e a validade da oração não é afetada pela duração ou repetitividade. A oração privada deve ser discreta e secreta ([Mt 6.5-15](#)).

As parábolas são outra fonte importante dos ensinamentos de Cristo, enfatizando a persistência na oração ([Lc 18.1-8](#)), simplicidade e humildade (vv. [10-14](#)), e tenacidade ([11.5-8](#)). Uma terceira fonte de ensinamento é a Oração do Senhor. Mais uma vez, há a mistura de proximidade (“Pai Nosso”) e distância (“que estás no céu. Santificado seja o teu nome”). Os pedidos feitos na Oração do Senhor estão preocupados primeiro com Deus, seu reino e sua glória, e depois com as necessidades dos discípulos por perdão, apoio e livramento diário. Ocasionalmente, parece pelo ensinamento do nosso Senhor que qualquer coisa pedida em oração será, sem restrição, concedida. Mas tal ensinamento deve ser entendido à luz do ensinamento geral de Cristo sobre a oração (“Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”).

Cristo afirmou que quando o Espírito Santo, o Consolador, viesse, os discípulos orariam ao Pai em nome de Cristo ([Jo 16.23-25](#)). Assim, vemos que após a vinda do Espírito no dia de Pentecostes, a igreja primitiva é caracterizada pela oração ([At 2.42](#)) sob a liderança dos apóstolos ([6.4](#)). A igreja louva a Deus pelo dom de seu Filho e de seu Espírito, e faz petições a Deus em tempos de dificuldade ([4.24; 12.5.12](#)).

É nos escritos de Paulo que a teologia da oração é mais plenamente desenvolvida. O crente do NT é um filho, não apenas um servo. O Espírito que, como resultado do triunfo de Cristo, veio à igreja é o Espírito de adoção, capacitando o cristão a se aproximar de Deus como seu Pai, com todas as suas necessidades. Proeminente entre essas necessidades, na mente do apóstolo, estão o aprofundamento da fé em Cristo, o amor por Deus e uma crescente apreciação do amor de Deus em troca ([Ef 3.14-19](#)). A oração é parte da armadura do cristão contra o ataque satânico ([6.18](#)), o ministério eficaz da Palavra de Deus depende das orações do povo de Deus (vv. [18-19](#)), e o cristão é encorajado a orar por todos os tipos de coisas, com ação de graças ([Fp 4.6](#)), e assim estar livre da ansiedade. O próprio exemplo de Paulo na oração é tão instrutivo quanto o ensino que ele dá.

A oração do cristão está enraizada, objetivamente, na intercessão de Cristo; subjetivamente, na capacitação do Espírito Santo. A igreja é um reino de sacerdotes, oferecendo sacrifícios espirituais de

louvor e ação de graças ([Hb 13.15](#); [1Pe 2.5](#)), mas Cristo é o “Grande Sumo Sacerdote”. Este pensamento é desenvolvido plenamente em Hebreus. Por causa da simpatia humana de Cristo, do poder de sua obra intercessória (ou seja, o triunfo de sua expiação) e de sua superioridade sobre o antigo sacerdócio aarônico, a igreja é encorajada a se aproximar de Deus com ousadia, para encontrar graça quando necessário ([Hb 4.14-16](#); [9.24](#); [10.19-23](#)). Em nenhum lugar, tanto no AT quanto no NT, há incentivo para orar a indivíduos que não sejam Deus. Em nenhum lugar das Escrituras é sugerido que haja qualquer outro mediador entre Deus e os homens, exceto Cristo ([1Tm 2.5](#)).

Os Elementos da Oração

Embora a oração seja, tipicamente, uma atividade inconsciente em que a pessoa que ora se dedica a Deus, é possível distinguir vários elementos na oração, como ficará evidente a partir da discussão dos dados bíblicos. *Louvor* envolve o reconhecimento de quem Deus é e o que ele faz. É “dar glória a Deus”, não no sentido de acrescentar à sua glória, o que seria impossível, mas de reconhecer voluntariamente (e, quando apropriado, publicamente) Deus como Deus. Expressões típicas de tal louvor podem ser encontradas nos salmos ([Sl 148](#); [150](#)). Quando o reconhecimento da bondade de Deus é em relação ao que ele fez para quem ora, ou para outros, então a oração é de *ação de graças*, pela própria vida, pelo uso e beleza do universo físico, por Cristo e seus benefícios (veja [2Co 9.15](#)), e por respostas específicas à oração. *Confissão* de pecado reconhece a santidade de Deus e sua suprema autoridade moral, juntamente com a responsabilidade pessoal de quem faz a confissão. A confissão, portanto, envolve a vindicação ou justificação de Deus e um reconhecimento explícito e irrestrito do pecado, tanto como ele surge em motivos e disposições pecaminosas quanto como encontra expressão externa. [Salmo 51](#), a confissão de pecado de Davi em relação a Bate-Seba, é o exemplo bíblico clássico de uma oração de confissão. *Petição* pode ser considerada como diz respeito a quem ora, e também como diz respeito a outros, quando é *intercessão*. A Escritura nunca considera a oração por si mesmo como pecaminosa ou eticamente imprópria, como pode ser visto no padrão de oração dado na Oração do Senhor. A oração pelos outros é uma expressão óbvia de amor ao próximo, que é fundamental para a ética bíblica.

Veja também A oração do Senhor; Louvor; Adoração.

Oração de Azarias

Uma oração encontrada em algumas versões da Bíblia foi proferida por Azarias, um dos amigos de Daniel, enquanto ele estava na fornalha ardente.

Veja Daniel, Adições de.

Oração de Azarias

Veja Daniel, Adições a.

Oração de Manassés

Esta breve oração, atribuída ao Rei Manassés de Judá, é frequentemente considerada uma das melhores obras da literatura apócrifa (um conjunto de textos antigos não incluídos na Bíblia Hebraica, mas aceitos por alguns grupos cristãos). Durante a Reforma, os protestantes apreciaram profundamente sua expressão de piedade. No entanto, não é considerada Escritura por protestantes, católicos romanos ou pela Igreja Ortodoxa Oriental.

O título antigo, *A Oração de Manassés rei de Judá quando ele foi mantido cativo na Babilônia*, é melhor do que o título moderno e o título em latim, *Oratio Manassae*. O título antigo indica que esta oração está ligada ao Rei Manassés, que reinou de 696 a 642 a.C. Manassés foi levado cativo para a Babilônia, onde “ele finalmente voltou a si e humildemente clamou a Deus por ajuda. O Senhor ouviu e atendeu seu pedido, retornando-o a Jerusalém e ao seu reino!” ([2Cr 33.12-13](#); sobre a historicidade deste relato, veja Manassés #3).

O escritor de 2 Crônicas disse que esta oração veio dos arquivos nacionais e de outra fonte ([2Cr 33.18-19](#)). Um autor anônimo compôs a oração, mas a data de composição é incerta. Com base em evidências internas, estudiosos a dataram entre 250 a.C. e 50 d.C. O manuscrito bíblico grego mais antigo sobrevivente com esta oração é o Codex Alexandrinus, do quinto século d.C. A evidência mais antiga de sua existência está em um manual siriaco de procedimentos da igreja chamado *Didascalia*, do terceiro século d.C. Este manual foi posteriormente revisado nas *Constituições Apostólicas* em 380 d.C.

A maioria dos estudiosos acredita que a oração foi originalmente escrita em grego. No entanto, é difícil determinar a língua original de um texto tão curto — cerca de 400 palavras em português. A Oração de Manassés existe em:

- Grego;
- Siríaco;
- Duas versões em latim;
- Etíope;
- Armênio;
- Eslavo Antigo.

Sua popularidade entre judeus e cristãos nos primeiros três séculos da era cristã é clara.

A Oração de Manassés é uma súplica de um pecador que reconhece seus erros e clama a um Deus misericordioso.

A oração se baseia em descrições de Deus encontradas no Antigo Testamento. Ela identifica Deus como:

- "Senhor Todo-poderoso" (Or Mn 1.1; cp. [2Co 6.18](#));
- "Deus de nossos pais" (Or Mn 1.1; veja também [2Cr 20.6](#); [33.12](#));
- O Criador — glorioso, poderoso, irado, mas misericordioso (Or Mn 1.2–7a);
- Ele "fez o céu e a terra" (Or Mn 1.2; veja também [Ex 20.11](#); [Ne 9.6](#); [Sl 146.6](#));
- "Em sua variedade múltipla" (Or Mn 1.2);
- Ele "acorrentou o mar" e "confinou o abismo" (Or Mn 1.3; veja também [Jó 38.8–11](#));
- Ninguém pode suportar sua majestade gloriosa (Or Mn 1.5a; cp. [2Pe 1.16–17](#));
- Seu poder faz com que toda criatura "treme e estremeça" (Or Mn 1.4);
- Sua bondade é demonstrada na misericórdia e na salvação (Or Mn 1.7,14; veja também [Is 63.7](#) e [Rm 2.4](#));
- Ele é compassivo, paciente (tolerante) e muito misericordioso (Or Mn 1.7; veja também [Sl 86.5,15](#));
- Ele é "o Senhor Altíssimo" (Or Mn 1.7; veja também [Sl 7.17](#); [47.2](#)).

Manassés também afirma que:

- "Ninguém pode suportar a tua [de Deus] ira ameaçadora contra os pecadores" (Or Mn 1.5b);
- A idolatria dele sempre foi má aos olhos de Deus, mesmo que ele só tenha percebido recentemente que estava "acumulando pecado sobre pecado" (Or Mn 1.10);
- Ele está em correntes e rejeitado por Deus porque sua idolatria irritou Deus (Or Mn 1.10; veja também [2Cr 33.6](#) e [Sl 107.10](#)).

Manassés afirma que a misericórdia de Deus é sua única esperança. A misericórdia de Deus é:

- Incomensurável e além da compreensão (Or Mn 1.6);
- Infinita (Or Mn 1.7);
- Grande (Or Mn 1.14).

A misericórdia de Deus está disponível porque o Senhor mesmo "designou o arrependimento para os pecadores, para que possam ser salvos" (Or Mn 1.7; veja também [At 5.31](#)), incluindo o próprio Manassés (Or Mn 1.8).

O coração da oração (Or Mn 1.9–13a) inclui a confissão de pecado de Manassés e seu apelo por perdão. Ela contém três linhas memoráveis:

1. "**Minhas transgressões são muitas, ó Senhor, minhas transgressões são muitas... Perdoa-me, ó Senhor, perdoa-me!"**;
2. "**E agora eu douro o joelho do meu coração, suplicando-te por tua bondade**". Apesar de sua indignidade (Or Mn 1.9,14), ele implora a Deus para não destruí-lo, nem permanecer irado com ele para sempre, nem condená-lo à sepultura, porque o Senhor é "o Deus daqueles que se arrependerem" (Or Mn 1.13);

3. Manassés torna-se confiante de que Deus, em sua bondade e misericórdia, irá salvá-lo (Or Mn 1.14). Ele então demonstra a resposta adequada de um pecador perdoado ao dizer, "**Eu te louvarei continuamente todos os dias da minha vida**" (Or Mn 1.15).

A oração conclui com uma breve doxologia que louva a glória eterna de Deus.

Embora esta oração tenha muitas qualidades admiráveis, ela difere do ensino cristão em um aspecto importante. O autor erroneamente pressupõe que existem dois tipos de pessoas: os justos, que são bons, e os pecadores, que são maus. A oração retrata Abraão, Isaque e Jacó como homens justos que não pecaram e não precisavam se arrepender. Isso não é preciso, mas reflete o pensamento judaico antes do cristianismo (veja [Mt 9.13](#)). O Apóstolo Paulo disse que ninguém é justo por si só. Todos pecaram ([Rm 3.10–12,21–26](#)). A justiça de Abraão não era inerente, ela veio através da fé ([Rm 4.3](#); cp. [Fp 3.8–9](#)).

Veja também Apócrifos.

Oração do Senhor, A

Modelo de oração que Jesus deu aos seus seguidores para usarem. Existem duas versões da Oração do Senhor ([Mt 6.9–13](#); [Lc 11.2–4](#)). A primeira está incluída no Sermão da Montanha; a segunda é a resposta de Jesus ao pedido de um discípulo para que ele os ensinasse a orar. Existem diferenças consideráveis entre as duas versões.

Alguns estudiosos dedicam bastante atenção à questão de qual é a mais antiga das duas. De modo geral, eles concluem que, na maioria dos pontos, a de Lucas é a forma mais antiga. Isso se deve em grande parte ao fato de ser mais curta, e não há razão para que alguém deixe algo de fora em uma oração tão curta quanto esta, enquanto é fácil entender por que adições podem ser feitas. Esses estudiosos geralmente sustentam que, em algumas palavras, Mateus provavelmente manteve a forma mais antiga.

Essa abordagem, no entanto, não leva em consideração o fato de que Jesus parece ter considerado a oração como um modelo, não como uma fórmula. Em Mateus, ele a introduz com as palavras "Orem assim". Se a oração foi realmente pensada como um modelo, é improvável que fosse

recitada apenas uma vez. Pelo contrário, é de se esperar que Jesus a tenha usado em várias ocasiões. E se ele realmente queria que as pessoas orassem “dessa maneira” (e não invariavelmente com essas palavras), então variações na formulação são esperadas.

Alguns escritores recentes consideram toda a oração como escatológica — ou seja, relacionada ao fim do mundo. Eles veem a petição “Venha o teu reino” como central e entendem que todas as outras petições se referem, de alguma forma, à vinda do reino. A oração sobre santificar o nome é então vista como uma oração pela destruição dos inimigos de Deus que não reverenciam sua santidade; a linha sobre o pão torna-se uma petição pelo banquete messiânico; e assim por diante. Mas isso é interpretar as palavras de uma maneira não natural. Os cristãos estão, é claro, sempre vivendo nos “últimos dias”, e não há razão para que não vejam uma aplicação das palavras de Jesus à situação escatológica. Parece muito mais provável, no entanto, que devamos entender a oração com referência à ajuda de que precisamos em nossas vidas diárias.

Pai nosso que estás no céu,
 Que o teu nome seja santificado.
 Venha o Teu Reino.
 Que a tua vontade seja feita na terra,
 como está no Céu.
 Dá-nos hoje o pão nosso de cada dia.
 E perdoa as nossas dívidas,
 assim como perdoamos os nossos devedores.
 E não nos deixe cair em tentação,
 mas livra-nos do mal:
 Pois teu é o reino,
 e o poder,
 e a glória para sempre.
 Amém.

O pronome da primeira pessoa do singular não é usado em nenhum lugar na oração. Dizemos: “Pai Nossa,... dá-nos...”. Esta oração é destinada a uma comunidade. Pode ser usada de forma proveitosa por um indivíduo, mas não é destinada como um auxílio à devoção privada. É uma oração a ser dita pelo povo de Deus; é a oração da família cristã.

Em Mateus, as palavras iniciais são “Pai Nossa no céu”, enquanto Lucas tem simplesmente “Pai”. Aqueles que oram assim são membros de uma família e veem Deus como o chefe da família, alguém que está ligado a eles por laços de amor. O “no céu” de Mateus destaca algo de sua dignidade, e isso também é visto na petição “Santificado seja o teu nome” (idêntico nos dois). Na antiguidade, “o nome” significava muito mais do que significa para nós. De certa forma, resumia toda a pessoa. Assim, esta petição é mais do que uma oração para que as pessoas usem o nome de Deus de forma reverente em vez de blasfema (embora isso seja importante e esteja incluído). Ela busca que as pessoas tenham uma atitude reverente em relação a tudo o que Deus representa. Elas devem ter uma humildade adequada diante de Deus, estando prontas para honrá-lo como ele é em toda a sua santidade.

“Venha o teu reino” é a petição que mais busca a atividade escatológica de Deus. Os cristãos sempre ansiaram pelo dia em que Deus derrubará os reinos desta terra e tudo se tornará o reino do nosso Senhor e do seu Cristo ([Ap 11.15](#)). Isso está incluído no significado da petição. Mas há outro sentido em que o reino é uma realidade presente, um reino que agora está nos corações e vidas humanas. Este aspecto do reino é destacado nas palavras adicionadas na versão de Mateus, “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” ([Mt 6.10](#)). O servo de Deus busca que o governo de Deus se torne real em mais e mais vidas.

Na petição sobre o pão, Jesus está preocupado com as necessidades materiais da vida diária. É verdade que os seguidores de Jesus não devem se preocupar com o que precisam comer e vestir ([Mt 6.25](#)). Mas Jesus também ensinou que eles devem constantemente buscar a Deus para que essas necessidades sejam supridas (vv. [32-33](#)). A visão de que o banquete messiânico está em mente não considera o fato de que o banquete é visto como uma festa, enquanto aqui é mencionado o pão, e não algum alimento festivo. O grande problema nesta petição é o significado da palavra geralmente traduzida como “diário”. É uma palavra extremamente rara, e muitos estudiosos acreditam que foi criada pelos cristãos. Como é impossível estabelecer o significado a partir do uso, as discussões se concentram em sua derivação. Poderia significar várias coisas: “diário”, “para hoje”, “para o dia seguinte”, “para amanhã” ou “necessário”. A compreensão tradicional, “diário”, parece a mais provável. Mas, independentemente de como a traduzimos, a oração é pelas necessidades simples e presentes da vida. Jesus

estava aconselhando seus seguidores a orar pelas necessidades, não pelos luxos, e pelo que é necessário agora, não por um grande estoque para muitos dias futuros. Ao limitar a petição às necessidades presentes, Jesus ensinou uma dependência diária de Deus.

A petição sobre o perdão difere ligeiramente nos dois relatos. Em Mateus é “Perdoa-nos as nossas dívidas”, enquanto Lucas tem “Perdoa-nos os nossos pecados”. Sem dúvida, é o perdão dos pecados que está em mente, mas a forma em Mateus vê o pecado como uma dívida. Devemos a Deus viver de maneira correta. Ele nos forneceu tudo o que precisamos para isso. Então, quando pecamos, nos tornamos devedores. O pecador falhou em cumprir suas obrigações, o que ele “deve”. Mateus continua dizendo, “assim como nós também perdoamos aos nossos devedores”, e Lucas, “pois nós mesmos perdoamos a todos os que nos devem”. O tempo em Mateus indica que a pessoa que ora não está apenas pronta para perdoar, mas já perdoou aqueles que pecaram contra ela; em Lucas, que ele habitualmente perdoa. Além disso, ele faz isso no caso de cada devedor.

Em nenhuma forma da oração está implícito que o perdão humano conquista o perdão de Deus. O NT deixa claro que Deus perdoa por causa de sua misericórdia, demonstrada na morte de Cristo por nós na cruz. Nada que fazemos pode merecer perdão. Há também o pensamento de que aqueles que buscam perdão devem demonstrar um espírito perdoador. Como podemos reivindicar o perdão de nossos pecados se não perdoamos os outros que pecam contra nós?

Há uma disputa quanto ao significado preciso da petição tradicionalmente traduzida como “não nos deixes cair em tentação”. Alguns preferem uma tradução como “não nos submetas à prova”. A palavra geralmente entendida como “tentação” às vezes significa uma prova ou um teste. Mas é o tipo de teste em que o maligno se envolve, testando com a intenção de falhar. É, portanto, a palavra normal a ser usada quando se tem em mente a tentação. Se toda a oração deve ser entendida escatologicamente, então “não nos submetas à prova” é sem dúvida a forma como essa petição deve ser interpretada. O grande tempo de provação que vem com a ascensão do mal nos últimos dias é algo do qual todo cristão naturalmente se afasta, e a oração expressaria isso. Mas é muito mais provável que a oração se refira à vida aqui e agora. Mesmo assim, pode significar “prova severa”, e

alguns estudiosos preferem isso. Eles acham que Jesus estava aconselhando seus seguidores a orar por uma vida tranquila na qual não enfrentariam infortúnios sérios. Mas uma oração para ser livrado da tentação é muito mais provável. Os cristãos conhecem sua fraqueza e prontidão para pecar, então oram para serem mantidos longe da tentação de se desviar. É verdade que Deus não tenta as pessoas ([Tg 1.13](#)). Mas também é verdade que é importante para o crente evitar o mal. Não se deve ver quão perto de pecar se pode chegar sem realmente fazê-lo, mas deve-se manter o mais longe possível disso (cf., e.g., [1Co 6.18](#); [10.14](#)).

Mateus acrescenta: “mas livra-nos do mal” (como fazem alguns manuscritos de Lucas). Este é um desenvolvimento adicional da oração recém-oferecida. Há incerteza quanto a se a última palavra significa “mal” de forma geral ou “o maligno”. Qualquer significado é possível. Os cristãos oram para que não sejam tentados, o que naturalmente leva ao pensamento de que não se tornem presas do mal ou que sejam livres da dominação do diabo. É a orientação geral do ensino de Jesus que deve decidir o ponto, não a linguagem precisa usada aqui.

É aqui que a oração termina em Lucas e nos manuscritos mais antigos de Mateus. Poucos duvidariam que aqui é onde a oração terminou no ensinamento de nosso Senhor. Mas muitos manuscritos, alguns deles bastante antigos, acrescentam as palavras familiares, “pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre”. Este é o tipo de doxologia frequentemente encontrada em orações na antiguidade, tanto judaicas (cf. [1Cr 29.11](#)) quanto cristãs. Os primeiros cristãos usavam a Oração do Senhor nos cultos e, sem dúvida, acharam esta uma maneira esplêndida de terminá-la. Com o tempo, o que era tão aceitável no culto encontrou seu caminho em alguns dos manuscritos. Podemos muito bem continuar a terminar a oração desta forma. É bom lembrar que toda soberania, poder e glória últimos pertencem a Deus para sempre. Mas não devemos ver isso como parte da oração que Jesus ensinou seus seguidores a usar.

Veja também Oração; Sermão do Monte; Adoração.

Oráculo

Um oráculo é uma mensagem divina de Deus transmitida por um porta-voz (como um profeta, sacerdote ou rei). Os oráculos geralmente

anunciam bênçãos, fornecem instruções ou declaram julgamentos.

Quando Balaque pediu a Balaão para proferir uma maldição contra Israel, Balaão, em vez disso, proferiu um oráculo de bênção ([Nm 24.3-16](#)). Deus instruiu Moisés através de “palavras vivas” ([At 7.38](#)). Deus confiou ao povo judeu essas mensagens ([Rm 3.2](#)).

O livro de Provérbios contém dois oráculos de sabedoria: um de Agur, que era filho de Jaque ([Pv 30.1](#)), e outro do rei Lemuel ([Pv 31.1](#)).

A Bíblia lista oráculos de julgamento entregues contra os reis Jorão de Israel ([2Rs 9.25](#)) e Joás de Judá ([2Cr 24.27](#)). Os profetas frequentemente proferiam oráculos contra nações que praticavam o mal:

- Isaías proferiu oráculos contra Babilônia ([Is 13.1; 21.1](#))
- Isaías proferiu oráculos contra Damasco ([17.1](#))
- Isaías proferiu oráculos contra o Egito ([19.1](#))
- Isaías proferiu oráculos contra Jerusalém ([22.1](#))
- Isaías proferiu oráculos contra Moabe ([15.1](#))
- Isaías proferiu oráculos contra a Filistia ([14.28](#))
- Isaías proferiu oráculos contra Tiro ([23.1](#))
- Naum proferiu oráculos contra Nínive ([Na 1.1](#))
- Habacuque proferiu oráculos contra Judá ([Hc 1.1](#))
- Malaquias proferiu oráculos contra Israel ([Ml 1.1](#))

Às vezes, falsos profetas davam oráculos falsos e enganosos ([Lm 2.14](#)).

Veja também Profecia.

Ordem, Mandamento

Veja Mandamento, o Novo; Mandamentos, os Dez.

Ordenar, Ordenação

O ato de investir, atribuir oficialmente alguém com autoridade religiosa. Vários sinônimos são “nomear”, “instituir”, “preparar” e “determinar”. No uso atual, as palavras “ordenar” e “ordenação” são aplicadas a pessoas, significando seleção e nomeação para o serviço de Deus.

No Antigo Testamento

Em todo o AT, a ênfase recai sobre a escolha e designação de Deus a quem ele quer. As funções sacerdotais passaram muito cedo do chefe de cada casa para a tribo divinamente escolhida de Levi ([Dt 33.8-11; Iz 17.13](#)). Através de todas as subsequentes rivalidades entre clãs — “Zadoqueus”, “Aarônico”, “Asmoneus” — esta reivindicação de privilégio herdado persistiu. A nomeação divina através de Levi remonta a Moisés ([Ex 4.14; 28.41; 29.9](#)), reivindicada para o efraimita Samuel ([1Cr 6.28](#)), e ainda celebrada por Siraque [Eclo 45.6-22](#), ca. 180 a.C.). Como o livro de Hebreus afirma ([Hb 5.1,4](#)), ninguém toma a honra para si; ele é “chamado por Deus, como Arão foi”, por nascimento para um status herdado.

Os primeiros levitas foram apresentados no tabernáculo na presença do povo, e reconhecidos pela “imposição das mãos” ([Nm 8.10, 14-18](#)). Da mesma forma, Moisés recebeu instruções para a consagração de Arão e seus filhos, com duração de uma semana, com elaborados sacrifícios, vestimentas, unção e cerimônias rituais. ([Ex 29; Lv 8](#)). Em ambos os casos, a preservação cuidadosa dessas instruções detalhadas sugere que as cerimônias foram mantidas, em algum grau, nos anos posteriores, embora nenhuma repetição seja registrada.

Ao lado dos sacerdotes, existiam estabelecimentos de profetas reconhecidos, ou comunidades proféticas, às vezes com patrocínio real ([1Sm 10.5; 1Rs 1.9-10; 18.17-19; 20.35; 22.5-28; 2Rs 2.3-7; 23.2](#)). A linhagem de profecia também remonta até os primeiros dias (ver [Gn 20.7; Dt 34.10; Iz 4.4; Jr 7.25](#)). A frase “filhos dos profetas”, e uma sugestão pouco clara em [Jr 35.4](#), podem implicar que a profecia, assim como o sacerdócio, às vezes era hereditária, mas a forma de nomeação e atribuição é desconhecida. Os profetas notáveis opunham-se frequentemente às “escolas” proféticas (Elias, [1Rs 17](#); Micaías, [1Rs 22.5-28](#); Jeremias, [Jr 27.14-16; 28](#)). Esses homens foram nomeados por chamado

direto e divino ([1Rs 17.1; 21.17; Is 6; Jr 1; Am 7.15](#)), embora pela instrução de Deus, Eliseu tenha sido chamado e ungido por Elias ([1Rs 19.16](#); cf. [Is 61.1](#)). A autenticação da mensagem do profeta não reside em cerimônias de atribuição apropriadas, mas em sua verdade autoevidente; no caso das previsões, em sua realização ([1Rs 22.13-14, 26-28; Jr 28.5-9](#)).

No Novo Testamento

A ordenação cristã também é uma questão de escolha divina. Nem Jesus, nem qualquer discípulo, veio das classes religiosas profissionais. Ao ordenar os 12 apóstolos, Jesus chamou para si aqueles a quem ele desejava, mais tarde insistindo. “Não foram vocês que me escolheram; pelo contrário, fui eu que os escolhi” ([Jo 15.16](#)). A escolha de Matias baseava-se em oração e na sorte divina ([At 1.24-26](#)). Paulo argumentou que ele havia sido separado por Deus antes de nascer e não recebeu seu apostolado da parte de homens ou através deles ([Gl 1.1, 15](#)). Paulo e Barnabé foram comissionados pela direção do Espírito durante a adoração, provavelmente por um profeta cristão. Da mesma forma, Timóteo foi primeiro escolhido como assistente de Paulo por declarações proféticas que apontavam para ele ([1Tm 1.18; 4.14](#)).

Em Corinto, vários ministérios de proclamação, ensino, cura e administração foram diretamente conferidos como dons do Espírito, que reparte como lhe convém ([1Co 12.8-11, 28](#); cf. [Ef 4.11](#)). Os anciãos da igreja em Éfeso foram feitos guardiões do rebanho pelo Espírito Santo ([At 20.28](#)). A prerrogativa divina está em todos os lugares da maneira clara: qualquer tentativa de obter o privilégio do ministério por iniciativa pessoal e meios indignos encontra a mais severa condenação ([8.18-24](#)).

Por outro lado, a igreja reunida “nomeou” Barnabé e Matias antes de submeter a escolha final a Deus ([At 1.15, 23](#)). Os crentes escolheram os sete servidores, então os apresentaram aos apóstolos ([6.2-6](#)). Uma igreja reunida, sob o comando do Espírito, comissionou e enviou Paulo e Barnabé ([13.3](#)). Os próprios Paulo e Barnabé nomearam anciãos ([14.23](#)), como Tito é instruído a fazer ([Tt 1.5](#)), e provavelmente Timóteo também ([1Tm 5.22](#)). Os anciãos em Listra e Icônio, juntamente com Paulo, obedecendo a um profeta cristão, nomearam Timóteo para a liderança ([1Tm 4.14; 2Tm 1.6](#)). No momento em que as cartas foram escritas a Timóteo e Tito, listas elaboradas de

qualificações eram necessárias para os líderes da igreja ([1Tm 3.1-13; 2Tm 2.2](#)).

A congregação dos crentes também participou na seleção dos líderes. Isso poderia ter envolvido oração, jejum e sorteio ([At 1.26; 6.6; 13.2-3; 14.23](#)); às vezes “seleção através das mãos” (grego, *cheirotonein*, originalmente significa “eleição levantando as mãos”, mais tarde “seleção apontando para”; cf. [At 14.23; 2Co 8.19](#)); e às vezes seleção por escolha do grupo ([At 1.15, 23; 6.2-5; 13.3; 16.2; 1Tm 4.14](#)).

Ver também Preordenação.

Orebe

Um dos dois chefes midianitas (o outro sendo Zeebe) foi morto por homens da tribo de Efraim ([Jz 7.25](#)). A ocasião para essa execução foi o ataque surpresa de Gideão ao acampamento midianita na colina de Moré, no Vale de Jezreel. A rota de retirada dos midianitas para o leste exigia que eles atravessassem novamente o Rio Jordão. Gideão enviou uma mensagem aos efraimitas para que tomassem os locais de travessia no rio, impedindo que os midianitas escapassesem. Os efraimitas, seguindo as ordens, interceptaram um contingente de midianitas em fuga, incluindo os líderes proeminentes Orebe e Zeebe. Eles decapitaram esses dois líderes e enviaram suas cabeças como prêmio de guerra para Gideão, que então estava perseguindo os midianitas no lado leste do Jordão ([8.3](#)).

Na história posterior de Israel, as mortes de Orebe e Zeebe foram reconhecidas como um grande triunfo de Deus sobre os inimigos de seu povo. O salmista implora a Deus para derrubar os nobres entre os inimigos atuais de Israel, assim como fez com os chefes midianitas ([Sl 83.11](#)). O Senhor, falando através de seu profeta Isaías, prometeu que os assírios seriam derrubados como no massacre de Midiâ na rocha de Orebe ([Is 9.4; 10.26](#)), implicando que a vitória anterior representava mais do que a captura de dois líderes; foi uma derrota importante e estratégica da força invasora midianita.

Orebe, Pedra de

Local onde os efraimitas mataram o chefe midianita Orebe ([Jz 7.25; Is 10.26](#)). Veja Orebe.

Orém

Descendente de Judá e o terceiro filho de Jerameel ([1Cr 2.25](#)).

Orfa

Mulher de Moabe que se casou com Quiliom ([Rt 1.1-14](#)), filho de Elimeleque e Noemi. Após a morte de seu marido e filhos, Noemi decidiu retornar a Judá. Tanto Orfa quanto Rute decidiram ir com Noemi, mas, a pedido de Noemi, Orfa ficou em sua terra natal.

Veja também Rute, Livro de.

Órfão

Uma pessoa que perdeu um ou ambos os pais, muitas vezes devido à morte. A palavra vem de uma raiz hebraica que significa "estar sozinho" ou "desolado", e é frequentemente traduzida como "órfão". A ideia descreve qualquer pessoa sem proteção legal na comunidade de aliança de Israel. Elas estão desprotegidas ou necessitadas, e especialmente vulneráveis à opressão. Também se refere a alguém que carece do cuidado de um ou ambos os pais terrenos (compare [Lm 5.3](#)).

Deus demonstra uma preocupação especial pelos órfãos ([Ex 22.22-24](#); [Dt 10.18](#); [Sl 10.14,18; 27.10; 68.5; 146.9](#); [Is 1.17](#); [Os 14.3](#)). As leis do Antigo Testamento protegiam seus direitos de herança ([Nm 27.7-11](#); [Dt 24.17](#); [Pv 23.10](#)). A lei permitia que eles colhessem alimentos dos campos e vinhedos ([Dt 24.19-21](#)). Também permitia que participassem das grandes festas anuais ([Dt 16.11,14](#)). Eles também recebiam uma parte dos dízimos recolhidos a cada três anos ([Dt 14.29; 26.12](#)). A Bíblia condena fortemente aqueles que maltratam os órfãos ([Dt 24.17; 27.19](#); [Ml 3.5](#)).

Amigos e parentes às vezes ajudavam órfãos em Israel ([Jó 29.12; 31.17](#)). No entanto, muitas pessoas não seguiam essas leis. Esse fracasso é evidenciado pelas acusações dos escritores da Bíblia ([Jó 6.27; 22.9; 24.3,9](#); [Sl 94.6](#); [Is 1.23; 10.2](#); [Jr 5.28](#); [Ez 22.7](#)).

Como resultado, os profetas frequentemente pediam um melhor tratamento para os órfãos ([Ir 7.6; 22.3](#); [Zc 7.10](#)).

O Novo Testamento usa a palavra apenas duas vezes. Uma vez, descreve aqueles que estão

desolados ou em "aflição" ([Jo 14.18](#)). O segundo uso descreve os "órfãos" ([Tg 1.27](#)). No espírito de um profeta do Antigo Testamento, Tiago diz que a verdadeira religião inclui cuidar dos órfãos.

Órgão

Tradução incorreta da ARC para flauta em [Gênesis 4.21](#). Veja Instrumentos musicais (Ugab).

Orgulho

O orgulho pode referir-se a um autorrespeito razoável ou justificável, mas também pode significar uma autoestima inadequada e excessiva, conhecida como vaidade ou arrogância.

Orgulho positivo e negativo

O apóstolo Paulo demonstrou um tipo positivo de orgulho ao falar sobre sua confiança nos cristãos ou sua força no Senhor ([2Co 7.4; 12.5,9](#)). No entanto, a Bíblia refere-se principalmente ao lado negativo do orgulho tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Na Bíblia, orgulho muitas vezes significa ter uma atitude de superioridade, que é o oposto de humildade. Uma palavra grega para orgulho descreve alguém que parece importante, mas na verdade está apenas cheio de auto importância (e.g., [1Co 5.2; 8.1; 13.4](#); [Gl 2.18](#)).

Orgulho como pecado

O orgulho é um pecado de atitude e espírito. Assim se diz: "Olhos altivos e coração orgulhoso — os guias dos ímpios — são pecado" ([Pv 21.4](#)). [Eclesiastes 7.8](#) fala sobre ser orgulhoso de espírito, e o salmista diz: "Ó Senhor, meus olhos não são altivos" ([Sl 131.1](#)).

O orgulho é mencionado nas duas listas dos pecados mais evidentes na Bíblia. Além dos pecados pelos quais Deus julgará os gentios, Paulo lista insolência, arrogância e vangloria ([Rm 1.30](#)). Paulo também menciona que nos últimos dias, as pessoas serão vaidosas, arrogantes e presunçosas ([2Tm 3.2-4](#)).

Assim como muitos pecados de atitude, o orgulho não pode permanecer interno:

- Isso pode afetar a maneira como alguém fala:
 - Eles podem se gabar com mais frequência ([Mt 3.13](#)).
- Pode afetar a aparência de alguém:
 - Eles podem ter “olhos altivos” ou “um olhar orgulhoso” ([Pv 6.17](#); [Sl 101.5](#); [Pv 30.13](#)).
- Isso pode influenciar como alguém trata os outros:
 - Podem tratar os outros de forma rude ([Pv 21.24](#)). Por exemplo, como os fariseus e outros líderes judeus tratavam e falavam sobre aqueles que consideravam inferiores (e.g., [Mt 23.5–12](#); [Jo 9.34](#)). Isso era especialmente verdadeiro em relação aos cobradores de impostos e pecadores.

Exemplos bíblicos de orgulho levando à queda

A Bíblia fornece vários exemplos de como o orgulho leva à queda:

- O orgulho foi a queda do rei Uzias, que, por causa desse pecado, ousou oferecer incenso no altar de incenso e foi acometido de lepra como punição de Deus ([2Cr 26.16](#)).
- Ezequias, após sua cura pelo Senhor, tornou-se orgulhoso de coração e trouxe a ira de Deus sobre si mesmo, Judá e Jerusalém ([2Cr 32.25–26](#)).
- O fariseu orando no templo, comparando-se com o humilde coletor de impostos, é outro exemplo ([Lc 18.9–14](#)).
- A recusa de Herodes em dar a Deus a glória por sua grandeza trouxe o julgamento divino; Herodes foi comido por vermes e morreu por seu pecado de orgulho ([At 12.21–23](#)).
- [Ezequiel 28](#), que descreve o orgulho do líder de Tiro, é interpretado por muitos estudiosos bíblicos como uma referência, em um sentido mais profundo, à queda de Satanás no princípio.

O orgulho não só causa a queda pessoal, mas também pode afetar nações. Foi uma razão fundamental para a remoção de Israel e Judá de Canaã ([Is 3.16](#); [5.15](#); [Ez 16.50](#); [Os 13.6](#); [Sf 3.11](#)). Também levou à queda do rei assírio e do rei moabita ([Is 10.12,33](#); [Jr 48.29](#)). Por causa de sua letalidade, Israel é advertido contra o orgulho e o esquecimento de Deus ([Dt 8.14](#)).

Deus detesta o orgulho

Dado isso, fica claro por que a Bíblia diz que o orgulho é uma das sete coisas que Deus odeia ([Pv 6.17](#)). Também menciona que Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes ([Tg 4.6](#); [1Pe 5.5](#); veja também [Pv 3.34](#), [18.12](#)). O hino de Maria, a mãe de Jesus, pode resumir a atitude de Deus em relação ao orgulho: “Ele realizou feitos poderosos com seu braço; ele dispersou aqueles que são orgulhosos nos pensamentos de seus corações. Ele derrubou governantes de seus tronos, mas exaltou os humildes” ([Lc 1.51–52](#)).

Oriente, Filhos do

Frase usada em referência às nações que estavam a oriente de Israel (e.g., [Jz 6.3](#), ARC “os do Oriente”).

Veja Pessoas do Oriente.

Órion

Nome, na Septuaginta, para uma constelação amplamente compreendida como semelhante a um caçador gigante, cingido ou acorrentado. Várias lendas surgiram sobre este caçador — na Grécia, que ele foi banido para o céu por jactância insensata; em terras semíticas, por afirmar tolamente sua força contra Deus (o hebraico significa tanto “robusto” quanto “tolo”). [Jó 9.9](#) menciona a “criação” de Órion entre as grandes e insondáveis coisas que Deus faz na natureza (cf. [Am 5.8](#)). Deus desafiou Jó a tentar o que só Deus poderia fazer — soltar as correntes de Órion ([Jó 38.31-32](#)). O verdadeiro significado da questão reside no fato de que o aparecimento das Plêiades anuncia a primavera e Órion anuncia o inverno, ambos sob a direção de Deus.

Veja também Plêiades.

Ornã

Tradução alternativa de Araúna, os jebuseus, em [1 Crônicas 21.15](#) (nota na margem da NVT). *Veja Araúna.*

Orontes

Rio do Grande Vale do Rift, fluindo para o norte a partir da bacia hidrográfica e alcançando o Mediterrâneo em Selêucia Pieria, a cidade portuária de Antioquia. O Orontes nunca proporcionou à Síria uma economia comparável à do Nilo para o Egito ou do Tigre-Eufrates para a Mesopotâmia.

Os países que compõem o Crescente Fértil incluem a Síria, que influenciou significativamente a história de Israel, principalmente através das cidades localizadas no Orontes. Por exemplo, a cidade de “Hamate, a Grande” ([Am 6.2](#)) no Orontes, contra a qual Salomão lutou ([2Cr 8.3-4](#)) e que Jeroboão II, muito mais tarde, recuperou para Israel ([2Rs 14.28](#)). Quando Samaria caiu para a Assíria, Sargão deportou seus habitantes e os

substituiu por pessoas de Hamate ([17.24,30](#)). As inscrições de Salmanaser III relatam que Acabe de Samaria lutou na batalha de Qarqar no Orontes em 854 a.C. Jeoás de Judá foi convocado pelo faraó Neco para Ribla no Orontes ([23.33](#)), um evento que Jeremias lamentou em um lamento ([Jr 22.10](#)). Em Ribla, Nabucodonosor cegou Zedequias e o levou acorrentado para Babilônia ([2Rs 25.20](#)).

Ortosia

Uma cidade ao norte de Trípoli, na Fenícia, para a qual o usurpador sírio Trifão fugiu após ser derrotado por Antíoco VII Sidetes durante o tempo de Simão Macabeu ([1Mc 15.37](#)).

Orvalho

O orvalho é a água que se forma nas superfícies durante a noite quando o ar quente esfria. Você geralmente pode ver o orvalho como pequenas gotas de água em plantas e outras superfícies no início da manhã.

No antigo Oriente Próximo, o orvalho era muito importante. Ele fornecia a água tão necessária em áreas quentes e secas onde a chuva era rara. As plantas precisavam do orvalho para crescer, e os agricultores dependiam dele para boas colheitas ([Ag 1.10](#)). A Bíblia frequentemente menciona o orvalho e a chuva juntos como valiosos presentes de Deus ([1Rs 17.1](#)). O orvalho desempenhou um papel importante durante o Êxodo (quando Deus conduziu os israelitas para fora do Egito). Ele ajudou a fornecer alimento para o povo no deserto ([Ex 16.13-21](#); [Nm 11.9](#)).

A Bíblia utiliza “orvalho” como uma metáfora para diversas coisas diferentes:

- O orvalho é, às vezes, um símbolo de bênção. Por exemplo, Isaque abençoou Jacó pedindo que "o orvalho do céu" lhe fosse dado ([Gn 27.28](#); cp. [Dt 33.13](#); [Mq 5.7](#)).
- O orvalho também era um símbolo de frescor, renovação ou prosperidade ([Jó 29.19](#); [Os 14.5](#)).
- Dizia-se que o favor de um rei era como o orvalho sobre a grama ([Pv 19.12](#)).
- O orvalho pode representar algo que chega silenciosamente. Assim como o orvalho se forma de maneira discreta à noite, ele foi usado para descrever ações silenciosas e secretas ([2Sm 17.12](#)).
- O orvalho também é um símbolo de algo que desaparece rapidamente. Assim como o orvalho evapora rapidamente ao sol da manhã, era usado para descrever coisas que não duram muito ([Os 6.4](#)).

Em um dos salmos de Davi, ele escreveu que Deus daria nova força como o orvalho da manhã ([Sl 110.3](#)).

Os Césares

Os Césares eram os governantes do Império Romano. O nome *César* foi inicialmente o sobrenome de Júlio César, que viveu de 100 a 44 a.C.

Os líderes romanos posteriores usaram *Cesar* como um título, mesmo que não fossem da família de Júlio César. É daí que vêm as palavras *Kaiser* (em alemão), *Keizer* (em holandês) e *Czar* (em russo).

A Bíblia menciona César Augusto ([Lc 2.1](#)) e Tibério César ([Lc 3.1](#)). No livro de Atos, o título *César* refere-se a Nero ([At 25.11-12,21](#); [26.32](#); [27.24](#); [28.19](#)). Durante o período do Novo Testamento, 12 Césares governaram. Seis deles pertenciam à família original de César.

Imperadores da dinastia de César

- Júlio César (100-44 a.C.; ele não foi oficialmente um imperador, mas seu nome e liderança deram início à linha dos Césares);
- Tibério (42 a.C. – 37 d.C., governou de 14 a 37 d.C.);
- Cláudio (10 a.C. – 54 d.C., governou de 41 a 54 d.C.);
- Nero (37-68 d.C., governou de 54-68 d.C.).

Alguns imperadores posteriores

- Galba (3 a.C. – 69 d.C., governou de 68 a 69 d.C.);
- Vespasiano (9-79 d.C., governou de 69-79 d.C.);
- Tito (39-81 d.C., governou de 79-81 d.C.);
- Domiciano (51-96 d.C., governou de 81-96 d.C.);
- Trajano (53-117 d.C., governou de 98-117 d.C.);
- Diocleciano (245-313 d.C., governou de 284 a 305 d.C.);
- Constantino, o Grande (272 ou 273-337 d.C., governou de 306 a 337 d.C.).

Veja também Roma, Cidade de.

Oseias

1. O nome original de Josué, filho de Num. Josué mais tarde tornou-se o sucessor de Moisés como líder dos israelitas. Moisés mudou o nome de Josué de Oseias para Josué ([Nm 13.8,16](#)).

Veja Josué (Pessoa) #1.

2. O filho de Elá e o último dos 20 reis do reino do norte de Israel ([2Rs 17.1-6](#)). O rei Oseias governou por nove anos, de 732 a 723 a.C., até que os assírios o capturaram. Nos últimos anos do reino do norte, a Assíria havia conquistado a maior parte do Oriente Médio. Isso ocorreu sob o governo de Tiglate-Pilesér III. A Assíria havia reduzido o reino do norte a apenas três áreas tribais. Tudo o que restava era Efraim, Issacar e a metade de Manassés a oeste do rio Jordão. Anteriormente, o reino do norte havia formado uma aliança com Rezim de Damasco (Síria). Isso ocorreu sob o governo de Peca, que reinou de 740 a 732 a.C. Acaz era rei de Judá durante esse período, governando de 735 a 715 a.C. O rei Peca de Israel tentou forçar o rei Acaz de Judá a se unir a eles contra Tiglate-Pilesér ([2Rs 16.5; Is 7.1-6](#)). A Assíria veio em auxílio de Judá. Durante esse tempo, Oseias fazia parte de um grupo que matou Peca ([2Rs 15.30](#)). Tiglate-Pilesér recompensou Oseias, tornando-o rei sobre o que restava do reino do norte. Oseias governou apenas como um rei servo sob a Assíria e pagou grandes tributos. Ele permaneceu leal à Assíria até a morte de Tiglate-Pilesér em 727 a.C. Quando Salmaneser V se tornou o novo rei da Assíria, ele não confiou em Oseias. Salmaneser marchou contra Oseias, continuando a exigir tributo anual ([2Rs 17.3](#)). Pouco depois, Oseias tentou afirmar sua independência. Ele parou de pagar tributos e iniciou negociações com o Rei So do Egito (versículo [4](#)). O Egito estava disposto a apoiar Hoshea porque temia que a Assíria controlasse a Palestina. O Egito esperava que Samaria (a capital de Israel) permanecesse como uma zona de amortecimento entre o Egito e a Assíria. Salmaneser então enviou seu exército contra Samaria em 724 a.C. Oseias

descobriu que sua aliança com o Egito tinha pouco valor. Os assírios capturaram Oseias e cercaram Samaria por três anos. A cidade caiu para os assírios em 722 a.C. Sargão II, que havia substituído Salmaneser por volta de 726 a.C., transferiu muitos israelitas para vários lugares na Assíria. Isso encerrou o reino do norte.

3. O filho de Azazias era um dos oficiais do Rei Davi e estava encarregado dos efraimitas ([1Cr 27.20](#)).
4. Um dos que colocaram seu selo na aliança de Esdras ([Ne 10.23](#)).
5. Um profeta de Israel do século VIII, mais conhecido como Oseias.

Veja Oseias (Pessoa); Oseias, Livro de.

Oseias

Este é o nome alternativo para Josué em [Números 13.8,16](#).

Veja Josué (Pessoa) #1.

Oseias (Pessoa)

Profeta do antigo Israel cuja esfera de atividade era o reino do norte. Pouco se sabe sobre ele além do livro profético que leva seu nome. Seu ministério profético é melhor situado no terceiro quarto do oitavo século a.C. Seu nome significa "ajuda" ou "auxiliador", e é baseado na palavra hebraica para salvação.

A evidência para situar Oseias no reino do norte é basicamente interna. O livro se concentra principalmente nas tribos do norte, que ele frequentemente identifica como "Efraim", uma denominação comum para o reino do norte. Além disso, o dialeto do hebraico em que o livro foi escrito parece ter características do norte.

As circunstâncias em torno do casamento de Oseias servem como catalisador para sua mensagem profética. Ele foi ordenado por Deus a se casar com Gómer, que aparentemente era uma prostituta; seu casamento forneceu uma analogia com Israel, que era culpado de adultério espiritual.

Os estudiosos divergem quanto à interpretação deste relato controverso, mas há poucas razões para duvidar de que foi um evento literal. O ato de sacrifício envolvido na obediência de Oseias a Deus forma uma imagem maravilhosa do amor sacrificial de Deus pela humanidade.

Veja também Oseias, Livro de; Profeta, Profetisa.

Oseias, Livro de

Oseias é o primeiro dos 12 profetas menores na ordem tradicional dos livros do Antigo Testamento. Foi escrito no final do século VIII a.C.

Oseias profetizou para o reino do norte de Israel durante seus últimos anos. Ele foi o único profeta que viveu e pregou no reino do norte. Deus escolheu Oseias para expor o abandono generalizado da fé e a corrupção naquele lugar. Oseias instou seus concidadãos a se arrependerem (pararem de fazer o mal) e voltarem para Deus. Através de sua própria vida, ele mostrou o amor fiel e inquebrável que Deus tinha por Israel.

Resumo

- Quem escreveu o Livro de Oseias?
- O Livro de Oseias é autêntico?
- Qual é a história do Livro de Oseias?
- Quando o Livro de Oseias foi escrito?
- Onde o Livro de Oseias foi escrito?
Para quem ele foi destinado?
- Por que o Livro de Oseias foi escrito?
- Qual é o tema do Livro de Oseias?
- Qual é a mensagem do livro de Oseias?

Quem escreveu o Livro de Oseias?

O ministério de Oseias durou pelo menos 38 anos, aproximadamente de 753 a 715 a.C. Ele parecia ser conchedor, independentemente de ser um camponês ou de pertencer a uma classe rica em Israel.

O casamento de Oseias com a prostituta Gómer provavelmente foi controverso em sua época. Também gerou grande controvérsia entre estudantes e comentaristas da Bíblia. É mais adequado entender que Gómer era uma prostituta

bem conhecida. Oseias foi ordenado a se casar com ela como um símbolo da infidelidade de Israel e do amor inabalável de Deus.

O Livro de Oseias é autêntico?

A maioria dos estudiosos concorda com a autenticidade e unidade de Oseias. No entanto, existem duas áreas de controvérsia:

1. As passagens que mencionam Judá (por exemplo, [Os 1.1,7,11; 4.15; 5.5,10-14; 6.4,11; 8.14; 11.12; 12.2](#))
2. As seções que falam sobre bênçãos futuras ou libertação nacional (por exemplo, [Os 11.8-11; 14.2-9](#))

As menções de Oseias a Judá são compreensíveis. Ele era um homem de Deus, perturbado pela separação de Israel da legítima linhagem davídica. O reino do norte, liderado por reis ímpios, enfrentou o julgamento de Deus. Oseias havia recebido uma visão divina sobre os planos de Deus para Judá e Israel.

As bênçãos futuras e a libertação de Israel não anulam a condenação dos pecados de Israel. Isso é semelhante ao amor e à reconciliação de Oseias com a infiel Gomer, que não apagam seus erros. Restauração e perdão não significam ignorar a culpa.

Qual é a história do Livro de Oseias?

Oseias viveu durante os tempos prósperos do reino do norte de Israel sob o rei Jeroboão II, de 793 a 753 a.C. Ele também testemunhou sua derrota e a deportação do povo após a invasão assíria em 722 a.C.

[Oseias 1.1](#) menciona estes reis de Judá:

- Uzias
- Jotão
- Acaz
- Ezequias

Este versículo também menciona dois reis de Israel:

- Joás
- Jeroboão

Uzias governou simultaneamente com Joás e Jeroboão. Acaz era o rei de Judá quando a Assíria

capturou Israel. Ezequias pode ter governado junto com Acaz durante o cativeiro assírio.

Jeroboão governou Israel por 41 anos, seguindo os caminhos malignos de seu pai, Nebate ([2Rs 14.23-24](#)). Embora Israel tenha prosperado durante o reinado de Jeroboão, a corrupção governamental e o declínio espiritual prepararam o cenário para futuros tumultos, abrindo caminho para a queda de Israel. Os ricos proprietários de terras, incluindo o rei, oprimiram os camponeses, forçando os proprietários de terras de classe baixa a se mudarem das fazendas para as cidades. Esses problemas sociais logo levaram à corrupção generalizada em Israel. A anarquia resultou desses tempos ([Os 4.1-2; 7.1-7; 8.3-4; 9.15](#)).

Quando o Livro de Oseias foi escrito?

Oseias iniciou seu trabalho como mensageiro de Deus durante o reinado de Jeroboão II, de 793 a 753 a.C., e continuou até o reinado de Ezequias de Judá, de 715 a 686 a.C.

Vários fatores sugerem que Oseias continuou a profetizar durante o reinado de Oséias de Israel, de 732 a 722 a.C.:

1. "Salmã" ([Os 10.14](#)) pode ser Salmaneser da Assíria, que invadiu Israel no início do reinado de Oseias ([2Rs 17.3](#))
2. "Jarebe" ([Os 5.13; 10.6](#); ambos da versão ARC) pode se referir a Sargão II, que governou de 722 a 705 a.C.
3. As previsões da invasão assíria parecem descrever um evento prestes a acontecer ([Os 10.5-6; 13.15-16](#))
4. As menções ao Egito e à dependência de Israel dessa nação parecem corresponder ao reinado de Oseias ([Os 7.11; 11.11](#))

Esses fatores sugerem que as mensagens de Oseias foram reunidas próximo à queda de Israel em 722 a.C..

Onde o Livro de Oseias foi escrito? Para quem foi escrito?

Oseias profetizou enquanto vivia em Israel. Ele chama o rei em Samaria de "nossa rei" ([Os 7.5](#)). Suas descrições de Israel mostram que ele conhecia bem a geografia do reino do norte. Oseias menciona Gileade como se tivesse visto a área ele mesmo ([Os](#)

[6.8; 12.11](#)). Oseias foi provavelmente o único profeta do reino do norte que viveu lá durante todo o seu ministério.

Por que o Livro de Oseias foi escrito?

Oseias disse a Israel para se arrepender e voltar para Deus. Ele descreveu o Deus de Israel como paciente e amoroso, sempre fiel às suas promessas. Este foco é típico de Oseias (veja [Os 2.19](#)).

"Devoção amorosa" é a expressão que melhor representa o amor fiel de Yahweh. A vida familiar de Oseias foi um símbolo dessa devoção amorosa.

Qual é o tema do Livro de Oseias?

As principais seções e tópicos do livro de Oseias são apresentados da seguinte forma.

Capítulos 1–3

Os primeiros três capítulos de Oseias concentram-se na vida de Oseias. Eles destacam sua fidelidade e amor por sua esposa infiel.

Deus disse a Oseias para se casar com a prostituta Gomer e ter filhos com ela ([Os 1.2–3.5](#)). Este comando intrigou alguns comentaristas porque sacerdotes e profetas em Israel não se casavam com prostitutas. Escritores judeus medievais viam essa história como simbólica, mas não histórica. Alguns estudiosos posteriores viam uma diferença entre [Oseias 1](#) e [3](#), considerando o último como o relato pessoal de Oseias sobre seu casamento, enquanto o primeiro capítulo era visto como memórias gerais de seus primeiros dias como profeta. Outros comentaristas acreditavam que ambos os capítulos eram fatos literais, enquanto alguns estudiosos pensavam que [Oseias 1](#) era histórico e [Oseias 3](#) era a interpretação alegórica (não literal) de Oseias sobre o casamento.

As atividades sexuais de Gomer foram amplamente discutidas. Existem duas visões principais:

1. Gomer foi uma esposa fiel a Oseias no início do casamento. A frase "uma prostituta como sua esposa" ([Os 1.2](#)) refere-se à sua natureza pecaminosa e rebelde. Deus mais tarde expôs isso para mostrar a idolatria de Israel.

2. Gomer era uma conhecida prostituta com quem Oseias foi instruído a se casar para ilustrar a idolatria de Israel e o amor fiel de Deus. Esta segunda visão atrai mais os estudiosos evangélicos e é a interpretação mais simples dentro de um quadro bíblico literal, gramatical e histórico.

A razão pela qual Oseias precisou resgatá-la não está clara. Também é desconhecido por que o pagamento foi parcialmente em grãos e parcialmente em dinheiro. Esta transação pode simbolizar a futura libertação de Israel do exílio por Deus. No entanto, as dez tribos do norte não retornaram do exílio na Assíria. Esta interpretação provavelmente não se aplica a Judá, já que a mensagem de Oseias não era para o reino do sul, embora Judá tenha recebido um aviso ([Os 6.11](#)).

Os filhos nascidos de Oseias e Gomer receberam nomes simbólicos. O primeiro filho foi um menino chamado Jezreel ([Os 1.4a](#)). Este nome significava o julgamento de Deus sobre a família de Jeú pela matança da família de Acabe no Vale de Jezreel ([2Rs 10.1–11.30](#)).

Lo-Ruama foi o segundo filho ([Os 1.6a](#)), e seu nome significa "não mostrada compaixão ou piedade". Isso simbolizava o julgamento de Israel. A corrupção espiritual do reino do norte havia chegado ao fim, e ele seria derrotado e levado ao cativeiro ([Os 1.6b](#)).

Lo-Ami foi o terceiro filho, um segundo filho, e seu nome significa "não Meu povo" ([Os 1.8–9](#)). Esta rejeição de Israel como povo escolhido de Deus foi temporária ([Os 1.10–2.1](#)). Deus cumpriria Suas promessas a Abraão ([Os 1.10](#); [Gn 22.17](#)) e a Moisés ([Ex 19.1–7](#)) apesar da desobediência de qualquer geração em particular.

Gomer não estava feliz com seu casamento, então procurou outros amantes. Da mesma forma, Israel buscou satisfação adorando falsos deuses. Eles erroneamente atribuíram as coisas boas de seu misericordioso Deus a esses deuses pagãos ([Os 2.8–12](#)). Quando perceberam que seus pecados não trouxeram felicidade duradoura, os israelitas arrependidos retornariam ao seu primeiro amor.

A declaração de divórcio de Oseias de Gomer devido ao seu adultério simboliza o divórcio de Yahweh de Israel por sua infidelidade ([Os 2.2](#); veja também [Jr 3.1–4.2](#)). Seus filhos representam os membros individuais da nação de Israel durante o tempo de Oseias ([Os 2.2–5](#)).

[Oseias 3](#) utiliza a restauração para resumir a história de Israel. A escravidão de Israel ao pecado e a Satanás (veja [Hb 2.14-15](#)) é ilustrada pelo preço que Oseias pagou por Gomer ([Os 3.2](#)). Este preço era para uma escrava porque Gomer estava escravizada por seu adultério (veja [Ex 21.32](#)). O isolamento de Gomer, assim como o exílio de Israel, foi destinado à purificação ([Os 3.3](#); veja [Dt 21.13; 30.2](#)).

Após o exílio na Babilônia ("depois"), e "nos últimos dias", Israel retornará ao seu marido para desfrutar das bênçãos do relacionamento renovado. Em uma referência ao Messias, "Davi, seu rei", será ressuscitado para conduzir Israel ao Senhor ([Os 3.5](#)).

A última seção principal de Oseias explica em detalhes o que [Os 1-3](#) mostraram e explicaram brevemente. Oseias profetiza:

- O abandono da fé por Israel ([Os 4.1-7.16](#))
- Punição ([Os 8.1-10.15](#))
- Restauração ([Os 11.1-14.9](#))

Capítulo 4

Israel estava profundamente envolvido em atividades ímpias e havia se distanciado de Deus ([Os 4.1-2](#); compare [Ex 20.1-17](#)). O povo ignorou a palavra de Deus devido à sua indiferença e ao engano dos sacerdotes ([Os 4.6-9](#); compare [Is 5.13; Am 8.11-12; Sf 1.6](#)). Israel seguiu líderes espirituais corruptos, assim como seus reis seguiram os caminhos corruptos de governantes passados ([Os 4.9](#)). Em vez da palavra de Deus, Israel buscou orientação em ídolos e adivinhação ([Os 4.12-13](#)). Eventualmente, Israel perdeu sua identidade sacerdotal ([Os 4.6](#); compare [Ex 19.6](#)) porque os sacerdotes eram principalmente responsáveis pelo afastamento da nação da fé ([Os 5.1](#)).

Capítulos 5-6

Após apresentar seu caso contra o reino do norte, Deus dá um aviso ([Os 5.8-14](#)). A trombeta soará nas colinas de Benjamim ([Os 5.8](#)), a área entre Israel e Judá. O alarme ali indicará que Israel está sendo invadido e Judá está em risco ([Os 5.9-12](#)). O reino do norte confiava em comandos humanos, não em Deus ([Os 5.11](#)). Israel buscou ajuda da Assíria, mas enfrentou traição e derrota ([Os 5.13](#)). Nesta profecia sobre a queda de Israel para os

assírios em 722 a.C., Oseias retrata Deus como o disciplinador supremo ([Os 5.14](#)).

Deus chama ao arrependimento logo após revelar a punição ([Os 5.15-6.3](#)). (A divisão do capítulo aqui não é ideal, pois [Os 6.1-3](#) pertence a [5.15](#).) O chamado para retornar a Yahweh pode refletir a resposta pessoal de Oseias à revelação. No entanto, é melhor ver [Oseias 6.1-3](#) como as palavras do futuro remanescente que retorna. A Assíria não ofereceu cura, nem qualquer outra nação o faria, mas Deus curará Israel espiritualmente, politicamente e fisicamente ([Os 6.1](#); veja também [Ex 15.26; Dt 32.39; Is 53.5; Ez 37.1-14; Ml 4.2](#)).

Após chamar ao arrependimento, Deus volta a focar em Israel ([Os 6.4-11](#); veja também [4.15](#)). Israel se afastou de seu Criador e desobedeceu à Sua mensagem ([Os 6.7](#)). Gileade é apenas um exemplo da natureza violenta de Israel ([Os 6.8](#)). Até mesmo os sacerdotes são conhecidos por sua violência ([Os 6.9](#); veja também [1Sm 2.12-17; Jr 5.31](#)). O pecado de Israel é "horrível" ([Os 6.10](#)).

Capítulo 7

[Oseias 7](#) apresenta os pensamentos finais de Deus sobre Israel. Todo esforço de Deus para levar Israel ao arrependimento apenas destaca ainda mais o pecado deles ([Os 7.1](#)). Eles acreditam que podem pecar sem que Deus perceba ([Os 7.2](#); veja também [Sl 90.8; Mt 12.36-37](#)). Seus líderes estão satisfeitos que o povo seja tão perverso quanto o rei e os principais ([Os 7.3](#)). Todo Israel é conhecido por seu constante adultério ([Os 7.4](#)). Israel não se separou dos descrentes ([Os 7.8](#); veja também [Ex 34.12-16; 2Co 6.14-7.1](#)). Como um "bolo não virado" ([Os 7.8](#)), Israel não está equilibrado espiritualmente ou politicamente, com um lado exagerado e o outro lado cru.

Nos assuntos externos, Israel movia-se entre Egito e Assíria "como uma pomba tola e sem senso" sem entendimento ([Os 7.11](#)). Eles não buscavam o conselho do Senhor quando necessário, mas confiavam em poderes mundanos. Sua falta de fé em Yahweh e falha em se separar do pecado levarão à disciplina de Deus ([Os 7.12](#); veja também [1Co 11.32; Hb 12.5-15](#)).

Capítulo 8

[Oseias 8](#) discute o julgamento de Israel (veja [Os 8.7](#)). Um alarme avisa o povo sobre a aproximação dos assírios ([Os 8.1](#); veja também [Ez 17.2-21](#)). Os assírios atacariam Israel ([Os 8.1](#)) porque Israel quebrou o pacto do Sinai (veja [Dt 27.9-29.29](#)) e

desobedeceu à lei de Moisés. Israel falsamente clama a Deus por ajuda contra o castigo (veja [Is 10.5](#)), mas Deus não responde, e a Assíria continua a perseguir as dez tribos ([Os 8.2-3](#)). Outras razões para o julgamento de Deus incluem nomear reis sem a orientação de Deus ([Os 8.4a](#)) e praticar idolatria ([Os 4b-6](#)). Os sacrifícios de Israel eram inaceitáveis devido à desobediência da nação (veja [1Sm 15.22; Is 1.11-15](#)). Portanto, eles iriam para o exílio, semelhante ao exílio anterior no Egito ([Os 8.13](#)).

Capítulo 9

[Oseias 9](#) continua o tema do exílio. Israel não encontrará alegria ([Os 9.1](#)). A produção da terra não os sustentará porque não viverão mais lá ([Os 9.2-3](#)). Alguns israelitas fugirão para o Egito, enquanto outros serão levados cativos para a Assíria. Todos os sacrifícios cessarão, e eles consumirão os vinhos e carnes sacrificiais para suas próprias necessidades ([Os 9.4-5](#)). Os egípcios matarão aqueles israelitas que fugirem para o Egito ([Os 9.6](#)).

Capítulo 10

[Oseias 10](#) descreve ainda mais as consequências dos erros de Israel. Israel é como uma videira frondosa ([Os 10.1](#)), mas sua abundância é mal utilizada para sacrifícios em altares pagãos. Eles são culpados diante de Deus, que está prestes a destruir seus altares e remover seu rei ([Os 10.2-3](#)). Gibeá é mencionada novamente ([Os 9.9](#)), lembrando a Israel que se afastar de Deus é tanto contagioso quanto permanente ([Os 10.9](#)). A "dupla transgressão" em [Os 10.10](#) pode se referir aos dois ídolos de bezerro em Betel e Dã, que trouxeram o castigo de Deus. A penalidade será trabalho árduo sob um fardo pesado ([Os 10.11](#)).

Capítulos 11-14

Os capítulos 11 a 14 concluem as profecias de Oseias com uma mensagem sobre a futura restauração de Israel. O amor inabalável do Pai é a base para essa futura restauração ([Os 11.1-12](#)). Como nação, Israel foi chamado do Egito como filho de Yahweh ([Os 11.1](#); veja também [Êx 4.22-23](#)). No entanto, Israel não retribuiu o amor do Pai e, em vez disso, buscou alianças com pagãos ([Os 11.5](#)), o que levaria ao julgamento ([Os 11.5-7](#)). As palavras de Yahweh mostram seu julgamento imutável devido à sua completa santidade e justiça ([Os 12.1-13.16](#)). Os pecados de Israel exigem punição justa ([Os 12.1-2](#)). Israel é responsável pela destruição do

reino do norte. Apesar do pecado de Israel, Deus ainda pode ser sua ajuda ([Os 13.9](#)).

Israel deveria ter se arrependido rapidamente, mas não o fez ([Os 13.13](#)). No entanto, a misericórdia de Yahweh acabaria por terminar com a própria morte, permitindo que Israel vivesse espiritualmente, politicamente e, possivelmente, fisicamente ([Os 13.14](#); veja também [Ez 37.1-14](#); [Dn 12.1-2,13](#)).

[Oseias 14](#) apresenta o convite amoroso de Deus para que Israel se arrependa e retorne a Ele através de confissão, oração e louvor ([Os 14.2](#)). A frase "fruto dos nossos lábios" ([Os 14.2](#)) refere-se a uma oferta de gratidão, que geralmente incluía novilhos jovens ([Êx 24.5; Lv 7.11-15](#); veja também [Sl 151.17-19; 69.30-31; Hb 13.15-16](#)). Parte da confissão de Israel envolverá reconhecer que a salvação não vem da Assíria (em alianças políticas) ou de ídolos ([Os 14.3](#)).

Deus promete repetidamente bênçãos a Israel durante sua restauração (note "Eu farei", em [Os 14.4-5](#)). Yahweh curará Israel espiritualmente, amará livremente, ajudará a prosperar completamente e protegerá totalmente ([Os 14.4-7](#)). Israel será tão bela quanto o lírio, tão forte quanto o cedro e tão frutífera quanto a oliveira.

Qual é a mensagem do livro de Oseias?

O foco principal de Oseias está no último versículo ([Os 14.9](#)). Pessoas sábias viverão vidas piedosas, enquanto pessoas tolas viverão vidas ímpias. Aquelas que vivem vidas piedosas experimentarão:

- Restauração
- Triunfo sobre a morte ([Os 13.14](#))
- Bênçãos ([Os 14.4-7](#))

A idolatria é qualquer coisa que ocupa o lugar de Deus no coração humano. Israel não buscava a Deus por:

- Orientação
- Ajuda
- Bênção
- Salvação

Em vez disso, Israel recorreu a:

- Deuses estrangeiros ([Os 4.12-19](#))
- Orgulho nacional ([Os 5.5](#))
- Rituais religiosos ([Os 6.6](#))
- Conveniência política ([Os 7.3](#))
- Alianças políticas ([Os 7.11](#))
- Governo civil ([Os 8.4](#))
- Projetos de construção ([Os 8.14](#))
- Riqueza egoísta ([Os 10.1](#))
- Adoração de ídolos ([Os 13.2](#))

Eles poderiam encontrar verdadeira bênção e segurança apenas em Deus ([Os 13.4.9; 14.4-7](#)).

Oseias descreve a apostasia (abandono da fé) como contagiosa. Pode começar tanto com líderes espirituais quanto com o povo e depois se espalhar entre eles ([Os 4.9](#)). A punição para a apostasia depende da responsabilidade que alguém tem ([Os 5.1; 13.9; 14.4](#)).

Veja também Oséias (Pessoa); Israel, História de; Profecia; Profetisa.

Osíris

Veja Egito, Egípcio.

Osnapar

Algumas traduções mais literais usam Osnapar, outro nome para o rei assírio Assurbanípal em [Esdras 4.10](#). A Bíblia Tradução Brasileira 2010 usa a grafia Asnapar.

Veja Assurbanípal.

Osnapar

Nome aramaico para o rei assírio Assurbanípal ([Ed 4.10](#)).

Veja Assurbanípal; Assíria, Assírios.

Ossos

Uma das partes separadas do esqueleto humano ou animal. Após a morte, os ossos mantêm sua forma muito tempo depois que os tecidos moles se decomponem, por isso os ossos são frequentemente associados a corpos mortos ou à própria morte. Os israelitas estavam preocupados com o respeito adequado pelos corpos dos mortos ([Gênesis 50.25; 1 Samuel 31.11-13; 2 Reis 23.14-18; Ezequiel 39.14-16; Amós 2.1; Hebreus 11.22](#)).

Um vale de “ossos velhos e secos” simbolizava o povo de Israel, que estava sem esperança até que o Espírito do Senhor lhes devolvesse a vida ([Ezequiel 37.1-14](#)). Em um corpo vivo, no entanto, os ossos são tecidos vivos, e Ezequiel sabia que ossos quebrados podiam se curar ([30.21](#)). Ossos intactos eram um requisito para um cordeiro sem defeito para a Páscoa ([Êxodo 12.46; Números 9.11-12](#)). Assim, o NT afirma que quando Jesus Cristo, o “Cordeiro de Deus” ([João 1.36](#)), foi crucificado, ao contrário da prática romana, suas pernas não foram quebradas ([Salmos 34.20; João 19.30-37](#)).

Algumas referências a ossos na Bíblia ([Jó 2.5; 19.20; 30.30](#)) carregam a conotação de sentimentos profundos, como na frase “Sinto isso nos meus ossos”. Outras referências são expressões metafóricas de parentesco próximo, “carne e osso” ([Gênesis 2.23; 29.14; Juízes 9.2](#)) sendo equivalente à expressão “carne e sangue de alguém”.

Ossuário

Um pequeno caixão de pedra (latim, *ossuarium*), vaso ou caixa pequena para receber restos calcinados dos mortos, ou uma câmara sepulcral, onde os ossos dos mortos eram depositados. *Sarcófago* era o nome dado pelos gregos e romanos a um grande caixão de pedra. Algumas ideias religiosas estavam envolvidas em chamar um caixão de “comedouro de corpos” (grego, *sark*, “carne”, e *phagein*, “comer”). Em muitos casos, o enterro não era concluído até que os ossos fossem retirados da terra ou do sarcófago. Os ossos eram limpos e colocados em seu depósito final, ou seja, em um ossuário, geralmente um pequeno caixão de pedra. A tendência de adiar o enterro final, quando envolve exumação ou coleta de ossos, é acentuada ao fazer um ossuário comum para vários falecidos. Esta exumação e coleta dos ossos está ligada à ideia de reunião final com os antepassados.

Ostraca

Pedaços de cerâmica inscritos. *Veja Inscrições; Caco de cerâmica; Cerâmica; Escrita (Cacos de cerâmica).*

Otni

Levita; filho de Semaías e porteiro no templo de Salomão ([1Cr 26.7](#)).

Otniel

Juiz de Israel, mencionado como filho de Quenaz e sobrinho (ou talvez irmão) de Calebe, que libertou Israel da tirania de Cusã-Risataim, e que anteriormente se destacou ao capturar Debir ([Is 15.15-17](#); [Jz 1.11-13](#); [3.8-11](#)).

Por sugestão de Calebe (prometendo sua filha Acsa a quem pudesse conquistar Debir), Otniel tomou Quiriate-Sefer (Debir) e recebeu Acsa como esposa. Quando Calebe deu a ela a terra como presente, Acsa pediu uma fonte de água e recebeu as fontes superiores e as fontes inferiores ([Is 15.19](#); [Jz 1.15](#)).

Mais tarde, Otniel libertou os israelitas do opressor Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia (Aram-naharaim), a quem os israelitas haviam servido por oito anos devido ao seu pecado ([Jz 3.7](#)). Quando o povo clamou por alívio, o Senhor levantou Otniel. Ao libertá-los, ele foi descrito como alguém sobre quem o “Espírito do Senhor veio” (v. [10](#)). Os efeitos de seu trabalho como juiz duraram por uma geração (vv. [9-11](#)).

Veja também Juízes, Livro de.

Ouriço

Pequeno mamífero insetívoro com uma pelagem de espinhos curtos, semelhante ao porco-espinho ([Is 14.23](#); [Sf 2.14](#)). *Veja Animais (Porco-espinho).*

Ourives

Um ourives era um trabalhador habilidoso que fazia objetos de ouro. Alguns criavam ídolos caros (falsos deuses) para as pessoas adorarem ([Is 40.19](#); [41.7](#); [46.6](#); [Jr 10.9,14](#); [51.17](#)). Outros produziam itens sagrados e revestimentos de ouro para o tabernáculo e o templo de Salomão ([Êx 31.4](#); [35.32](#);

[1Rs 6.20-35](#)). Após o retorno do povo de Israel do exílio na Babilônia, os ourives formaram um grupo especial de trabalhadores. Eles ajudaram a consertar e restaurar o templo em Jerusalém ([Ne 3.8,31-32](#)).

Veja também Minerais e Metais.

Ourives

Um ourives é uma pessoa que trabalha com prata para criar diferentes objetos. Esses trabalhadores habilidosos pegam o minério de prata bruta, limpam-no para remover impurezas e depois o moldam em muitos itens úteis.

Na Bíblia, os ourives produziam instrumentos musicais como trombetas ([Nm 10.2](#)). Eles também faziam bases que sustentavam a estrutura do tabernáculo ([Êx 26.19-25](#)). Eles criavam objetos para uso no tabernáculo e no templo ([Nm 7.13-85](#)).

Ourives também confeccionavam ornamentos para uso pessoal. Alguns também faziam estátuas religiosas para adoração falsa ([Êx 20.23](#); [Jz 17.4](#)). Demétrio era um ourives em Éfeso. Ele fazia santuários de prata para a deusa Ártemis (também chamada Diana; ver [At 19.24](#)). Esta profissão era bem conhecida nos tempos do Novo Testamento ([2Tm 2.20](#); [Ap 9.20](#)).

Ouro

Elemento metálico macio e amarelo. *Veja Moedas; Minerais e Metais; Dinheiro.*

Ovelha

Ovelha, fêmea do carneiro. *Veja Animais (ovelhas).*

Ovelha

Ovelhas são animais que as pessoas criam por sua lã, leite e carne. Elas aparecem na Bíblia mais de 700 vezes. A Bíblia usa diferentes palavras para ovelhas dependendo de sua idade e gênero:

- Um cordeiro é uma ovelha jovem.
- Uma ovelha é a fêmea do carneiro.
- Um carneiro é o macho da ovelha.

Ovelhas no cotidiano

As pessoas que criavam animais dependiam de suas ovelhas para sobreviver. Elas forneciam alimento, leite, lã, peles e ossos. As ovelhas também eram usadas no comércio e em sacrifícios. A criação de ovelhas na antiguidade era extensa. Por exemplo, Mesa, o rei de Moabe, pagava um tributo de 100.000 cordeiros e a lã de 100.000 carneiros a cada ano ([2Rs 3.4](#)). Os israelitas tomaram 250.000 ovelhas dos hagritas ([1Cr 5.21](#)).

A tosquia de ovelhas era frequentemente realizada durante festivais ([2Sm 13.23](#)). A ovelha era imobilizada, suas pernas eram amarradas, e então era calmamente tosquiada ([Is 53.7](#)). No entanto, as ovelhas destinadas a holocaustos permaneciam sem tosquia. Nada poderia ser poupadão de um sacrifício ao Senhor.

A lã precisava ser preparada antes de se tornar roupa. Primeiro, era lavada, às vezes ainda na ovelha. Depois, era cardada e possivelmente pesada. Fiá-la era trabalho das mulheres ([Pv 31.19](#)). No entanto, tecê-la em tecido em um tear era principalmente feito por homens.

Tipos de ovelhas

A Bíblia nos diz que Abel cuidava de ovelhas ([Gn 4.2](#)). A primeira ovelha domesticada foi provavelmente o argali (*Ovis Amom*). É um tipo de urial (*Ovis vignei*), uma espécie de montanha ainda encontrada no Turquestão e na Mongólia. Por volta de 2000 a.C., cinco tipos diferentes dessas ovelhas de montanha já haviam se espalhado para o Oriente Médio.

As ovelhas em Israel eram as ovelhas de cauda larga (*Ovis orientalis vignei* ou *laticaudata*). Sua cauda pesa de 4,5 a 6,8 quilogramas e era considerada um alimento especial. Por causa disso, Deus pediu a cauda como parte de um sacrifício ([Ex 29.22-25](#)).

Nas ovelhas de cauda larga, apenas o carneiro possui chifres. No entanto, em outros tipos de ovelhas das terras de Israel e Palestina, as ovelhas também têm chifres. Esses chifres medem de cinco a oito centímetros de largura e funcionam como armas ferozes. Os chifres dos carneiros poderiam

ser usados como trombetas ou como recipientes para óleo ([Is 6.4](#); [1Sm 16.1](#)).

As ovelhas são semelhantes às cabras, mas possuem algumas características diferentes:

- Suas testas são mais curtas.
- Seus chifres se curvam em um padrão espiral com linhas que os atravessam.
- Eles têm lã em vez de pelos.
- Eles não têm a barba que as cabras possuem.

A maioria das ovelhas tem lã branca ([Sl 147.16](#); [Is 1.18](#); [Dn 7.9](#); [Ap 1.14](#)).

Carne de cordeiro

Nos tempos bíblicos, a carne de ovelha era um luxo. O rei Salomão precisava de 100 ovelhas diariamente para sua mesa ([1Rs 4.23](#)). As pessoas comuns comiam cordeiro ou carneiro apenas em festivais. Elas geralmente escolhiam um carneiro jovem, pois as ovelhas eram vitais para o futuro do rebanho. Elas ferviam a carne em grandes panelas. O leite de ovelha contém muita gordura e nutrientes. Nos tempos bíblicos, as pessoas frequentemente deixavam-no coalhar antes de beber. É possível que alguns israelitas mantivessem cordeiros como animais de estimação ([2Sm 12.3-4](#)).

Para proteger o rebanho de predadores à noite, o pastor construía um aprisco. Perto das aldeias, ele construía apriscos e contratava vigias para ajudar. Mas os pastores também às vezes precisavam acampar com o rebanho. Por exemplo, na história do nascimento de Jesus, os pastores estavam nos campos ([Lc 2.8](#)). Eles provavelmente montavam uma tenda simples com cobertores de pelo de cabra sobre suportes de mudas. Nas terras de Israel e Palestina, a água era escassa. Portanto, era muito importante para os pastores encontrar água para seus rebanhos ([Gn 13.8-11](#)).

Ovelhas selvagens de montanha, como as variedades de *Ovis orientalis*, vivem na região do Mediterrâneo ([Dt 14.5](#)). A passagem em Deuteronômio pode se referir a *Ovis traelaphus*, uma ovelha com cerca de um metro e meio (cinco pés) de altura, com chifres longos e curvados. Outra possibilidade é a ovelha da Barbária, que vive em pequenos bandos em áreas montanhosas accidentadas na Barbária, Egito e Monte Sinai.

Ovelhas como símbolos

A ovelha também é usada como símbolo nas Escrituras. O carneiro simbolizava a força da Pérsia na visão de Daniel ([Dn 8.3](#)). É da natureza das ovelhas serem:

- Gentis e submissas ([Is 53.7](#); [Jr 11.19](#))
- Indefesas ([Mq 5.8](#); [Mt 10.16](#))
- Em constante necessidade de orientação e cuidado ([Nm 27.17](#); [Mt 9.36](#))

Essas qualidades são importantes para os crentes em Cristo. Por isso, o Novo Testamento frequentemente compara os crentes a ovelhas e Jesus a um pastor ([Mc 6.34](#); [Jo 10.1-30](#); [Rm 8.35-37](#); [Hb 13.20-21](#); [1Pe 2.25](#)). O Cristo ressuscitado disse ao apóstolo Pedro para “alimentar meus cordeiros” e “pastorear minhas ovelhas” ([Jo 21.15-17](#)).

Veja também Ofertas e sacrifícios.

Ox (Pessoa)

Descendente de Israel, avô de Judite, a heroína dos tempos dos Macabeus ([Jt 8.1](#)).

Ozém

1. Sexto filho de Jessé e descendente de Hezrom ([1Cr 2.15](#)).
2. Quarto filho de Jerameel por sua primeira esposa ([1Cr 2.25](#)).

Oziel

Antepassado de Judite, a heroína dos tempos dos Macabeus ([Jt 8.1](#)).

Ozni, Oznita

Ozni era outro nome para uma pessoa chamada Esbom. Os oznititas eram o grupo familiar que descendia de Ozni ([Nm 26.16](#)).

Veja Esbom #1.